



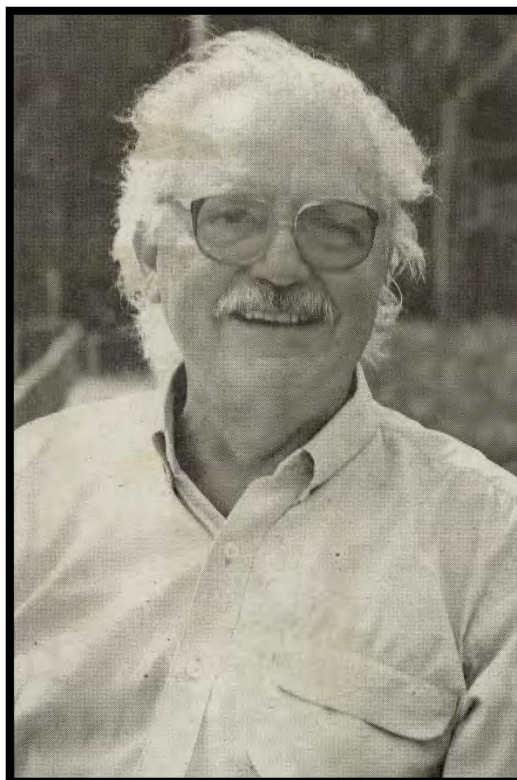
UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



IDCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias Sobre Salim Miguel:

Matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume VIII – 2008-2009

Organização e digitalização: Iraci Borszcz

Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

SUMARIO

001: Memórias da Infância.....	4
002: Letras em apuros.....	5
003: Personalidades.....	6
004: Personagem.....	7
005: Alma de quem escreve: os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano.....	8
006: Entre o árabe e o alemão: Salim Miguel lança hoje em Florianópolis jornada com Rupert.....	9
007: Acerto de contas, 60 anos depois: novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude.	10
008: Entre o árabe e o alemão.....	11
009: FOLHEANDO: Livro de Salim Miguel.....	12
010: RUPERT reencontra seu cenário	13
011: Reencontro literário: novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina	14
012: SALIM Miguel	15
013: O machado dos escritores.....	16
014: ANOS de chumbo: Antes subversivos, hoje eles são heróis	17
015: Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição	18
016: Contador de histórias.....	19
017: Salim Miguel inaugura o cidade contada	20
018: Bastidores da literatura: Salim Miguel reverencia autores e obras em Minhas Memórias de Escritores.....	21
019: Memórias de Salim.....	22
020: OBRAS de escritores na ótica de Salim Miguel	23
021: ESCREVO para ser.....	24
022: PAIOL literário	25
023: Somos o que a infância nos fez: escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita.....	29
024: Entre o árabe e o alemão	30
025: Porque tudo cabe numa única vida	31
026: UM século do Vale do Itajaí. In prontos para sair do prelo	32
027: O conjunto de uma obra: Salim Miguel recebe hoje no Rio de Janeiro o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.....	33
028: O gago que dá palestra	34
029: Mudança desagradada setor.....	38
030: Destaque de 2008 é de Santa Catarina	39
031: E agora Salim?	40
032: Um dia, um século: A saga da colonização do vale do Itajaí no último romance de Salim Miguel	41
033: UM apanhado do melhor	42
034: Verdades de um vigia das palavras.....	43
035: COLONIZAÇÃO de Blumenau	47
036: SALIM Miguel e a narrativa da história	48
037: SILVA, Dionísio da. Diálogo com um outro tempo.....	49
037A: Rico mergulho na história da imigração alemã em SC.	50
038: Com a palavra.....	51
039: MACHADO de Assis para Salim	52
040: Autor Premiado	53
041: SOU um jornalista que escreve ficção.....	57
042: JORNAL importante na imprensa.....	58

043: MEU filho, se tu não...	59
044: HOMENAGEM a Salim Miguel	60
045: Obras para serem vistas	61
046: O Salim de Biguaçu	62
047: Talento premiado	63
048: PRISÃO logo após o golpe	64
049: Célebre videoteca	65
050: ENCONTRO com Salim	66
051: Uma vida dedicada às palavras	67
052: Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista	68
053: FICÇÃO munida de precisão do repórter	69
054: Revistas literárias da década de 1970 (5)	70
055: Longa jornada pela escuridão	72
056: Amigo de Salim. In: Verões de Sandrini	74
057: Um patrono de respeito: Deonísio da Silva confirma presença na 2ª feira catarinense do livro, que inicia no próximo dia 6	76
058: Origem do grupo sul	77
059: QI	78
INDICE POR AUTOR	79
INDICE POR ANO	82
INDICE POR JORNAL	85

001: Memórias da Infância

PASTERNAK, Dariene. Memórias da Infância. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 18/nov., 2008, pag. 1. Plural.

Obra. Em "Jornada com Rupert", narrativa se passa em um dia na vida do personagem

Memórias da infância

DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasodia.com.br

Das memórias da infância passada em regiões de colonização alemã, o escritor e jornalista Salim Miguel retira os contornos de seu novo trabalho, "Jornada com Rupert" (Editora Record), que será lançado hoje na livraria Livros & Livros, na Capital. A narrativa relata um dia na vida do angustiado personagem durante uma viagem de trem, do amanhecer ao anoitecer, e recupera neste intervalo de tempo fragmentos de cem anos de imigração. "Não fiz um romance histórico. É uma obra de ficção, que tem como pano de fundo elementos da história", define o autor, que nasceu no Líbano. Ele também começou a ser alfabetizado em alemão em São Pedro de Alcântara e no distrito de Rachadel, hoje Antônio Carlos, ambos colonizados por germânicos.

O autor também autografa hoje a quinta edição de "Nur na Escuridão", de 1999, desta vez pela Editora Record – centrado na vinda de sua família ao Brasil. A obra rendeu três premiações, entre elas o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

O novo livro conta a trajetória de Rupert desde a chegada de sua família, os Von Hartroieg. Os avós e tios-avós do protagonista se instalam no Vale do Itajaí, incentivados pelos relatos de Hermann Blumenau, que fundou a colônia de Blumenau em 1850. Ele vive em confronto com o pai, Herr Hans, que tem uma fábrica de tecidos e é um simpatizante do

nazismo. Com o irmão, que se submete e dirige a fábrica junto ao pai, também vive uma relação de conflito. O seu amor Ilze, vive dividido entre ele e Hermann, que foi seu colega de escola. É ela quem assume mais tarde a narrativa, relatando sua vida no Rio de Janeiro, sempre respondendo ao pai que manda as notícias de Blumenau. "Vemos nesta história uma Blumenau que não se torna nem a colônia agrícola que desejava Hermann Blumenau e nem a colônia socialista de Fritz Müller. Ela foge ao destino dos dois e se torna um grande parque industrial", explica.

Aos 84 anos, Miguel, que vive em Santa Catarina desde os cinco anos, tem uma escrita contemporânea, que mistura ficção e realidade. "É uma intertextualidade entre pessoas que existiram e outras, que passam a existir no momento que o autor as cria", resume.

Não é em vão que define que escrever "é saber reescrever, reescrever, reescrever e cortar". Há oito anos com um problema de visão que o impede de ler e escrever sozinho, o jornalista trabalha com a ajuda da mulher Eglê Malheiros, escritora, professora e tradutora; e também do neto Jorge Luiz, que estuda teatro e artes visuais. Em seu 30º título – 20 sobre ficção, três de depoimentos e sete referentes a autores e livros – e uma passagem de 40 anos no meio jornalístico, Miguel tem novas inspirações literárias. Já tem mais uma nova novela em análise no momento. "A única coisa que sei fazer é ler e escrever. Já são mais de 75 anos de palavras diárias", conclui.



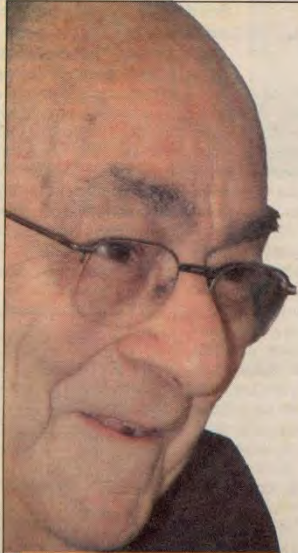
FOTOS TACIANA IZUKA

Salim. Autor catarinense põe Blumenau como pano de fundo de sua ficção

“Hoje é feriado e de repente me lembro de que na carta anterior não lhe falei do sete de setembro, com a multidão na rua, o Dutra presidindo a solenidade e o desfile das tropas com destaque especial para os pracinhas”

Trecho da carta da personagem Ilze

SERVIÇO
• O quê: Lançamento do livro "Jornada com Rupert" e da 5ª edição de "Nur na Escuridão", de Salim Miguel
• Quando: 18/11, 17h às 20h
• Onde: Livraria Livros & Livros, rua Jerônimo Coelho, 215, tel.: 3028-6244
• Quanto: R\$ 22 ("Jornada com Rupert") e R\$ 40 ("Nur na Escuridão")



Ligação espiritual

“Ópera dos Vivos”. Jayme Copstein fala com humor dos erros cotidianos das redações jornalísticas

Letras em apuros

LETÍCIA KAPPER
leticia@jornalnoticiasdodia.com.br

Entre um gole e outro de café no Mercado Público, Centro de Florianópolis, o escritor e jornalista octogenário Jayme Copstein divertiu-se falando de seu novo livro, “Ópera dos Vivos” (Editora Canadá). E não poderia ser diferente. O bom humor, uma de suas marcas, está impresso em sua obra que fala dos erros cotidianos das redações. O lançamento do trabalho do gaúcho na capital catarinense será hoje, na Livraria Catarinense do Beiramar Shopping.

Nas 134 páginas, o autor, natural de Rio Grande e radicado em Porto Alegre, passela por um universo íntimo, justificado por seus 65 anos

de jornalismo. Baseado na vivência de cinco jornalistas, entre os quais está o próprio, histórias distribuídas em 31 capítulos rendem boas gargalhadas. “Dou risada disso tudo o tempo todo”, diz.

Mais admirável que sua presença de espírito é a memória desse jornalista que atualmente produz o programa “Paredão”, na rádio Pampa e é colunista do jornal “O Sul”. Todos os momentos relatados em seu livro ficaram retidos em sua memória ao longo dos anos, o que dispensou uma pesquisa aprofundada. “Apenas algumas datas precisei conferir no jornal.”

O dom de fazer piada, assim

como o de reconhecê-la, é outra habilidade identificada já na infância. Aos 12 anos, em Rio Grande, participava com sua turma do Serviço Riograndino de Alto-falantes, por meio da qual faziam propaganda de produtos. “Um de nós falava: ‘ai meu calo’. E o outro respondia: ‘não use calos, use Minâncora’”, lembra o escritor, que acabou se afastando de tudo que amplifique a voz e manteve-se nos bastidores dos rádio e nas redações dos jornais.

Ao final, a lição é a mesma que o Copstein traz com sua experiência. “Jornal se faz igual em todo o lugar do mundo, e agora acrescento: em qualquer tempo”, observa o jornalista, que viveu a época do linótipo, quando 300 edições de quatro páginas eram uma grande tiragem.

JORNALISTAS DA OBRA

- ✶ Peter Khiss
- ✶ Archymedes Fortini
- ✶ Ernesto Corrêa
- ✶ Saul Porto
- ✶ Jayme Copstein



Experiência. Jaime Copstein, uma vida inteira dedicada ao jornalismo

SERVIÇO

- ✶ **O quê:** Lançamento do Livro “Ópera dos Vivos”
- ✶ **Quando:** Hoje, 19h
- ✶ **Onde:** Livraria Catarinense, Beiramar Shopping, rua Bocaiúva, 2.468, Piso Joaquina, loja 247/248, Centro, Florianópolis, tel.: 3271-6000
- ✶ **Quanto:** R\$ 30

Personalidades

A Academia Catarinense de Letras e Artes (Acla), que congrega escritores, poetas, músicos e artistas plásticos, reuniu-se sexta-feira para eleger os contemplados da segunda edição do Prêmio Personalidades do Ano 2008, nos campos literário, artístico e musical. Os escolhidos foram o escritor Salim Miguel, a artista plástica Doraci Girrulat e o presidente da Pró-música, Darcy Brasileiro dos Santos. Receberão, respectivamente, os prêmios “Paschoal Apóstolo Pítsica”, “Victor Meirelles” e “Edino Krieger”. A solenidade de entrega das medalhas e diplomas será em dezembro.

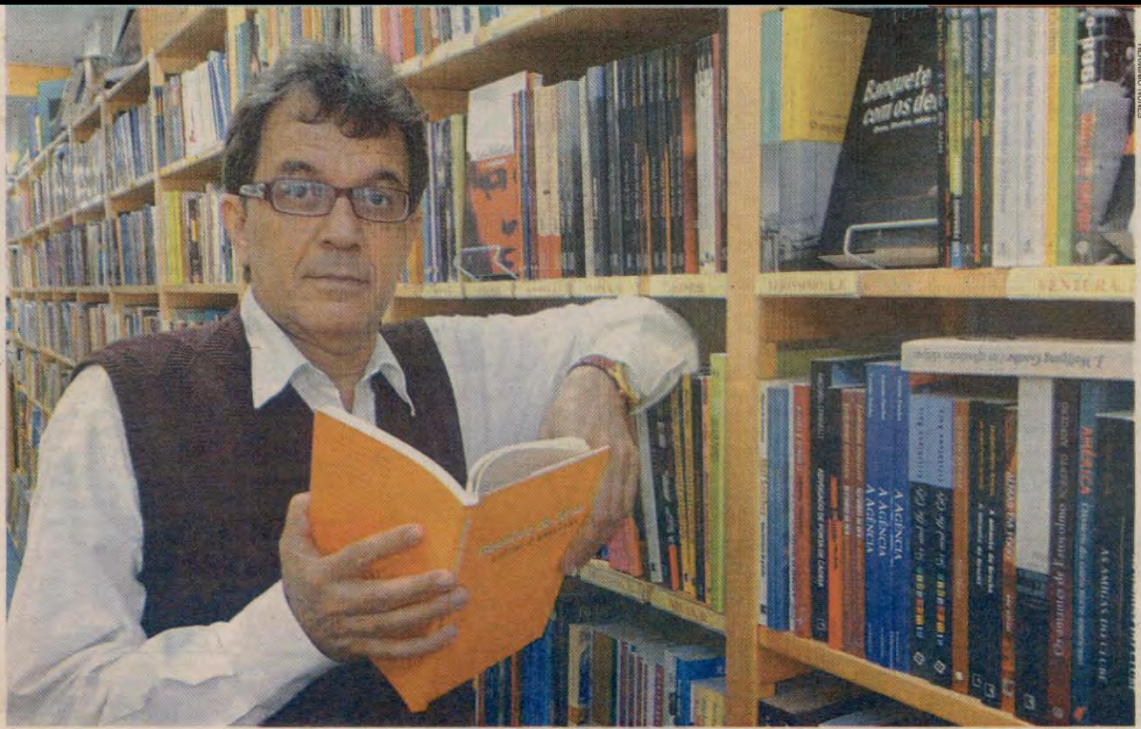
004: Personagem

SARTORI, Raul. Personagem. **A Notícia**. Joinville, 9/nov., 2008, pag. D7. Coluna Raul Sartori.



005: Alma de quem escreve: os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano

IENSEN, Jacqueline. Alma de quem escreve: os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 20/nov., 2008, pag. 1. Variedades.



Deonísio da Silva recebeu de **Giovanni Ricciardi** a prova da tradução de seu romance *Avante Soldados, para Trás*

Alma de quem escreve

Os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano

JACQUELINE IENSEN Palhoça

De que forma as encruzilhadas ou as iluminuras do cotidiano de um escritor interferem ou se refletem em sua obra?

Pois esta pergunta que tem norteado a vida acadêmica de Giovanni Ricciardi, professor de literatura portuguesa e brasileira da Universidade de Nápoles, é o tema da palestra que o pesquisador italiano apresenta hoje, às 20h, na Unisul, em Palhoça. Também participam do encontro os escritores Salim Miguel e Deonísio Silva.

Nos anos 1970, Ricciardi ocupou-se da sociologia da literatura. Escreveu livros sobre o tema enquanto passava os dias ministrando aulas de italiano e de história. Inclusive é dele a primeira obra sobre o tema em português, publicada em 1971, em Portugal. Normalmente, os pesquisadores escolhem uma metodologia crítica para estudar os seus autores que, não raro, se restringe à obra, ao autor ou ao seu público. Mas o espírito inquieto do italiano o empurrou para mais longe.

— Em 1983, comecei a me especializar no fazedor de texto, entrevistar, compreender as crises e a criação literária. Analisar, por exemplo, o quanto e porque o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é tão diferente de suas primeiras obras (*Cadê, São Bernardo e Angústia*). O que aconteceu para que Graciliano mudasse tanto o rumo dos seus personagens que, nas três primeiras obras, tinham um final tão pessimista e, depois, em *Vidas Secas*, ele construiu

Serviço
Quando: hoje
Onde: Unisul — Campus Pedra Branca — auditório do Bloco G (Av. Pedra Branca, 25 — Palhoça)
Horário: 19h
Ingresso: Gratuito

Fabiano, um protagonista vencedor que se diz mais forte do que xique-xiques e mandacarus. Certamente, o período passado na cadeia em 1936 deve tê-lo influenciado — analisa Ricciardi, observando que, às vezes, se dá pouca importância para a biografia de um escritor que pode ou não ajudar o leitor a compreender melhor uma obra. É quase como tentar enxergar a alma de quem escreve.

Ricciardi cita o poeta Manoel de Barros que, em 1937, escreveu *Poemas Concebidos sem Pecados*, conheceu o comunismo e achou que poderia salvar o mundo com a poesia.

— Mas entendeu que poesia se faz com palavras e não idéias — comenta o pesquisador.

Ricciardi estará bem-acompanhado, hoje, na Unisul. Aliás, um privilégio de-poucos, uma vez que sua vida é entre os livros e os escritores. Ao seu lado, dois catarinenses.

— Salim é um grande escritor, aristocrático na fala, no porte e no relacionamento humano — elogia o italiano.

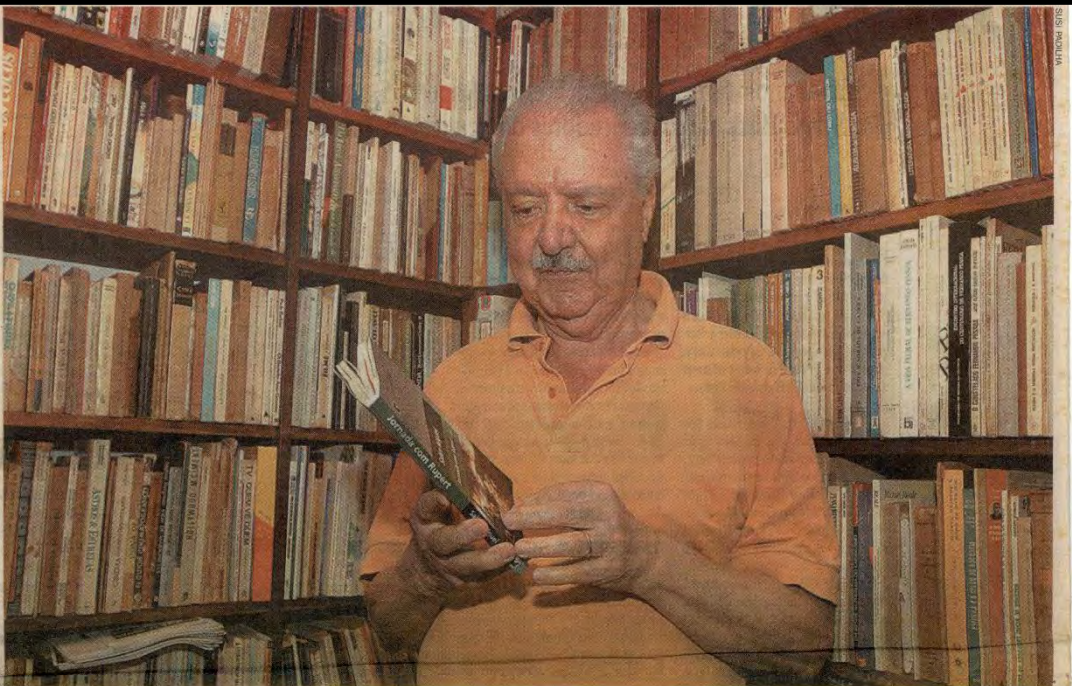
Para Deonísio, a visita do professor da Universidade de Nápoles ao Brasil tem um significado muito especial. Ele trouxe a última prova do livro *Avante Soldados, para Trás*, que Ricciardi traduziu para o italiano, com prefácio de José Saramago e lançamento previsto para dezembro.

— O que me encantou nele é seu interesse pelos autores brasileiros. O meu caminho é cheio de pessoas amorosas que, sem me conhecer, deram atenção aos meus escritos — diz Deonísio, cujo trabalho já foi tese de uma aluna de Ricciardi, há 32 anos.

E, assim, a literatura cumpre mais uma função. Além de informar, promove a construção ou a reelaboração de idéias, o encontro dos leitores com as obras, e revela a alma dos escritores.

006: Entre o árabe e o alemão: Salim Miguel lança hoje em Florianópolis jornada com Rupert...

MACIEL, Nahima. Entre o árabe e o alemão: Salim Miguel lança hoje em Florianópolis jornada com Rupert... **Diário Catarinense**. Florianópolis, 18/nov., 2008, pag.4 e 5. Variedades.



Salim Miguel, que relança ainda o romance *Nur na Escuridão*, traz em seu último livro muitos pontos de contato com sua própria biografia

Correio Braziliense/DC
NAHIMA MACIEL

Entre o árabe e o alemão

Salim Miguel lança hoje, em Florianópolis, *Jornada com Rupert*, obra em que o escritor de origem libanesa retrata a imigração alemã no Sul

“Escrever é um desafio permanente. Como sou jornalista que escreve ficção, gosto muito de desafios. Então, resolvi sair do meu universo ficcional sobre imigração e colonização alemã no Vale do Itajaí

Na escola, as aulas de alemão substituíam as de português, e o pequeno libanês aprendia o árabe ao mesmo tempo em que era alfabetizado na língua européia. Na mesma região, decidiu plantar a família de Rupert, descendente de imigrantes alemães cujo pai, nascido em solo brasileiro, sonhava com

(APCA/1999) e Zaffari & Bourbon (2001). *Jornada com Rupert* e *Nur na Escuridão* tratam de dois universos distantes da imigração no Brasil, mas que encontram pontos de contato na biografia do autor. Quando criança, antes de se mudar para Florianópolis, Miguel morou em São Pedro da Alcântara, o primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina.

Na escola, as aulas de alemão substituíam as de português, e o pequeno libanês aprendia o árabe ao mesmo tempo em que era alfabetizado na língua européia. Na mesma região, decidiu plantar a família de Rupert, descendente de imigrantes alemães cujo pai, nascido em solo brasileiro, sonhava com

A Alemanha dos avós e alimentava bizarra obsessão por Adolf Hitler. Rupert se sente amarrado ao universo autoritário, dominado pela figura paterna, e resolve tomar um trem para outra direção. Não ia seguir o destino de agricultor, delineado pela tradição familiar.

Mesmo sem saber ao certo o que seguiria, sabia que seus passos marcariam caminhos diferentes. É com narrativa entrecortada e saltos no tempo que Miguel desenvolve o romance na tentativa de cobrir um século de história. Se no primeiro capítulo o leitor não tem certeza da época, apesar das descrições de uma melancólica viagem de trem, no terceiro o autor retorna ao final do século 19 para descobrir os detalhes da imigração da família Von Hartroieg. Lá pelo meio do livro, o tempo presente aproxima a história do leitor contemporâneo para distanciar-lo em seguida e remete-lo ao início do livro, na verdade 1949.

– É com esse jogo que a estrutura narrativa descontinua da unidade do livro – justifica o autor.

Assim, ele visita 100 anos de história do Brasil com especial ênfase em cenários políticos marcantes da região, como a Guerra do Contestado e a campanha presidencial de Getúlio Vargas. Mas os fatos funcionam como referências. Não são centrais na trama.

– Não faço romance histórico, mas aproveito elementos da história como pano de fundo. *Jornada com Rupert* traz passagens da história do Brasil, da mesma forma que tem referência à Grande Guerra. Rupert é um rebelde que não sabe muito o que quer na vida – avisa.

O jornalismo fez Miguel se encantar com os fatos e trazê-los para seus romances. Editor da revista *Ficção* entre 1976 e 1979, colaborador da *Manchete* e do caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, Miguel deixou o jornalismo há anos para se dedicar à literatura. Publicou mais de 30 livros e, em 2005, ganhou o Jabuti com *Mare Nostrum*.

Jornada com Rupert, de Salim Miguel. Record. 174 págs. R\$ 22

007: Acerto de contas, 60 anos depois: novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude.

KRAPP, Juliana. Acerto de contas, 60 anos depois: novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 29/out., 2008, pag. B2. Caderno B.

Acerto de contas, 60 anos depois

Novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude

Juliana Krapp

Aos 84 anos, o escritor Salim Miguel assume, divertido, que o protagonista de seu novo romance, *Jornada com Rupert*, o persegue desde a infância. Ou seja: desde os tempos em que, vindo do Líbano, passou a conviver com os alemães predominantes em Biguaçu, nas proximidades de Florianópolis, onde foi alfabetizado na língua de Goethe. Por isso, o livro que o autor lança hoje na Livraria Argumento do Leblon, às 19h, dormiu durante 58 anos no fundo de uma gaveta. As primeiras anotações a darem conta de Rupert, o jovem rebelde que sonhava em trocar Biguaçu pelo mundo, datam de 1948. Em 2006, ao mexer em alguns papéis, Miguel esbarrou no esboço de romance. E, sob a influência insistente da família, decidiu retomá-lo.

— Costumo dizer que não saio atrás de personagens, nem de temas: eles é que me procuram. Rupert não saía do meu pé. Volta e meia me perguntava: “Quando é que vai terminar aquele romance comigo?” — brinca.

O Sul babélico

O resultado é que, em *Jornada com Rupert*, aparecem algumas das características mais marcantes da trajetória narrativa de Miguel: a mistura de memória e ficção; o olhar sobre os imigrantes; o cotidiano de um Sul babélico — além de alemães e libaneses, a região foi formada por açorianos, portugueses, italianos, negros e índios. Com uma grande

diferença, no entanto, para o padrão de seus outros romances: desta vez, o cenário não é Florianópolis, Biguaçu ou Rio, palcos por excelência das histórias de Miguel, e sim o Vale do Itajaí. Revendo as anotações originais, o autor decidiu deslocar o personagem no mapa catarinense. Dessa forma, pôde passar pela história da construção de Blumenau, uma das cidades mais importantes do Estado. E, ainda, atravessar 100 anos de colonização, com fragmentos da

história do Brasil, da Alemanha e até da Guerra Civil Espanhola.

— A linha central do romance se passa em apenas um dia, durante uma viagem de trem de Rupert, na década de 40 — explica o autor. — Já a história de fundo, que comporta os 100 anos de colonização, desdobra-se em fragmentos desconectados, sem ordem cronológica. É o meu jeito de contar.

Esse não é, contudo, um romance histórico, ressaltava Miguel. Se

recuperou fatos em sua própria memória e em registros históricos, também fez questão de não abrir mão do ficcional.

Além de *Jornada com Rupert*, Miguel lança hoje a edição revista de *Nurna esanão*, premiado romance no qual, usando traços autobiográficos, narra a chegada ao Brasil de uma família de libaneses.

Com 30 livros publicados, entre romances, novelas, contos e depoimentos, o escritor é considerado

o principal nome literário de Santa Catarina. Chama a atenção, porém, para a existência de uma nova geração de bons autores catarinenses, que permanecem obscuros no resto do país:

— Quem não tem a chance de publicar pelas grandes editoras do eixo Rio-São Paulo não acontece no Brasil — reclama. — Não sou nem pior nem melhor do que os jovens escritores de minha terra: apenas tive a sorte de trabalhar no Rio e ganhar visibilidade com isso.

Miguel é também um renomado jornalista: passou pelas principais redações do país, incluindo o **Jornal do Brasil**. Em Santa Catarina, ajudou a criar o Grupo Sul, coletivo de artes conhecido por ter feito o primeiro longa-metragem catarinense, *O preço da ilusão*.

Agora, um problema de visão obriga Miguel a limitar suas leituras — mas o escritor não admite reprimir sua produção. Tanto que, na viagem ao Rio, traz debaixo do braço os originais de uma nova novela.

— Penso em chamá-la *Ganja*, que é uma gíria do Sul para as tradicionais, e malvadas, brigas de canarinho.

» Nas livrarias

Jornada com Rupert
Salim Miguel
Record, 176 p., R\$ 22

Nur na esanão
Salim Miguel
Record, 320 p., R\$ 40



HISTÓRIA E FICÇÃO — Autor lança hoje, na Livraria Argumento do Leblon, livro que remonta à colonização do Vale do Itajaí

ENTRE o árabe e o alemão. **Jornal de Santa Catarina.** Blumenau. 13/nov., 2008, pag. 01. Lazer.

Entre o árabe e o alemão

SALIM MIGUEL LANÇA JORNADA COM RUPERT, LIVRO AMBIENTADO EM BLUMENAU, EM EVENTO HOJE À NOITE NA FURB

DANIEL CONZI - 15/11/2005

Novidades de Salim

- ✓ Jornada com Rupert, Editora Record, 174 páginas, R\$ 22
- ✓ Nur na Escuridão, Editora Record, 320 páginas, R\$ 40
- ✓ Lançamento com palestra no Auditório Professor Padre Orlando Maria Murphy, na Biblioteca Universitária, campus 1 da Furb. Hoje, 19h

História

Jornada com Rupert e Nur na Escuridão tratam de dois universos distantes da imigração no Brasil, mas que encontram pontos de contato na biografia do autor. Quando criança, antes de se mudar para Florianópolis, Miguel morou em São Pedro da Alcântara, o primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina. Na escola, as aulas de alemão substituíam as de português, e o pequeno libanês aprendia o árabe ao mesmo tempo em que era alfabetizado na língua europeia.

Na mesma região, o autor decidiu plantar a família de Rupert, descendente de imigrantes alemães cujo pai, nascido em solo brasileiro, sonhava com a Alemanha dos avós

e alimentava bizarra obsessão por Adolf Hitler. Rupert se sente amarrado ao universo autoritário, dominado pela figura paterna, e resolve tomar um trem para outra direção. Não ia seguir o destino de agricultor, delineado pela tradição familiar. Mesmo sem saber ao certo o que seguiria, sabia que seus passos marcariam caminhos diferentes.

É com narrativa entrecortada e saltos no tempo que Miguel desenvolve o romance na tentativa de cobrir um século de história. Se no primeiro capítulo o leitor não tem certeza da época, apesar das descrições de uma melancólica viagem de trem, no terceiro o autor retorna ao final do século 19 para descobrir os detalhes da imigração da família Von Hartroieg. Lá no meio do livro, o tempo presente aproxima a história do leitor contemporâneo para distanciá-lo em seguida e remetê-lo ao início do livro, na verdade 1949.

É com esse jogo que a estrutura narrativa descontinua dá unidade ao livro – justifica o autor.

Assim, ele visita 100 anos de história do Brasil com especial ênfase em cenários políticos marcantes da região, como a Guerra do Contestado e a campanha presidencial de Getúlio Vargas. Mas os fatos funcionam apenas como referências.

– Não faço romance histórico, mas aproveito elementos da história como pano de fundo. Rupert é um rebelde que não sabe muito o que quer na vida – despiста.

Escritor nascido no Líbano faz palestra às 19h em auditório na Biblioteca Universitária



010: RUPERT reencontra seu cenário

RUPERT reencontra seu cenário. **A Notícia**. Santa Catarina, 13/nov., 2008, pag. 2. Anexo.

**"JORNADA"
E "NUR"**

Blumenau
Hoje, às 19 horas.
Na Biblioteca da
Furb, rua Antônio
da Veiga, 140.
Informações: (47)
3321-0310.

Florianópolis
Dia 18, às 17h.
Na Livraria Livros
& Livros, rua
Jerônimo Coelho,
215. Informações:
(48) 3028-6244.

Rupert reencontra seu cenário

BLUMENAU

Passaram-se 60 anos para Salim Miguel enfim dar ao seu primeiro livro, "Jornada com Rupert", um tratamento considerado por ele como ideal. Enquanto isso, seu personagem inquieto e angustiado, Rupert von Hartroieg, teve a vida revista três vezes até o autor decidir qual seria sua história definitiva. O resultado de todo este processo pode ser debatido diretamente com Salim nos próximos dias em Blumenau e Florianópolis (confira o "Saiba +" ao lado).

O lançamento de "Jornada

com Rupert" ocorre três anos após o escritor ser finalista do prêmio Jabuti pelo seu último romance, "Mare Nostrum", lançado em 2004. A nova obra narra o cotidiano do clã Von Hartroieg na década de 40 pelos olhos do herdeiro Rupert. Durante uma misteriosa viagem determinante para seu futuro, o protagonista relembra episódios do passado familiar e como esses interferiram diretamente em sua história. Assim, acompanhamos a construção do casarão da família, levada adiante por seus avós, no século 19, enquanto uma pequena comunidade de imigran-

tes alemães se transforma de colônia agrícola para um núcleo industrial.

O lançamento de "Jornada com Rupert" já passou por lugares como Brasília e Rio de Janeiro antes de chegar em Santa Catarina. Em paralelo, o autor apresenta a nova edição de "Nur na Escuridão", escrita originalmente em 1999 quando ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em comum, as duas obras tratam do tema da imigração. A conversa com Salim Miguel acontece hoje em Blumenau e na próxima terça-feira, 18, em Florianópolis.

**NOVO
LIVRO**



"Jornada com Rupert" – Record, 176 páginas, R\$ 22 (preço médio).

011: Reencontro literário: novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina

RUY, Karine. Reencontro literário: novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27/out., 2008, pag. 1. Variedades.

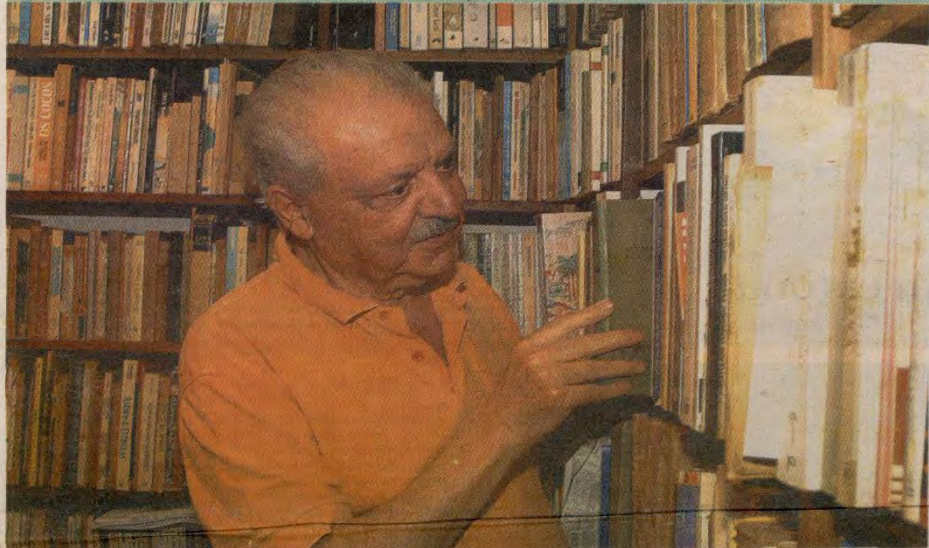
Variedades

Editor: DORVY REZENDE 3216-3590 Subeditoras: Márcia Fajó e Valéria Riviere 3216-3591 variedades@diario.com.br

DIÁRIO CATARINENSE

livro
Píppi tem
nova face





Escritor usa como cenário Blumenau na década de 1940 para contar a história de um jovem que sonha com a liberdade

Trecho do livro

Rupert caminha. Saiu há pouco de casa. Ainda nervoso, exaltado: resultado da briga com o pai. Não há meios de se entenderem. Tudo inútil. A casa, iluminada, ficou para trás. Precisa deixar dentro dela suas preocupações. Já anoiteceu e só agora ele se dá conta. Põe-se a reparar em tudo, nos raros vultos que passam, na noite que caiu mansamente, nas luzes que brilham.

O bur o espera. Sube, contudo, que nem lá dentro irá encontrar a paz que busca. Sempre debates, por mais que os evite, e os que surgem, como se viessem a persegui-lo. Desde pequeno foi assim. Por isso, a fama que possui de rispido, brigão. Voltava pra casa sujo, roupa esmagalhada, sangue no rosto. Chorando de impotência e raiva, não tanto pela briga em si, porém por ter escutado a zombaria dos outros e saber que em casa o pai iria surrê-lo mais, enquanto Fritz trataria de se encolher e Karla

Reencontro literário

Novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em SC

KARINE RUY

Salim Miguel escreveu seu primeiro romance em 1948. Não gostou muito do resultado, mas também não conseguiu se livrar das páginas marcadas pela máquina de escrever.

Passados 60 anos, com um empurrãozinho da mulher, ele tomou coragem para rever o material e dar uma forma final à *Jornada com Rupert*, que chega essa semana às livrarias.

O livro tem o selo da editora Record, que também lança uma nova edição de *Nur na Escuridão*, romance premiado em 1999 pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e vencedor do Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura em 2001. Os dois títulos não estarão juntos nas prateleiras por acaso. Eles têm, em comum, o tema da imigração. *Nur na Escuridão* conta a saga da própria família do autor que, no final da década de 1920, trocou o Líbano pelo Brasil.

Já em *Jornada com Rupert*, Salim Miguel volta o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina.

No transcorrer de um dia, através de fragmentos, eu tento recuperar cem anos de colonização alemã no Vale do Itajaí – explica o autor.

O cenário do romance é a Blumenau da década de 1940 e, o protagonista, Rupert von Hartroieg, um jovem angustiado que vive em conflito com o pai e sonha em se libertar da opressão da família e das tradições que o cercam.

Rupert quer fugir disso mas não consegue. É um rebelde sem causa.

Tanto o protagonista quanto outros personagens foram construídos a partir das memórias de Salim Miguel. No relato ficcional há espaço, também, para figuras reais, como a jornalista catarinense Maura de Sena Pereira.

– Eu não sei trabalhar a não ser em cima da realidade. Boa parte dos personagens foram pessoas que eu conheci na minha infância e adolescência. E, embora eu não goste de romance histórico, eu sempre trabalhei calçado em cenários que tenham como pano de fundo a história do Brasil.

O lançamento de *Jornada com Rupert* se deve, em muito, à iniciativa de Eglê Malheiros, mulher de Salim Miguel e nome homenageado pela dedicatória. Em 1999, ela encontrou a cópia amarelada do romance e, sem comentar nada com o marido, a levou a um escritório de informática para que fosse digitado.

Trabalho concluído, ela entregou as duas cópias e os dois disquetes ao marido junto com um “vé se te revolve” de recado. O desafio só foi encerrado sete anos depois, quando, remexendo em arquivos do seu escritório, o escritor reencontrou as cópias.

– Esse livro me perseguiu durante 60 anos – brinca Salim, satisfeito em pôr um ponto final na sua primeira grande experiência pela literatura.

Durante 10 meses, Salim trabalhou no livro e escreveu mais três versões, incluindo a definitiva. As 248 páginas originais foram reduzidas a 176. Mas as mudanças vão bem além do volume da obra.

– As influências das leituras e mesmo com a vivência, eu fui tendo uma visão diferenciada daquela que eu tinha quando eu estava começando a escrever – explica Salim Miguel, para quem o tempo é um elemento essencial na composição de uma obra literária.

– O tempo para o autor de ficção é muito importante. A propriedade, a coerência dos personagens não aparecem assim, de cara.

A agenda de lançamentos de *Jornada com Rupert* e da reedição de *Nur na Escuridão* começa nessa quarta-feira, no Rio de Janeiro, seguindo para Brasília no dia 5 de novembro.

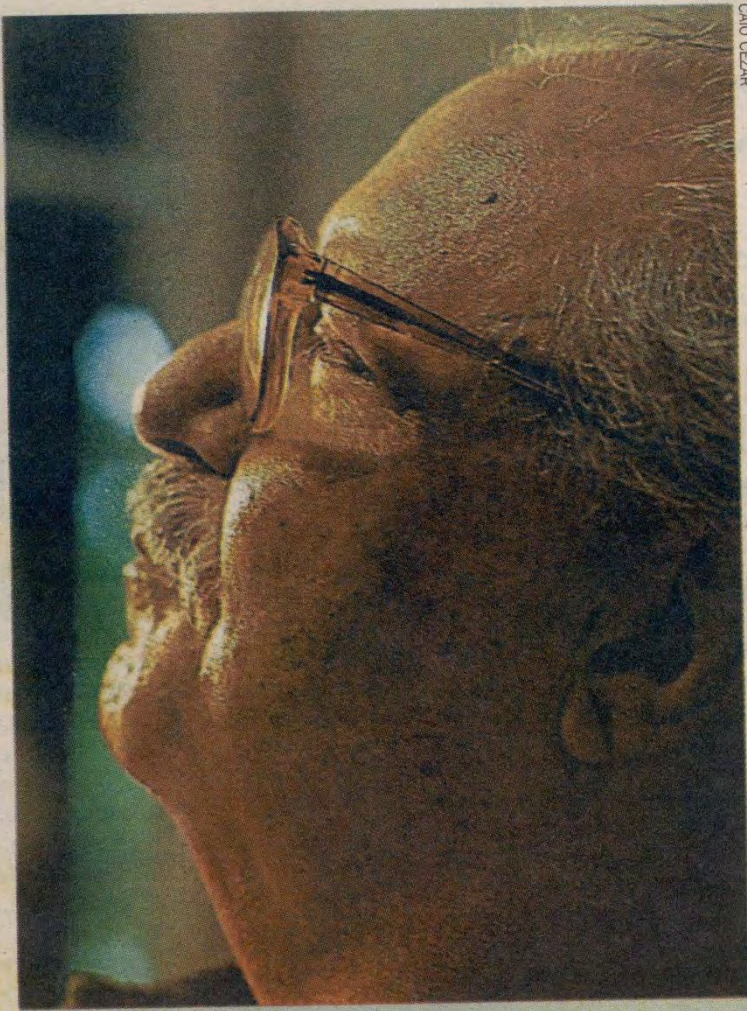
Dia 13 de novembro, os livros serão lançados na Furb, em Blumenau, e, no dia 18, na Livros & Livros, na Capital.

Jornada com Rupert, de Salim Miguel. Editora Record, 176 págs. R\$ 22
Nur na Escuridão, de Salim Miguel. Record, 320 págs. R\$ 40

karine.ruy@diario.com.br

012: SALIM Miguel

ESPINDOLA, Marcos. SALIM Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 30/out., 2008, pag. 8. Contracapa.



DE CARONA...

* A trupe Teatro de Quinta está em Curitiba, para apimentar a clima “leite quente” da capital paranaense. O humorístico de Floripa se apresentará nesta quinta, às 20h, no Joker’s Pub Café. E dia 30 de novembro – anotem! – tem o último show do ano em Floripa, no CIC.

* Incansáveis realizadores do Câmera Olho passaram a semana gravando novas cenas para o seu primeiro longa-metragem, *Raízes Subterrâneas*, produção totalmente independente, sem verbas de editais ou de fundos e afins. No peito e na raça. As filmagens começaram no ano passado, no imóvel – hoje tombado – que serviu de residência para o ex-governador Hercílio Luz. Na retomada dos trabalhos esta semana, a turma fez seqüências no Palácio Cruz e Sousa. O filme é inspirado em Beckett e explora a estética surrealista.

* Balneário Camboriú recebe nesta quinta o bluesman norte-americano Lynwood Duran. O projeto Blues in Concert, do Espaço Deck promove um encontro entre o aclamado músico californiano, que já tocou com Big Walter Horton, e os sonoros nativos da banda The Headcutters, projeto sediado em Itajaí e que faz um blues digno dos grandes palcos da “gringa”. Ouça lá em www.myspace.com/theadcutters.

“ Eu rasgo e jogo fora muito mais do que publico. Sou muito crítico”

SALIM MIGUEL

Escritor catarinense Salim Miguel, que no dia 13 de novembro lança seu novo romance, Jornada com Rupert, na Furb, em Blumenau. O lançamento em Floripa acontece dia 18, na Livros & Livros.

013: O machado dos escritores

RUY, Karine. O machado dos escritores. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 29/set., 2009, pag. 5. Variedades/Literatura

O Machado dos escritores

Se para um simples leitor é impossível ser indiferente aos livros de Machado de Assis, para àqueles que compartilham o mesmo ofício do Bruxo do Cosme Velho a incursão pelo universo machadiano pode ser uma experiência ainda mais marcante. Confira as opiniões e as lembranças de quatro escritores catarinenses sobre a criação literária do autor.

Salim Miguel
Lembranças de Carolina

A memória de Salim Miguel preservou cuidadosamente o primeiro contato com um texto de Machado.

- Lembro que estava para fazer nove anos, em 1932 e encontrei no almanaque de um laboratório farmacêutico o soneto *A Carolina*.

O reencontro se deu quatro anos depois, com *Selecta em Prosa e Verso*, mas a relação só seria firmada em 1943.

Hoje, Salim se surpreende com a atualidade dos textos escritos há mais de um século.

Como a história de *Um Apólogo*, na qual uma linha e uma agulha discutem para saber qual tem papel mais importante na confecção de um vestido.

- Esse texto mostra que nós, eleitores, somos a agulha para os políticos, que depois vão para o baile e nem lembram de quem abriu caminho para eles.

Eglê Malheiros
Escritor democrático

Se as lembranças de Eglê Malheiros não têm a mesma exatidão das do marido Salim, as características do autor que mais chamam sua atenção permanecem delineadas pela escritora.

- Na época, era considerado bom o escritor que tivesse o sotaque lusitano. Ele resolve escrever no português que se usava aqui para ser entendido por todos. Machado não foi um escritor para escritores. Foi um escritor para leitores – avalia.

A trajetória pessoal de Machado de Assis e a relação com a sociedade aristocrata na qual vivia também despertam o interesse de Eglê.

- Ele é a pessoa que rói a sociedade do império por dentro. Ele não valoriza o status quo.

E, inspirada na trajetória de superação do menino nascido no Morro do Livramento, a escritora levanta um questionamento sempre contemporâneo.

- Quantos Machados, quantos Cruz e Sousa a gente não perde? Há uma espécie de loteria?

Carlos Henrique Schroeder
Machado no top 5

O escritor de Jaraguá do Sul, Carlos Henrique Schroeder, descobriu Machado de Assis na biblioteca dos avós, aos 17 anos. Naquelas férias, leu *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cuba*. Esse ano, o passatempo foi redimensionado: Schroeder leu a obra completa do escritor para fazer o roteiro da exposição *Sertão Rio, Sertão Mar*, organizada pelo Sesc.

- O que me surpreendeu foi o Machado cronista. As crônicas publicadas no jornal *A Semana* a partir de 1892 são obras-primas.

Além de admirar o cinismo característico da narrativa machadiana – o deboche à sociedade e ao leitor – Schroeder destaca a acessibilidade de seus textos.

- Machado era muito erudito, sabia muita coisa, mas escrevia com simplicidade, de forma concisa – comenta sobre aquele que intitula como “o mestre da ilusão e do subentendido”.

- Eu ponho sempre Machado no top 5. É *Dom Casmurro* e *Dom Quixote*.

Flávio José Cardozo
Talento para as relações humanas

Flávio José Cardozo não está na fila de escritores que gosta de alimentar a discussão em torno do comportamento de Capitu ou resolver o mistério de *Dom Casmurro*. Para ele, trata-se de uma questão complementar, e não o principal ponto da obra machadiana. O que realmente chama a atenção do escritor não é a criação, mas a criatura.

- O que mais me impressiona no Machado de Assis, além do talento superior, foi a disciplina dele. Acho que não houve no Brasil alguém tão disciplinado. Ele foi um exemplo de alguém que botou na cabeça um propósito e levou a vida inteira perseguindo aquilo.

Para o autor catarinense, além do brilhantismo literário, Machado de Assis desfilava com talento no campo das relações humanas. A união desses dois fatores, em sua opinião, foram os responsáveis pela ascensão social do escritor.

- Machado investiu a vida no sucesso pessoal. Ele sabia do talento que tinha e teve a lucidez de abrir caminhos. A obra dele vai relutando dessas conquistas, de escritor e de vida. Ele se tornou um observador da sociedade.

014: ANOS de chumbo: Antes subversivos, hoje eles são heróis

ANOS de chumbo: Antes subversivos, hoje eles são heróis. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 30/maio., 2008, pag. 8. Caderno Política.

Anos de chumbo.

ROSANE LIMA/ND



Homenagem. Salim Miguel (D) e Eglê Malheiros entre os homenageados

Antes subversivos, hoje eles são heróis

O regime militar os considerava subversivos, foras-da-lei. Ontem, quatro décadas depois, nove brasileiros tiveram reafirmado seu reconhecimento como heróis dos Anos de Chumbo. Oito eram militantes catarinenses de partidos e organizações que foram presos, torturados e exilados. O nono retratou em palavras o ano-chave para o capítulo mais denso da história brasileira.

Derley de Lucca, Marclio Krieger, Nelson Wedekin, o falecido Roberto Motta, Rogério Queiroz, Romário José Bonelli, Salim Miguel, Sérgio da Costa Ramos e Zuenir Ventura receberam, em sessão solene na Assembléia Legislativa, placas alusivas aos 40 anos dos 365 dias que mudaram a História. O deputado Edison Andrino, idealizador da sessão, lembrou dos fatos que transformaram a sociedade. Anita Pires, presidente da Fundação Catarinense de Cultura, resumiu o espírito da solenidade ao recordar Paulo Stuart Wright, deputado catarinense morto pelo regime, cujos restos mortais jamais foram encontrados.

015: Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição

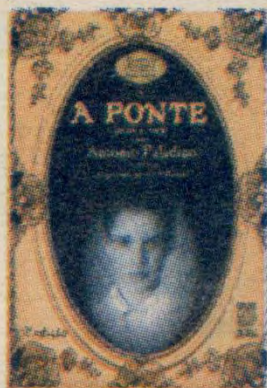
ALVES, Márcio Miranda. Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição. **A Notícia**. Joinville, 6/maio., 2008, pag. 2. Anexo/literatura.

Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição

MÁRCIO MIRANDA ALVES

Poucos ouviram falar de Antônio Paladino. Nascido em 1925, em Florianópolis, ele morreu aos 25 anos, vítima de tuberculose contraída de sua mãe – morta pela mesma causa. Paladino foi um dos fundadores do Grupo Sul e deixou escritos importantes, reunidos pela primeira vez em 1952 e que agora ganham a segunda edição. O livro “A Ponte – Prosa e Verso” (EdUFSC, 157 páginas), organizado por Silvio Barros, será lançado hoje, às 20 horas, no Café Matisse, no Centro Integrado de Cultura (CIC), na Capital.

A publicação integra a coleção Memória Literária de Santa Catarina, que resgata títulos de autores catarinenses esquecidos ou restritos a acervos particulares. A reedição de seus textos foi possível com a colaboração do escritor Salim Miguel. Foi na biblioteca de Salim que Silvio Barros – após ler, por acaso, alguns poemas de Paladino – teve acesso aos jornais “Fo-



lha da Juventude” (1946-1947) e “Cicuta” (1947), à “Revista Sul” e ao livro “A Ponte”, editado em 1952 pela Sul Edições. A nova edição contém 13 poemas, nove contos, apontamentos de caderno, textos críticos e crônicas reunidas como “diversos”, além do prefácio da primeira edição, assinado por Salim Miguel. Barros aponta que o poeta não era um regionalista porque “seu texto dialoga com o mundo” e que, se tivesse ido para o Rio de Janeiro, para morrer como Cruz e Sousa, talvez hoje “os jovens tatuassem na pele seu texto”.



O QUÊ: lançamento de “A Ponte – Prosa e Verso”, de Antônio Paladino, organizado por Silvio Barros.

QUANDO: hoje, às 20 horas.

ONDE: Café Matisse, Centro Integrado de Cultura, av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600, Agrônômica, Florianópolis.

QUANTO: Evento gratuito. Livro será vendido a R\$ 19,80.

016: Contador de histórias

PASSOS, Caroline. Contador de histórias. **Jornal de SC**. Blumenau, 22 e 23/nov., 2008, pag. 16. Contracapa-coluna Viver.

CONTRACAPA

Caroline Passos (interina)

caroline.passos@santa.com.br - 3221-1508

ARTUR MOSER

CONTADOR DE HISTÓRIAS

Aos 84 anos, o escritor Salim Miguel conserva a curiosidade jornalística. Faz perguntas ao entrevistador e se interessa por boas histórias. Ele mesmo faz questão de frisar que o trabalho nas redações aguçou ainda mais o surgimento do ficcionista – papéis que ele quis desempenhar desde que aprendeu a desenhar as primeiras letras. Foi como escritor que ele veio a Blumenau semana passada lançar pela primeira vez em Santa Catarina sua obra mais recente. O romance *Jornada de Rupert* tem o Vale do Itajaí como ambientação e as memórias da infância e adolescência de Salim como guia. Em entrevista à coluna, o ficcionista falou também sobre *Nur na Escuridão* – livro reeditado pela Record e relançado com *Jornada* – e como superou a perda de 70% da visão, que não o impediu de publicar os últimos três livros.

Como surgiu a ideia de *Jornada de Rupert*?

A ideia me acompanha há quase 60 anos. O primeiro lugar onde eu morei em Santa Catarina foi em São Pedro de Alcântara, o primeiro núcleo de colonização alemã do Estado. Morei também em Rachadel, depois em Biguaçu, onde passei o resto da minha infância e adolescência. Assim, comecei a ser alfabetizado em árabe e alemão. Esta foi a segunda tentativa de romance que eu fiz. O primeiro acabou na cesta de lixo. O segundo foi esse, mas eu não conseguia terminar. Em 1999, minha mulher (Eglê Malheiros) mandou digitar o rascunho, mas eu engavetei. Em 2006, o texto acabou na minhas mãos de novo. Levei 10 meses mexendo, uma média de quatro a cinco horas por dia.

Este livro tem algo de autobiográfico?

Não. Uso parte da minha vivência com descendentes de alemães nos três lugares que vivi. Só que aquela ambientação não parecia conveniente para o romance que eu pensava. Transplantei tudo para o Vale do Itajaí. Em *Jornada* falo sobre o entre-choque durante o crescimento do Vale entre famílias diversas, principalmente entre os próprios alemães, e outras etnias, como italianos, destruição dos índios,

mulatos e negros e os portugueses.

O senhor conta que desde os 10 anos queria ser escritor e jornalista. Quando começou a escrever?

Rascunhei as primeiras coisas logo que fui alfabetizado, aos oito anos. Aos 10 já tinha alguma coisa. Felizmente joguei tudo fora porque a gente deve saber o que tem validade e o que serve simplesmente pra gente se aperfeiçoar. Escrever, tanto para jornalista como para ficcionista, é um aprendizado. Ao longo da minha vida rasguei mais do que publiquei e, às vezes, até algumas das coisas publicadas poderiam ter sido deixadas de lado ou mexidas mais tarde como fiz com *Jornada*.

O senhor conhece a literatura de Blumenau?

Acompanhei durante muitos anos toda a literatura que se produziu em Santa Catarina. Mas estou com um problema de visão que me impede de ler e escrever. Conheço alguns nomes de anos atrás. Entre os mais recentes, o Maicon (Tenfen) e a Urda (Alice Klueger). Até porque quando um livro é publicado em Blumenau ou Florianópolis, dificilmente transita. Então, não se sabe em Florianópolis o que está sendo produzido por aqui.

Este seria um dos fatores de não

existir uma literatura catarinense expressiva no mercado literário brasileiro?

Eu gosto mais de falar “literatura de Santa Catarina” do que literatura catarinense. Tolstoi dizia: “fala bem da tua aldeia e estarás falando para o mundo”. Todo escritor não quer ser apenas de sua aldeia, de seu estado. A pretensão é maior: quer ser de seu país, e, se possível, lido em outros lugares também. Nós temos muitos escritores importantes do nível, do que está sendo produzido no resto do país. Infelizmente, nunca tivemos uma política de apoio à nossa cultura em geral, não só à literatura.

Como o senhor tem feito para escrever desde que perdeu parte da visão?

Eu me obriguei a ouvir o que eu queria ler e a ditar o que queria escrever. Os meus três últimos livros foram ditados e a versão final é feita com a Eglê. Nós discutimos para melhorar o texto até chegar ao que consideramos a penúltima versão, porque a última versão a gente nunca faz. Meu trabalho de jornalista me ajudou muito a ser o ficcionista que eu sou. O jornalista tem que estar atento, anotar e enxugar o que anotou. Eu sou rápido em fazer a primeira versão e muito lento no concluir.

017: Salim Miguel inaugura o cidade contada

BRASIL, Rodrigo. Salim Miguel inaugura o cidade contada. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 11/mar., 2008, pag. 14. Coluna POP

Salim Miguel inaugura o Cidade Contada

Escritor vai ler conto do seu livro inédito "13 Cascaes"

RODRIGO BRASIL
rodrigo@jornalnoticiasodia.com.br

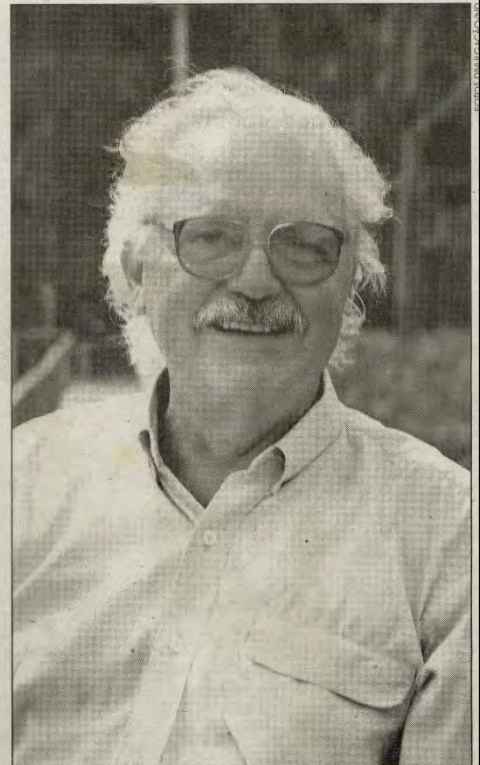
A primeira edição do projeto Cidade Contada, que será realizada nesta terça-feira, às 19h30, na Casa da Memória, Centro de Florianópolis, tem como convidado o escritor catarinense Salim Miguel, um dos mais representativos do Estado. O evento terá a leitura pública do conto "Mistério no Miramar", do livro inédito 13 Cascaes (FFC Editora), de Miguel, que faz referência ao antigo Miramar, famoso trapiche municipal e ponto de

encontro da elite intelectual da cidade, que desapareceu com o aterro da baía Sul, em 1974. Depois, haverá diálogo entre o público e o autor. A entrada é grátis.

Enquanto o escritor lê o conto ambientado no Miramar, serão projetadas imagens do local que fazem parte do acervo da Casa da Memória. O texto também faz referência a várias personalidades que circularam pelo Miramar, como os poetas simbolistas Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo. "O evento

aproxima a literatura da memória afetiva das pessoas, pois cada texto lido tem por referência algum ícone arquitetônico ou alguma paisagem natural de Florianópolis", diz Dennis Radünz, um dos idealizadores do projeto.

O Cidade Contada será realizado mensalmente, sempre aliando literatura e patrimônio histórico da Capital. A próxima edição terá como convidado Silveira de Souza, que lerá o conto "Janela de Varrer", ambientado na rua Conselheiro Mafra.



Salim Miguel é o convidado do Cidade Contada

RUY, Karine. Bastidores da literatura: Salim Miguel reverencia autores e obras em Minhas Memórias de Escritores. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 29/ago., 2008, pag. 5. Variedades.



Documental. Autor catarinense lança livro que reúne textos sobre escritores

Memórias de Salim

LETÍCIA KAPPER
leticia@jornalnoticiasodia.com.br

os 84 anos e muita história para contar, o escritor Salim Miguel esbanja vitalidade e disposição quando fala de seu novo livro: "Salim Miguel - Minhas Memórias de Escritores"



(Editora Unisul/FCC), que será lançado amanhã no Museu Histórico de Santa Catarina - Palácio Cruz e Sousa. Grandes nomes entrevistados na sua juventude ressurgem em relatos e crônicas de leituras e de encontros com poetas, críticos e romancistas do Brasil e do exterior.

A obra demonstra a força do escritor catarinense, que conseguiu entrevistar Carlos Drummond de Andrade na época em que o poeta evitava a imprensa. "Estava indo para uma reunião com escritores no Rio de Janeiro e encontrei o Drummond no elevador. Convidei-o para participar e ele foi. Estou com a missão de entrevistar Carlos Drummond de Andrade, disse a ele. Não dou entrevistas, respondeu, mas logo aceitou uma conversa e autorizou a transcrevê-la.

Essa é apenas uma das memórias do escritor, autor de 30 obras publicadas, sendo a primeira o livro "Velhice e Outros Contos" (1951). José Lins do Rego e o catarinense Guido Wilmar Sassi - seu amigo e companheiro de trabalho - são mais dois grandes nomes da literatura com espaço na obra de Salim Miguel, entre outras 27 personalidades. No total, são mais de 30 textos fruto da convivência direta ou indireta com os 30 entrevistados.

Em contato com os escritos produzidos dos anos 1940 em diante, o autor, com

humildade - uma de suas marcas, além do talento -, diz que percebe a evolução na maneira de narrar em seus textos ao longo dos anos, mas os preserva quase em sua originalidade para a publicação em "Salim Miguel - Minhas Memórias de Escritores". "A proposta cultural e literária continuam a mesma", afirma.

A seleção dos textos levou dois anos, segundo o autor, que enfatiza que há material para outros três ou quatro livros de 205 páginas. Também pudera. Muitos textos são longos e reproduzem o fazer jornalístico da época. Um deles, a entrevista com Guido Wilmar Sassi, tem 40 páginas. "Não se faz mais aquele jornalismo", diz, que depois de uns 20 minutos de conversa faz uma sutil e verdadeira observação: "Acho que o que conversamos dá para preencher bem mais que uma página de jornal, está bom. Afinal, vocês têm um espaço limitado."

Trajetória

- Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924 e chegou ao Brasil com três anos
- Começou a ler e a se interessar pela literatura fazendo leituras para um cego, dono de um sebo em Biguaçu
- Em 1964 foi exilado. Ao retornar para o Brasil passou a morar no Rio de Janeiro, onde ficou por 15 anos. Em 2009, faz 30 anos que retornou a Santa Catarina
- O romance "Nur na Escuridão" foi indicado pela crítica em 1999 como o livro do ano e consagrou o escritor nacionalmente
- Foi apontado em 2002 como "O Escritor do Ano" pela União Brasileira de Escritores (UBE)

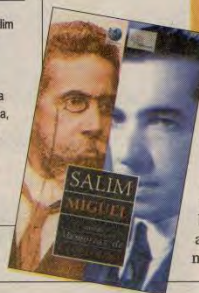
Gosto mais do livro que estou escrevendo. Senão não teria sentido continuar."

A obra

Mais de 30 textos, 205 páginas, 30 entrevistados, o texto de abertura é sobre Machado de Assis, os dois últimos textos da obra são sobre Guido Wilmar Sassi, o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Cícero Sandroni, assina um dos dois prefácios. É a primeira obra publicada pela editora Unisul e tem a parceria com a Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

SERVIÇO

- O quê: Lançamento do livro "Salim Miguel - Minhas Memórias de Escritores"
- Quando: Amanhã (29/8), 20h
- Onde: Museu Histórico de Santa Catarina - Palácio Cruz e Sousa, praça 15 de Novembro, 227, Florianópolis, tel.: 3028-8091
- Quanto: Grátis



ARTÊMIO DE SOUZA/Divulgação/ND

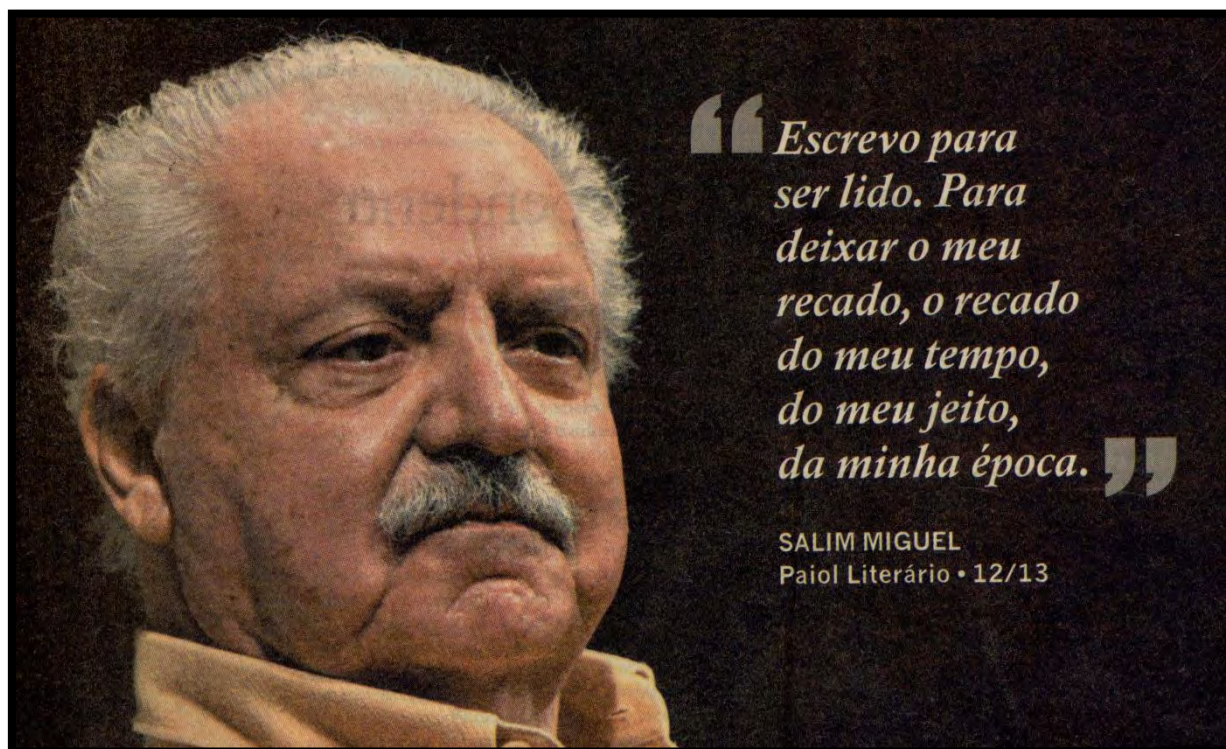
020: OBRAS de escritores na ótica de Salim Miguel

OBRAS de escritores na ótica de Salim Miguel. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 28/ago/08. Foto na capa com chamada para matéria.



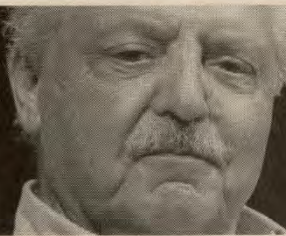
021: ESCRIVO para ser...

ESCREVO para ser... **Rascunho**. Curitiba, ano 9, n. 102, out., 2008. Foto na capa com chamada para matéria.





PAIOL LITERÁRIO



salim miguel

No dia 10 de setembro, o Paiol Literário — projeto realizado pelo Rascunho, em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba e o Sesi Paraná — recebeu o escritor e jornalista Salim Miguel. Nascido no Líbano, em 1924, Salim Miguel está radicado no Brasil desde os três anos de idade, quando sua família se estabeleceu em Santa Catarina. Iniciou sua carreira literária nos anos de 1950, tendo publicado cerca de 30 livros. Entre eles, **Nur na escuridão**, **Mare nostrum** e **Areias do tempo**. Numa conversa com o escritor e jornalista José Castello, mediador do encontro, e o público que compareceu ao Teatro Paiol, Salim falou da influência árabe na sua maneira de narrar histórias, relembrou sua experiência como editor da renomada revista *Ficção* nos anos 70, discorreu sobre sua prisão durante a ditadura militar e apontou algumas características de seu processo criativo. Confira abaixo os melhores momentos do bate-papo.



• O escritor em gestação

A literatura não muda o mundo. Pode mudar o ser humano. Mas ela não me mudou, porque eu pensava em ser escritor já na barriga da minha mãe. Não sei fazer outra coisa a não ser ler e escrever. Sou negado para as coisas práticas. Não sei trocar uma lâmpada. Não sei comprar uma meia. Não sei fazer um cafezinho. Se eu sei — e este “sei” é relativo — alguma coisa, é ler e escrever. Então, o livro não muda o mundo. Pode mudar a cabeça das pessoas. E, se isso ajudar a mudar o mundo, já é importante.

• Signos mágicos

Comecei a escrever antes de aprender a escrever. Naquela época, fim dos anos 20, começo dos 30, depois das estripulias diárias, a criança se reunia ora na frente da casa de um, ora na frente da casa de outro, e cada um relatava como é que tinha sido o seu dia. As

1951. Chama-se *Velhice* e outros contos, pois sempre me preocupou o tema da velhice, da morte, do tempo e da memória. Devo esse livro ao IBGE. Não ganhei dinheiro trabalhando para o censo demográfico de 1950, mas cinco dos oito contos desse livro, inclusive os três *Velhice* — *Velhice 1*, *Velhice 2* e *Velhice 3* —, resultaram de conversas com pessoas que fui reconhecer.

• Duas, três coisas

Trago duas coisas comigo. Primeiro, a persistência, que devo ao meu pai. E, segundo, a teimosia. Não acredito — ou acredito muito pouco — em inspiração. Mas acredito em três coisas: vocação, talento e persistência. Vocação, todos nascemos com uma. (...) Talento, a gente precisa regar como quem rega uma delicada flor. Se não regar, ela se estioia. E de que maneira ela é regada? Por meio da persistência. Vocação, eu tenho. Talento, não sei, mas o

ro, *As mil e uma noites*, que eu já ouvia de mepai e minha mãe. Só fui ler o livro depois, em 1957, quando su pela Sarai-va a primeira edição integral no Brasil, com istrações do Aldemir Martins. Oito volumes, uma edição liíssima, mas traduzida do francês. Só agora está saindo umtradução do árabe [pela Globo, traduzida por Mamede Mustafjarouche]. O outro livro que me marcou — e que tem a verom *As mil e uma noites* — foi o *Dom Quixote*. Cervantessteve preso e deve ter tomado conhecimento de *As mil e um noites*. Se a gente pegar *Dom Quixote* e aquela maneira deervantes narrar — uma história puxando outra história, ierrompendo, voltando —, é *As mil e uma noites*. É claro, qtm sou eu pra falar de *As mil e uma noites* e de Cervantes? Ms a leitura em voz alta e esses dois livros têm a ver com o que eu escrevo, e espero não ofendé-los muito.

Se eu sei — e este — se é relativo — alguma coisa, não escrevo. Então, o livro não muda o mundo. Pode mudar a cabeça das pessoas. E, se isso ajudar a mudar o mundo, já é importante.

• Signos mágicos

Comecei a escrever antes de aprender a escrever. Naquela época, fim dos anos 20, começo dos 30, depois das estripúlias diárias, a criança se reunia ora na frente da casa de um, ora na frente da casa de outro, e cada um relatava como é que tinha sido o seu dia. As correrias, as brigas. Hoje, nós brigávamos; amanhã, éramos grandes amigos. Então, eu cortava uma folha de papel-embrulho da loja de meu pai, recortava palavras ou letras, juntava alguns rascunhos meus. Linhas na horizontal, na vertical, em círculos. E lia aquilo pra eles. Lia não, porque eu não sabia ler. Inventava que estava lendo. Ali estava surgindo, ao mesmo tempo, o jornalista e o escritor. Então meu pai, me vendo grudado em tudo que era papel impresso, vendo aqueles signos mágicos me fascinarem, me perguntou: "O que pretende fazer na vida?". Sem titubear, respondi: "Ler e escrever". Minha mãe, que era uma mulher sensível, disse: "Não vai ser fácil". E meu pai: "Fácil não vai ser, mas se ele persistir, conseguirá". Então, uma palavra que me acompanhava toda a vida é "persistir".

• Dívida com os almanques

Aos oito anos, encontrei Machado de Assis em um almanaque. Devo muito aos almanques. Foi *Carolina*, um dos mais belos sonetos da poesia brasileira e, sem dívida, o melhor de toda a poesia machadiana — pois, cá entre nós, ele não era um grande poeta. Era um grande contista, um grande romancista, um estudioso da nossa literatura e um cronista excelente. Então, aquele foi meu primeiro Machado. Aos 12 anos, voltei a encontrá-lo numa "selecta em prosa e verso", naquele apólogo sobre a agulha e a linha. A agulha e a linha discutindo qual das duas era mais importante. Isso continua válido até hoje. A agulha abre caminho, mas quem se projeta é a linha. É ela quem vai à festa com a dona do vestido. Mas o primeiro romance que li foi *O tronco do ipê*, de José de Alencar, aos nove anos.

• Os Acácios de Eça e Alencar

Anos mais tarde, reli *O tronco do ipê*. E me dei conta de uma coisa curiosíssima: no livro, há um conselheiro chamado Acácio. É o mesmo tipo enfatuado que diz as maiores banalidades como se dissesse as maiores coisas do mundo. E, aí, fiquei preocupado. Será que o José de Alencar pegou o Conselheiro Acácio do Eça de Queiroz e o copiou? Então a Eglê [Malheiros, escritora, mulher de Salim] e eu consultamos uma enciclopédia e, depois, esse bicho eletrônico que agora nos facilita a vida, mas às vezes nos dá alguns sustos: a internet. O livro de José de Alencar é de 1873. O *primo Basílio*, onde está o Conselheiro Acácio do Eça, é de 1878. Então, a dúvida que fica é a seguinte: será que o Eça tomou conhecimento de *O tronco do ipê*? Deixo isso aos pesquisadores.

• Velhice

Para falar a verdade, se eu tivesse uma formação acadêmica, gostaria de ter sido crítico e ensaísta. João Cabral dizia a mesma coisa. Mas acho que tive o bom senso de sempre escrever muito e rasgar mais do que publiquei. Rasguei muito mais do que publiquei. Tanto que, para os nossos padrões, pelo menos para os da minha juventude, comecei muito tarde. Passei a infância e a adolescência em Biguçu — tanto que costumei dizer que sou um libano-biguçuense — e só comecei a publicar em Florianópolis. Nos anos 40, a capital catarinense tinha quatro jornais. Hoje, só tem um. (...) Ao mesmo tempo em que eu publicava algumas crônicas nos jornais, já começava a escrever o que chamo de "anotações sobre leituras". De repente, me disse assim: "Já que estou fazendo crônicas — e a crônica é meio caminho para o conto —, por que não chego ao conto?". Daí, comecei a publicar contos. Meu primeiro livro é de

• Duas, três coisas

Trago duas coisas comigo. Primeiro, a persistência, que devo ao meu pai. E, segundo, a teimosia. Não acredito — ou acredito muito pouco — em inspiração. Mas acredito em três coisas: vocação, talento e persistência. Vocação, todos nascemos com uma. (...) Talento, a gente precisa regar como quem rega uma delicada flor. Se não regar, ela se estiola. E de que maneira ela é regada? Por meio da persistência. Vocação, eu tenho. Talento, não sei, mas o reguei tanto que consegui fazer aquilo que pretendia, que era deixar uma obra. E nunca se pode dizer se uma obra vai ficar ou não. Só o tempo é que nos diz isso.

• Começar em Biguçu

Eu começo pelo fim. Não volto a Biguçu porque a trago dentro de mim. Volto raramente. Toda minha obra ficcional remete direta ou indiretamente a Biguçu. Em Biguçu, durante anos, li muito. Li absolutamente tudo que se possa imaginar. Durante anos, li para um poeta livreiro cego. Quando falo isso, sempre me fazem uma pergunta: "Que livraria fantástica era essa, em que durante anos tu leste em voz alta para um poeta livreiro cego?". O nome dele era João Mendes. Deixou três livros de poesia. Um dia, fui a sua livraria e lhe fiz uma proposta. Ele não a aceitou, mas fez outra. A minha era a seguinte: eu levaria um livro para ler em casa, o devolveria igualzinho e pegaria um outro. Iria juntando uns trocados e, na hora em que eu tivesse dinheiro para comprar um livro, eu o compraria. "Não", ele disse. "Vamos fazer diferente. Também tenho fome de leitura. Tu vens aqui e vamos ler nós dois em voz alta." Então, a pergunta é assim: "Que livraria fantástica era essa em um municípiozinho tão pequeno?". Lá, tinha mais material escolar do que literatura. Mas o João Mendes era experiente. Tinha um primo que possuía uma biblioteca em Florianópolis e passou a pedir, para ele, livros emprestados. Além disso, naquela época se pegava muita coisa em consignação. Então, ele pedia, a uma editora, 50 livros, e tinha 90 dias para pagá-los. Ele não podia devolver os 50, mas devolvia 40, 42, e forçava os parentes e amigos a comprar os outros. Nós devorávamos aqueles 50. E o João Mendes, depois de devolver 40, pedia outros 50. Então, aos 12 anos, eu estava lendo *As dores do mundo*, de Schopenhauer. Mas estava lendo também *Buridan ou os mistérios da Torre de Nesle*, de Michel Zévaco. O primeiro livro em espanhol que li foi *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes. Como chegou até a livraria, não sei. Pela editora não pode ter sido, porque era em espanhol. Nunca tirei a limpo se foi mandado pelo tal primo de Florianópolis. Mas devoramos o *Dom Segundo Sombra*. Alguma coisa, ou bastante coisa, nós não entendemos. Foi meu primeiro livro de literatura hispano-americana.

• Dois livros e uma maneira de narrar

Era uma média diária de quatro ou cinco horas. Isso durante, três, quatro, cinco anos, não tenho certeza. Não tenho a mínima idéia, mas devo ter lido mais de 400, 500 livros para o João Mendes. Ambos tínhamos fome de leitura e devorávamos os livros. Então, isso deve ter tido alguma influência na minha maneira de narrar. Além disso, houve dois livros que me marcaram. Primei-

outro livro que me marcou — e que tem a ver com isso — é *uma noite* — foi o *Dom Quixote*. Cervantes esteve preso e deve ter tomado conhecimento de *As mil e uma noites*. Se a gente pegar *Dom Quixote* e aquela maneira de Cervantes narrar — uma história puxando outra história, interrompendo, voltando —, é *As mil e uma noites*. É claro, quem sou eu pra falar de *As mil e uma noites* e de Cervantes? Não a leitura em voz alta e esses dois livros têm a ver com o que eu escrevo, e espero não ofendê-lo muito.

• Só palavras

Nunca voltei ao Líbano. Mas comecei a alfabetizar em árabe e alemão. Nos dois primeiros distritos onde moramos, em Santa Catarina, não havia escola que ensinasse o português. Então, com meus pais, eu comecei a aprender árabe, e, com um amigo do meu pai, alemão. Quando chegamos a Biguçu, eu já estava entrando nos oito anos entrei para o grupo escolar. Foi uma dessas bobagens que a gente faz e depois se arrepende quando já é tarde, mas não quis continuar nem com o árabe e nem com o alemão. Meu pai dizia: "Continua. Um homem que sabe dois idiomas vale dois". Então, he, he, do árabe e do alemão eu só sei palavras. Minha mãe havia estudado russo e inglês. Meu pai havia estudado francês. De maneira que eles tiveram facilidade em aprender o português. Liam. Mas jamais se esqueciam de se comunicar em árabe. Ou entre eles ou com os patrícios de Biguçu e de Florianópolis, ou nas viagens que meu pai fazia pelo Brasil. Só que ele nunca quis voltar ao Líbano. Dizia: Quero manter intacto dentro de mim o Líbano de 1927, quando saí de lá. Não quero ver este Líbano como está hoje".

• Torneio de frases

Uma professora de literatura árabe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul fez um longo texto sobre *Nur na escuridão*, em que aponta na minha maneira de narrar, em determinadas passagens, a maneira de narrar dos árabes. E como uso muitas palavras árabes nesse livro, ela diz que fiz uma coisa curiosa. Não uso notas de pé de página para explicar que palavras são essas. Faço um torneio de frases para que o leitor fique sabendo que a palavra tal está explicada daquela maneira. É um texto muito interessante o que ela fez, a respeito disso. Acho que estava certa. E acho mesmo que tive uma certa influência da literatura árabe.

• Procurado

Existem duas maneiras de um escritor trabalhar. Os temas são uns poucos desde o começo do mundo, mas recorrentes. Os personagens também. Só que alguns autores ficam procurando isso. Eu não. Personagens e temas me procuram. Para alguns, eu digo: "Tudo bem, vamos ver se trabalhamos juntos". Para outros, digo: "Ó, por favor, não dá. Procura outro autor, eu não estou disponível". Posso dar um exemplo? Está na minha casa de praia com a Eglê e a minha filha Sônia. Aioitecia de repente. A Sônia me diz: "Pai, é para ti essa ligação". Eu perguntei: "Quem é?". E ela: "Não sei, é uma voz de mulher". Peguei o

“Sou negado para as coisas práticas. Não sei trocar uma lâmpada. Não sei comprar uma meia. Não sei fazer um cafezinho. Se eu sei alguma coisa, é ler e escrever.”

“A literatura não muda o mundo. Pode mudar o ser humano. Mas ela não me mudou, porque eu pensava em ser escritor já na barriga da minha mãe.”

telefone e a mulher disse: “Salim Miguel?”. E eu: “Sim”. E ela: “Preciso falar contigo”. Começou assim. Eu disse: “Fala”. E ela: “Mas não pode ser por telefone”. Eu: “Mas por quê?”. Ela: “É que estou chegando do Rio de Janeiro e preciso te encontrar”. Pensei: mas que negócio mais maluco. “Não podemos nos encontrar num barzinho aqui em Florianópolis?”. E eu disse: “Por que você não pega um ônibus e vem aqui?”. E ela: “Não, são quase 40 quilômetros”. E não sei mais o quê. Resumindo: marquei com ela no outro dia, na editora da universidade onde eu trabalhava. Às dez horas. Perto das dez, ouço uma voz: “Que pena. Parece, mas não é. Olhei e lá estava aquela mulher na porta da editora. Ela olhou para mim e disse: ‘Me desculpe, é uma pena. Parece, mas não é. Até logo’”. E eu: “Não, não, não. Que história é essa? Até logo? Parece, mas não é? Me deixaste preocupado. Deixaste minha mulher com a pulga atrás da orelha e agora vens com isso? Que pena, parece, mas não é? Tu me deves uma explicação”. Ela perguntou: “Será que devo?”. E eu: “Deve, sim”. Ela entrou. Eu disse: “Senta”. Ela sentou e disse: “Anteontem, passei numa banca, peguei um jornal, abri e vi uma foto tua, com uma enorme matéria falando do teu último livro. Olhei e disse: ‘Ele é, ele é’”. “Ele quem?”. “Pois é aí que começa a história.” “Me conte.” E ela: “Nunca. Jamais contei para ninguém”. E eu: “Agora vai contar para mim. Tu estás me devendo alguma coisa”. E ela me contou um conto que se chama *Um verão louco*. Um conto completo.

• Jornalismo e uma pitadinha de ficção

Devo muito ao meu trabalho como jornalista. Trabalhei quase 40 anos como jornalista. E, em jornalismo — a não ser plantão de polícia —, eu fiz de tudo. Até horóscopo. Um bom texto jornalístico, quer a gente queira, quer não, sempre tem uma pitadinha de ficção. Acho que jornalismo também é literatura. Ao contrário do que muitos dizem. Cito, por exemplo, algumas matérias de Joel Silveira que são modelos de bom jornalismo. Aquilo ali é literatura.

• Memória pessoal

Aqueles que dizem “não escrevo para os outros, escrevo pra mim” não estão falando a verdade. A gente sempre escreve por uma necessidade interior, escreve para se comunicar. No meu caso, sempre repito que, quando um livro chega ao leitor, ele é e não é mais do autor. Passa a ser de quem o está lendo, que pode largá-lo depois de ler cinco páginas. E pode ajudar o autor cortando alguma coisa, emendando, aceitando, recusando. Então, escrevo por uma necessidade interior, mas não vou ser hipócrita e dizer que escrevo para não ser lido. Escrevo para ser lido. Para deixar o meu recado, o recado do meu tempo, do meu jeito, da minha época. Agora, se isso vai ter validade daqui para

• Revista Ficção

Eu trabalhava na revista *Manchete*, entre os meus vários colegas, estava o Cicero Sandroni, que em 1965 havia, juntamente com o Odylo Costa, filho, publicado dois números da revista *Ficção*. Então, durante um almoço no restaurante da *Manchete*, eu disse para ele: “Cicero, eu estava pronto para mandar um conto para a *Ficção* quando ela acabou”. E ele: “Pois é. Até hoje penso em relançar a revista”. E eu: “E por que não passamos a pensar juntos?”. Uma semana depois, ele me procurou e disse assim: “Vamos fazer uma reunião na minha casa?”. Ai nos reunimos, Fausto Cunha, Laura Sandroni, Eglê Malheiros, Cicero e eu. Decidimos relançar a revista. E formamos um conselho editorial. Entre outros, Mário Fontes, Helio Pólora e mais três, de quem agora me fogem os nomes. Isso foi em 1975. Em janeiro de 1976, lançamos o primeiro número da *Ficção*, com o propósito de, durante um ano, não repetirmos nomes, fazermos o mapeamento do conto no Brasil, recuando até contistas do passado e com várias rubricas, até contistas de outros países: hispano-americanos, norte-americanos, portugueses, africanos, italianos, franceses e por aí vai. Começamos tirando 15 mil exemplares. A revista durou até 1979. Quando a gente imaginava que ela já estava estabelecida, acabou. Foram uns 44 números.

• Decepcionados com a censura

Ao contrário de outras revistas, a nossa não sofria censura prévia. Só tínhamos que mandar um exemplar para a censura depois que a revista saía. O Arthur da Távola havia mandado um conto para uma revista de São Paulo, que tinha que ser enviada para a censura antes da publicação, e o conto foi recusado. Um dia, ele me procurou na redação da *Manchete* e me disse: “Vocês arriscariam publicar este conto?”. Eu peguei e disse: “Arthur, não posso dizer que nós arriscáramos, mas vou levar o conto. Nós vamos ler e decidir o que fazer com ele”. Era um conto interessante, embora não fosse uma obra-prima (obras-primas também não surgem todo dia). E resolvemos publicá-lo para ver se acontecia alguma coisa. Ficamos decepcionadíssimos. Até hoje estamos esperando que a censura nos ataque por termos publicado aquele conto do Arthur da Távola.

• Cachorra da família

Estava conversando com alunos a quem uma professora havia distribuído meu livro *Nur na escuridão*. E de repente, uma moça me disse assim: “Só não aceito que um autor tente enganar o leitor”. E eu: “Mas enganar como?”. E ela: “No teu livro, tem um capítulo chamado ‘Taira’”. Eu o li praticamente inteiro, certa de que estava lendo sobre uma pessoa da família. E Taira era uma cachorra”. Respondi: “Mas era uma pessoa da família. E eu nem inovei. Está aí a Baleia do Graciliano. Está aí a novelinha *O cão e seu dono*, de Thomas Mann”. Ela disse: “Pois é. Mas tu chegas a dizer que ela está ‘grávida’, quando ‘grávida’

quantas vezes eu o li e reli e voltarei a reler. E, relendo Machado, de repente tu descobres coisas assim: ‘Puxa, já li esse cara três vezes e só agora me dei conta disso’. Então, a releitura, para um escritor e um leitor interessado, é muito importante. Tenho um amigo que faleceu aos 96 anos, e que sabia mais de Machado de Assis do que muitos críticos e estudiosos da sua obra. E ele sempre me dizia: “Salim, já li *Memórias póstumas de Brás Cubas* oito vezes e a cada vez me surpreende minha burrice, porque algum detalhe havia me passado despercebido”. Se um livro agüenta uma segunda, uma terceira, uma quarta releitura, é porque, na verdade, ele tem valor. Porque muitos livros nos decepcionam. A gente vai tentar relê-los e diz: “Puxa, da primeira vez este livro me marcou tanto, e agora não estou conseguindo ir além desta página”.

• Reescritas

Escrever é saber reescrever e cortar. Se eu fosse o Nelson Rodrigues, diria “cortar como quem corta na própria carne”. Porque a gente corta aquilo que vem de dentro de nós. Por outro lado, tenho comigo o seguinte: não mexo em um livro meu já publicado, a não ser em alguns detalhes. Não reescrevo livro publicado. O Josué Montello, por exemplo, deixou uma montanha de livros. Publicou quase 150 títulos. Um dos primeiros livros dele, *A luz da estrela morta*, é dos anos 50, e, nos 80, foi publicada uma segunda edição. E ele reescreveu absolutamente tudo. Então, era para ter feito um novo livro. No meu caso, fico insatisfeito com algumas coisas quando as releio, mas não costumo mexer naquilo que já está publicado.

• Livros ditados

A Eglê lê muito para mim, mas temos interesses comuns e interesses divergentes. Ela é muito mais abrangente e tem muito mais interesses, muito mais cultura que eu. Então, muitas vezes, os interesses dela e os meus não coincidem. Durante três anos, tive um estudante de ciências sociais que lia para mim. Eu pagava para ele e, duas vezes por semana, ele ia ler em voz alta para mim. E me ajudava a escrever também. Chamava-se Tarso da Silva — lembro do nome porque é o nome do ministro Tarso Genro. Mas aí ele se formou e parou. Agora, quem está lendo para mim é o meu neto, Jorge Luiz. Ele estuda artes visuais na Universidade Estadual e artes cênicas na Universidade Federal. Fez vestibular para os dois, passou nos dois e está cursando os dois. Então, duas, três vezes por semana, ele lê para mim. Só que o rendimento com ele é muito menor do que era com o outro. Porque estou levantando muitas coisas antigas, documentos. E, com o outro, eu dizia: “Tarso, lê um pedacinho disso aqui. Se me interessar, vamos adiante, se não interessar vamos a outro”. Com o meu neto, não posso fazer isso. Ele diz: “Vô, mas eu estou interessado. Posso ler isso até o fim?”. Resultado: está indo. Outra coisa curiosa é a seguinte: trabalhei como chefe em algumas ocasiões e nunca consegui ditar uma carta

por uma necessidade interior, escrevo para se comunicar. No meu caso, sempre repito que, quando um livro chega ao leitor, ele é e não é mais do autor. Passa a ser de quem o está lendo, que pode largá-lo depois de ler cinco páginas. E pode ajudar o autor cortando alguma coisa, emendando, aceitando, recusando. Então, escrevo por uma necessidade interior, mas não vou ser hipócrita e dizer que escrevo para não ser lido. Escrevo para ser lido. Para deixar o meu recado, o recado do meu tempo, do meu jeito, da minha época. Agora, se isso vai ter validade daqui para diante ninguém sabe. Grandes nomes que começaram há 50 anos, ninguém mais sabe quem são. E outros, que ficaram submersos, de repente apareceram. E não é a quantidade de livros o que marca um autor. É a qualidade. Por exemplo: Juan Rulfo. Bastaram dois livros para torná-lo uma referência da literatura hispano-americana, da literatura do século 20. Espero que dos meus 30 livros, alguns, pelo menos, permaneçam.



SALIM MIGUEL nasceu no Líbano, em 1924, mas veio ao Brasil aos três anos. Passou a infância e a adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis. É jornalista e doutor *honoris causa* da Universidade Federal de Santa Catarina, vencedor do prêmio de melhor romance da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e da 9.ª Jornada Nacional de Literatura de Passos Fundo (Zaffari & Bourbon), em 2001, pelo romance *Nur na escuridão* (1999). Tem 25 livros publicados, entre os quais *Mare nostrum*, *A vida breve* de Sezefredo das Neves, *poeta*, *A voz submersa* e *O sabor da fome*.

via distribuindo meu livro. Por fim, a editora moça me disse assim: "Só não aceito que um autor tente enganar o leitor". E eu: "Mas enganar como?". E ela: "No teu livro, tem um capítulo chamado 'Taira'. Eu o li praticamente inteiro, certa de que estava lendo sobre uma pessoa da família. E Taira era uma cachorra". Respondi: "Mas era uma pessoa da família. E eu nem inovei. Está aí a Baleia do Graciliano. Está aí a novelinha *O cão e seu dono*, de Thomas Mann". Ela disse: "Pois é. Mas tu chegas a dizer que ela está 'grávida', quando 'grávida' se usa para as mulheres. Para mim, ela estaria 'prenha'". E eu: "Não. Ela era uma pessoa da família".

• O livro é do leitor

Houve uma jovem de Belém do Pará. Acho que era uma jovem, porque nossa voz também envelhece. Minha voz de hoje não é a voz de dez anos atrás, não é a voz de 20 anos atrás. Pois essa jovem me telefonou para dizer assim: "Custei a encontrar seu livro *Nur na escuridão*. Não havia nas livrarias. Não havia na editora. Afinal consegui. Ainda não terminei, mas não pude deixar de te telefonar. Me emocionei tanto que cheguei às lágrimas". Aí, fiz-lhe uma pergunta que depois, pensando bem, conversando com a Eglê, vi que foi meio imbecil. Perguntei: "Você tem alguma coisa a ver com libaneses?". Ela respondeu: "É preciso ter para gostar do seu livro?". Para o autor, isso é o mais importante. É preciso conhecer ou ter alguma coisa haver com o autor para se gostar do livro dele? É nesse momento que digo que um livro já passou a ser mais do leitor do que do autor.

• Memórias da prisão

Fiquei 48 dias preso. Fui preso em 2 de abril e solto em 20 de maio. Fiquei no alojamento do Quartel da Polícia Militar de Florianópolis. A Eglê me mandou um caderno e um lápis — lá não podia entrar caneta, era uma arma muito perigosa. Então, fui fazendo anotações a respeito das minhas reações e das reações das 60 pessoas que estavam comigo. Só que deixei aquilo dormir por exatos 30 anos. Não queria dar meu depoimento com rancor ou com mágoa. Queria dar um depoimento isento. Como foram aqueles 48 dias, como é que cada um de nós reagiu. Só que tentei escrever na primeira pessoa. E era "eu" demais. Na terceira, me dava um distanciamento que eu não queria. Então, o livro todo é narrado na segunda pessoa. E agora ele acabou de sair na França, faz um ano. Só que, lá, mudaram o título. No Brasil, ele se chama *Primeiro de abril: narrativas na cadeia*. Ao mesmo tempo em que não há nada ali que não seja real, essas narrativas são ficionalmente trabalhadas. Só que, na França, esse título não funcionaria. Então, a editora de lá me consultou. Perguntou se poderia dar o seguinte título ao meu livro: *Brasil, abril de 1964: a ditadura se instala*. Para eles, isso é muito mais forte.

• Releituras

Com a idade, ao mesmo tempo em que procura acompanhar o que está aparecendo, a gente relê muito mais. Eu, por exemplo, nesses últimos três, quatro anos, nem leio, nem releio, porque estou com um problema de visão. Tenho 70% das duas vistas comprometidas. Então, tenho que ter quem leia para mim. Tenho "releído" muitas coisas. Machado de Assis, por exemplo, não sei

semana, ele lê para mim. Só que o rendimento com ele é muito menor do que era com o outro. Porque estou levantando muitas coisas antigas, documentos. E, com o outro, eu dizia: "Tarso, lê um pedacinho disso aqui. Se me interessar, vamos adiante, se não interessar vamos a outro". Com o meu neto, não posso fazer isso. Ele diz: "Vô, mas eu estou interessado. Posso ler isso até o fim?". Resultado: está indo. Outra coisa curiosa é a seguinte: trabalhei como chefe em algumas ocasiões e nunca consegui ditar uma carta para uma secretária. Eu escrevia à mão ou a máquina e entregava o texto para elas fazerem direitinho. Não conseguia, tinha uma incapacidade total. Mas a necessidade nos faz reaver as coisas. Hoje, meus dois, três últimos livros foram praticamente ditados. E, é claro, dito e a Eglê e eu nos pomos a reler e a discutir. "Pô, mas isso aqui tu podes fazer melhor". Eu: "Eu não posso ir adiante". Ela diz: "Pode, sim. Corta esse pedacinho aqui". Quer dizer, a maioria das vezes acabo concordando com ela. Outras vezes, não.

• O Líbano e Santa Catarina

Santa Catarina é marcada basicamente pela colonização alemã e italiana. Primeiro, foram os açorianos e os portugueses. Tudo que existe em Florianópolis, hoje, é açoriano. Outro dia, cheguei a conversar com um homem que dizia que o milho, a mandioca, tudo era açoriano. Eu disse: "Qualquer dia, até o macarrão vai passar a ser açoriano". Tudo passou a ser açoriano. Mas a marca maior em Santa Catarina é dos alemães e dos italianos. Como comecei a ser alfabetizado em árabe e alemão, isso deixou uma marca forte em mim. Tanto que, quando entrei na escola que ensinava português, já estava indo para os nove anos. No fim do ano, a professora bateu palmas, chamou a atenção dos alunos e disse: "Vejam só. O Salim chegou ontem aqui. Mal sabia algumas palavras de português, misturadas ao árabe e ao alemão. Hoje, ele fala, lê e escreve melhor do que vocês. É turco! Vocês não têm vergonha?". Me chamou lá para frente e me deu um tinteiro, presente que preservava até hoje. Desabei num choro farrado. Não sei se pelo elogio ou se pelo "turco". Meu pai sempre me dizia: "Não aceite que te chamem de turco". Porque durante séculos o Império Otomano Turco havia dominado toda aquela região da Síria, do Líbano. Meu pai tinha duas marcas: uma contra os turcos, a outra contra os franceses. Porque depois da Guerra 14-18, os ingleses e franceses, muito bonzinhos, libertaram a Síria — que depois seria dividida em Síria e Líbano — dos otomanos. Mas a Síria virou um protetorado inglês, e o Líbano, um protetorado francês. Então, ficou do mesmo jeito. E eu desabei num choro que não conseguia parar. Até hoje, francamente, não sei se foi pelo elogio ou se foi pelo "turco".

Leia mais no site www.rascunho.com.br

PROXIMOS CONVIDADOS

- 8 de outubro: JOÃO PAULO CUENCA
- 6 de novembro: BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS
- 10 de dezembro: LUIZ RUFFATO

023: Somos o que a infância nos fez: escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita

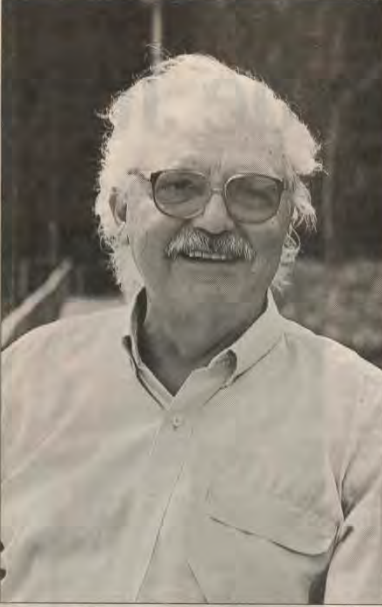
CONDE, Miguel. Somos o que a infância nos fez: escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25/out., 2008, pag. 5. Prosa & verso-entrevista.

'Somos o que a infância nos fez'

Escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita

Divulgação

ENTREVISTA
Salim Miguel



• Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924, mas mudou-se para Santa Catarina ainda criança. A vida dos imigrantes no Sul do Brasil é um tema recorrente de sua ficção, e Miguel volta a ele no recém-lançado "Jornada com Rupert" (Record), em que a história da colonização alemã em Blumenau se mistura com as recordações de um personagem desenraizado, durante uma viagem de trem. Miguel, que está relançando também "Nur na escuridão" (vencedor dos prêmios Zaffari & Bourbon e APCA) — a sessão de autógrafos dos dois livros será na próxima quarta-feira, às 19h, na Argumento Leblon (Dias Ferreira 417) — falou por telefone com o GLOBO sobre os livros. Embora afirme que a literatura brasileira ainda não deu a devida atenção às histórias dos imigrantes no país, ele diz que não se interessa pela ficção histórica.

Miguel Conde

O GLOBO: "Nur na escuridão", que está sendo relançado, e "Jornada com Rupert", seu novo livro, contam histórias de imigrantes no Brasil, um tema recorrente em sua ficção e que faz parte da sua biografia também. Quer saber como ficção e memória se separam, ou se confundem, em sua escrita?

SALIM MIGUEL: Em primeiro lugar, se há uma coisa que eu tenho muito boa é a memória. Mas é claro que, nos meus livros, o que é contado ao mesmo tempo é e não é a realidade, pois há elementos de ficção que permeiam tudo. No caso de "Nur na escuridão", trabalhei em clima da minha família, embora o livro não seja uma biografia nem uma autobiografia. Já "Jornada com Rupert" é um pouco diferente, porque fala de colonos alemães. Logo que minha família chegou ao Brasil, nós vivemos em duas comunidades de imigração alemã. Foram os primeiros lugares onde nós moramos, foi um livro mais difícil de escrever.

• "Jornada com Rupert" faz um painel da vida de imigrantes em Santa Catarina, e ao mesmo tempo conta um drama individual, se aproximando em alguns momentos do tom de romance de formação. O senhor sabia bem, ao começar o romance, que livro queria escrever, e como costurar as duas histórias?

MIGUEL: Eu sempre sei o que pretendo fazer, mas não sei como pretendo fazer. Não me interessa pela ficção histórica,

embora goste que nos meus livros o enredo esteja associado a fatos reais da história do Brasil. Eu queria contar essa história de colonização em Santa Catarina que se estende por um século, mas de um jeito que não fosse linear, que não tivesse um único narrador onisciente. Por isso, a história é contada na forma de recordações, todas acontecidas em um dia, durante uma viagem de trem do protagonista.

• A estrutura do livro, então, está ligada à maneira como o senhor pensa o funcionamento da memória?

MIGUEL: A memória funciona de uma forma que não é lógica. Eu esqueço coisas que aconteceram comigo ontem e me lembro de outras que se passaram vinte anos atrás. Continuo me lembrando de coisas que gostaria de esquecer, e não consigo lembrar de outras que tento recordar. O livro segue esses movimentos.

• E por que a sua memória se volta com tanta frequência para sua infância? Por que o senhor encontra aí um campo especialmente fértil?

MIGUEL: Eu tenho textos também que se passam em outras épocas, mas de fato esse é o período da minha vida que continua sendo o mais produtivo para mim em termos de material para escrita. Acredito, simplesmente, que somos o que a infância e a adolescência nos fez. Tudo que vem depois são acréscimos.

• Alguns desses fragmentos da memória demoram a se combinar, e há coisas que não ficam inteiramente claras. Como o senhor pensa os limites entre a sugestão e a exposição na escrita ficcional?

MIGUEL: Não quero entregar tudo ao leitor. Quando o livro fica pronto, ele é do autor e ao mesmo tempo não é do autor, por que o leitor se torna um participante na construção da história. Sempre faço uma comparação entre Eça de Queirós e Machado de Assis. O Eça conta tudo. Você lê "O Primo Basílio", por exemplo, e está tudo lá, dito. Por outro lado, você pensa num texto como "Missa do galo", de Machado. É um dos textos mais eróticos da história da literatura brasileira, mas o leitor só percebe isso se prestar atenção.

• As alusões, os subentendidos, exigem um trabalho minucioso para não resultarem simplesmente em obscuridade, não? O senhor se descreveria como um autor detalhista?

MIGUEL: Escrever, para mim, é reescrever e cortar. Minha experiência com o jornalismo permit

te que eu anote e faça as primeiras versões da história com muita rapidez. Depois que termino deixo o texto na gaveta e volto a ele meses depois. Esse livro teve seis versões, cada uma menor do que a outra.

• E existe alguma outra relação entre sua ficção e seu trabalho de jornalista?

MIGUEL: Jornalismo é literatura, embora as pessoas digam que não. Joel Silveira, por exemplo, tem reportagens que são grandes obras literárias, e de modo geral toda boa reportagem tem um pouco de ficção.

• Vários escritores brasileiros exploraram ficionalmente a vida dos imigrantes, de Lya Luft até, mais recentemente, Cintia Moscovich. O senhor se interessa por esses livros?

MIGUEL: Gosto muito dos livros da Lya Luft. Tenho lido tudo que encontro sobre o tema, de Graça Aranha a Milton Hatoum e Raduan Nassar. Diante da importância da imigração para o Brasil, acho que nossa literatura e mesmo nossos ensaístas ainda não deram ao tema a atenção devida. Existe um processo muito rico, de formação de uma sociedade a partir da chegada de estrangeiros, da convivência deles numa terra nova, que ainda foi pouco explorado em nossa ficção. ■

024: Entre o árabe e o alemão

MACIEL, Nahima. Entre o árabe e o alemão. **Correio Braziliense**. Brasília, 5/nov., 2008, pag. 2. Caderno C.

LITERATURA

Entre o árabe e o alemão

NAHIMA MACIEL
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 84 anos, Salim Miguel deixou o universo triangular cujas pontas tocavam o Rio de Janeiro, Florianópolis e Biguaçu para se entocar em Blumenau. Não mudou fisicamente de cidade, continua com pouco certo na capital catarinense, mas escolheu a colônia alemã como cenário de *Jornada com Rupert*, romance que lança hoje, às 19h, no Carpe Diem do Brasília Shopping. "Escrever é um desafio permanente. Como sou um jornalista que escreve ficção, gosto muito de desafios. Então, resolvi sair do meu universo ficcional sobre imigração e colonização alemã no vale do Itajaí", conta o escritor.

Nascido no Líbano, Miguel chegou ao Brasil em 1927, com 3 anos. O Rio de Janeiro era um des-

vio para uma rota que terminava nos Estados Unidos, mas o pai do escritor mudou de idéia e, durante uma visita a Florianópolis, resolveu que ali era um bom lugar para a família. Dessa saga nasceu *Nur na escuridão*, romance vencedor dos prêmios da Associação Paulista de Crítica de Arte (APCA-1999) e Zaffari & Bourbon (2001) – e que Miguel relança também hoje, no Carpe Diem, pela Record, editora empenhada em reeditar toda a obra do escritor.

Jornada com Rupert e *Nur na escuridão* tratam de dois universos distantes da imigração no Brasil, mas que encontram pontos de contato na biografia do autor. Quando criança, antes de se mudar para Florianópolis, Miguel morou em São Pedro da Alcântara, o primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina. Na escola, as aulas de ale-

mão substituíam as de português, e o pequeno libanês aprendia o árabe ao mesmo tempo em que era alfabetizado na língua europeia. Na mesma região, decidiu plantar a família de Rupert, descendente de imigrantes alemães cujo pai, nascido em solo brasileiro, sonhava com a Alemanha dos avós e alimentava bizarra obsessão por Adolf Hitler. Rupert se sente amarrado ao universo autoritário, dominado pela figura paterna, e resolve tomar um trem para outra direção. Não ia seguir o destino de agricultor, delineado pela tradição familiar. Mesmo sem saber ao certo o que seguiria, sabia que seus passos marcariam caminhos diferentes.

É com narrativa entrecortada e saltos no tempo que Miguel desenvolve o romance na tentativa de cobrir um século de história. Se no primeiro capítulo o

leitor não tem certeza da época, apesar das descrições de uma melancólica viagem de trem, no terceiro o autor retorna ao final do século 19 para descobrir os detalhes da imigração da família Von Hartroieg. Lá pelo meio do livro, o tempo presente aproxima a história do leitor contemporâneo para distanciar-lo em seguida e remetê-lo ao início do livro, na verdade 1949. "É com esse jogo que a estrutura narrativa descontinua a unidade ao livro", justifica o autor.

Assim, ele visita 100 anos de história do Brasil com especial ênfase em cenários políticos marcantes da região, como a Guerra do Contestado e a campanha presidencial de Getúlio Vargas. Mas os fatos funcionam como referências. Não são centrais na trama. "Não faço romance histórico, mas aproveito elementos da história como pano de fundo. *Jornada com Rupert* traz passagens da história do Brasil, da mesma forma que tem referência à Grande Guerra. Rupert é um rebelde que não sa-

Hirson Vargas/Ep. C&DA Press



SALIM MIGUEL LANÇA JORNADA COM RUPERT, AMBIENTADO EM BLUMENAU

Editora Record/Divulgação



JORNADA COM RUPERT
Romance de Salim Miguel.
Record, 174 páginas, R\$ 22.
Lançamento hoje, às 19h, no Carpe Diem (Brasília Shopping).

be muito o que quer na vida", avisa. O jornalismo fez Miguel se encantar com os fatos e trazê-los para seus romances. Editor da revista *Ficção* entre 1976 e 1979, colaborador da *Manchete* e do caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, Miguel deixou o jornalismo há anos para se dedicar à literatura. Publicou mais de 30 livros e, em 2005, ganhou o Jabuti com *Mare nostrum*.

025: Porque tudo cabe numa única vida

SANTOS, Marcio Renato dos. Porque tudo cabe numa única vida. **Gazeta do povo**. Curitiba, 10/nov., 2008, pag. 3. Caderno G.

Literatura

Porque tudo cabe numa única vida

Salim Miguel revitaliza as possibilidades do romance ao mesclar nuances históricas com uma trajetória particularíssima em *Jornada com Rupert*

Marcio Renato dos Santos

■ A trajetória de uma cidade e de um momento histórico a partir do percurso de um único homem. Esse é o ponto central do romance *Jornada com Rupert*, de Salim Miguel, recém-publicado pela Record.

O escritor libanês radicado em Santa Catarina fez do protagonista Rupert o ponto aglutinador para problematizar algumas tensões que impactavam no Brasil do final do século 19 até a metade do século 20 – e o palco dos acontecimentos ficcionais é a cidade catarinense Blumenau.

Rupert é um jovem errante, o fruto que não vingou na família nem na cidade natal. Filho de uma tradicional família alemã, é o contraponto do irmão mais velho, que repete os passos do pai e assume a empresa familiar.

O protagonista também antagoniza com um amigo, filho de uma

família sem posses, obrigado a trabalhar para garantir o pão na mesa no dia seguinte. Rupert é um estorvo dentro de uma casa marcada por uma tragédia que levou o caçula e onde a presença de uma irmã em idade de casar, mas ainda solteira, é assombrada por rumores a respeito da falta de definição sexual.

O espaço geográfico e mesmo sentimental em que Rupert está inserido é território inóspito para um sujeito, como ele, esmagado pela sombra paterna, sem coragem para alçar qualquer voo. Até mesmo a possível (e tida como não-audaz) namorada rompe fronteiras e migra rumo à então capital federal, o Rio de Janeiro, de onde envia cartas e se torna, em meio à narrativa, uma voz que comenta à distância os acontecimentos que enovelam Rupert e toda a província barrigaverde.

Resta ao anti-herói afogar-se em conhaque e nas coxas de uma prostituta cobiciada, por quem ele se apaixona, mas com quem não assume uma relação real (e possivelmente transgressora).

“Deixemo-lo no trem que corre, rumo a um futuro incerto.” Assim o narrador “abandona” Rupert nos seminais momentos do livro, antes de desvendar em que impasses o protagonista estaria enredado. O culto ao trabalho, tão germânico e presente na teia cidadã de Rupert, mescla-se com os anseios de uma população simpaticamente obcecada pelo nazismo, incluindo o an-

seio de que Hitler visitasse Blumenau, e muito desprezo ao filho de um homem próspero que não encontrava nenhum norte para a própria condução dos passos.

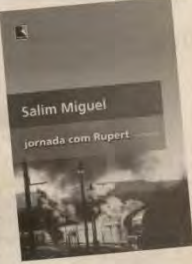
Um dos pontos de inevitável virada é a morte do pai de Rupert, que coincide com o rescaldo do final do segundo conflito bélico de proporções planetárias, a derrocada do sonho nazista e a troca geracional em uma ex-pequena Blumenau que não parava de crescer. Órfão, Rupert deixa a família, a cidade e o passado para onde não quer mais mirar. É aquele personagem abandonado pelo narrador dentro de um trem no início do livro estará, ao final, novamente dentro da mesma locomotiva rumo ao porvir.

“Aqui começa uma outra história, que não contaremos, porque só agora Rupert vai vivê-la.” Dessa maneira o narrador encerra o romance, com possibilidades em aberto para o protagonista, sobretudo após Salim Miguel ter empreendido uma experiência literária de raro fôlego, domínio técnico, leveza e doses de experimentação no uso da linguagem. O romance, um gênero nunca esgotado, está (sempre) pronto para ser renovado, em especial quando um escritor do calibre de Salim Miguel realiza uma obra-prima como esse *Jornada com Rupert*.

SERVIÇO
Jornada com Rupert, de Salim Miguel, Record, 174 págs., R\$ 22.



Libanês radicado em Santa Catarina, Salim Miguel é autor de mais de 30 livros.



Salim Miguel
jornada com Rupert

BREVE BIOGRAFIA

Saiba mais sobre Salim Miguel

Já publicou 30 livros. Sua obra mais conhecida é o romance *Nur na Escuridão*, que abocanhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor romance em 1999. Em 2001 consagrou-se com o Prêmio Zaffari & Bourbon durante a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS).

Em 2002, recebeu o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, concedido ao intelectual do ano.

Ele é libanês, nascido em 1924, mas passou a vida, praticamente toda, em Santa Catarina, principalmente em Biguaçu, nas bordas de Florianópolis.

No final da década de 1970, foi um dos editores da (hoje) cultuada revista *Ficção*, publicada no Rio de Janeiro.

Atravessou a década de 1980 à frente da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entidade que o condecorou com título de doutor honoris causa.

“Rupert caminha. Saiu há pouco de casa. Ainda nervoso, exaltado: resultado da briga com o pai. Não há meios de se entenderem. Tudo inútil. A casa, iluminada, ficou para trás. Precisa deixar dentro dela suas preocupações. Já anoiteceu e só agora ele se dá conta. Põe-se a reparar em tudo, nos raros vultos que passam, na noite que caiu mansamente, nas luzes que brilham.”

Trecho de *Jornada com Rupert*, de Salim Miguel.

026: UM século do Vale do Itajaí. In prontos para sair do prelo

UM século do Vale do Itajaí. In prontos para sair do prelo. **A Notícia**. Santa Catarina, 6/jan., 2008, pag. 2 e 3.



SALIM MIGUEL

Um século no Vale do Itajaí

“Tenho dois livros aprovados pela Editora Record. Um deles é a quinta edição de ‘Nur na Escuridão’, que deverá sair até outubro. Não haverá nenhuma mudança no conteúdo. Apenas sugeri que fosse acrescentado ao fim do livro mais quatro páginas contendo trechos de matérias veiculadas na imprensa sobre o livro. Ainda pela Record, estou preparando o lançamento de um novo romance. ‘Jornada com Rupert’ está previsto para chegar às livrarias também em outubro. Na obra, falo da colonização no Vale do Itajaí. Em somente um dia, recupero um século de

colonização, de 1850 a 1949, partindo do relato da chegada dos primeiros imigrantes até a transformação da região. São fragmentos de histórias em que Hermann Blumenau sonhava em ver sua cidade se tornar apenas uma colônia e Fritz Muller um reduto socialista. No final das contas, nada disso ocorreu, e Blumenau surgiu como uma colônia industrial. Fora estas duas obras, ainda terei contos publicados pela Editora Global. A organização é assinada por Regina Dalcastagne, professora do departamento de teoria literária e literaturas da Universidade de Brasília.”

027: O conjunto de uma obra: Salim Miguel recebe hoje no Rio de Janeiro o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras

REZENDE, Dorva. O conjunto de uma obra: Salim Miguel recebe hoje no Rio de Janeiro o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23/jul., 2009, pag. 1. Variedades.

O conjunto de uma obra

Salim Miguel recebe hoje, no Rio de Janeiro, o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras

DORVA REZENDE

“ Foi com este livro (A morte do tenente e outras mortes) que eu achei que poderia ser de fato um escritor. Se não tivesse dado certo, eu continuaria a escrever, mas teria deixado de publicar.

Prédio doado em 1923 pelo governo francês à Academia Brasileira de Letras, réplica do palácio construído em Versailles pelo rei Luís 14 para sua amante, a Madame de Pompadour, o Petit Trianon, no Centro do Rio, receberá alguns dos grandes nomes da literatura nacional para a entrega, hoje às 17h, do Prêmio Machado de Assis, o mais importante da ABL, ao escritor catarinense Salim Miguel, pelo conjunto de sua obra.

O prêmio no valor de R\$ 100 mil reais é o principal da solenidade de entrega dos prêmios literários de 2009 da ABL, que também vai distribuir R\$ 50 mil aos vencedores das seguintes categorias: História e Ciências Sociais (a Gisele Sanglard, pela obra *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*); Ensaio (a José Maurício Gomes de Almeida, por *Machado, Rosa e Cia: ensaios sobre literatura e cultura*); Literatura Infantil (a Francisco de Salles Araújo, pela obra *Cordeirinho*); Roteiro de Cinema (a Rafael Conde, pelo filme *Fronteira*, baseado na obra de Cornélio Penna); Ficção (a Silvano Santiago, pelo livro *Heranças*); Tradução (a Paulo Bezerra, pela versão de *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski); e Poesia (a Denise Emmer, pelo livro *Lampadário*).

Salim Miguel foi escolhido para o Prêmio Machado de Assis por uma comissão julgadora composta pelos acadêmicos Marcos Vilaça, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Alberto da Costa e Silva e Moacyr Scliar. No ano passado, o vencedor do Machado de Assis foi o romancista mineiro Autran Dourado.

Logo depois da solenidade, no salão de lançamentos da Academia Brasileira de Letras, Salim Miguel divulga o seu novo livro, uma seleção de seus melhores contos feita pela professora da Universidade de Bra-

sília, Regina Delcastagnè. Publicado pela Global Editora, os *Melhores Contos de Salim Miguel* saem dentro da coleção dirigida pela também catarinense Edla Van Steen.

– Gostei da seleção que ela fez. A professora Regina quis dar uma visão diversificada de minha proposta como escritor. Claro que a gente sabe que uma coletânea como essa tem seus limites de número de páginas. Se eu tivesse feito e pudesse colocar mais alguns, teria escolhido apenas mais uns três contos que eu gosto muito – disse Salim.

Dos 15 contos reunidos, três (*Velhice, um; Velhice, dois e Velhice, três*) são do primeiro livro de Salim Miguel, *Velhice e outros contos*, publicado em 1951 pelas Edições Sul de Florianópolis. Dois contos intitulados *Rinha e Sem Rumo* saíram do volume *O Primeiro Gosto*, que ele publicou, em 1973, pela Editora Movimento de Porto Alegre, do catarinense Carlos Appel. O maior número de contos, seis, foram retirados de *A morte do tenente e outras mortes*, livro de 1979 publicado pela editora carioca Antares: *O gramofone; Um bom negócio; As queridas velhinhas; Gato, gato, atogo; Outubro, 1930 e Amanhã*.

– Foi com este livro que eu achei que poderia ser de fato um escritor. Se não tivesse dado certo, eu continuaria a escrever, mas teria deixado de publicar – afirmou Salim.

Dos outros quatro contos do livro, três (*Ele; Atenção, firme e Pegadas nas areias do tempo*) são do volume *As areias do tempo*, da paulista Global, de 1988. E o último, *Ponto de balsa*, saiu no livro *Onze de Biguaçu mais um*, publicado pela Insular de Florianópolis em 1997.

Dos livros de contos de Salim Miguel, apenas dois, *As desquitadas de Florianópolis* (de 1995) e o mais recente *O sabor da fome* (2007), não tiveram narrativas escolhidas por Regina Delcastagnè, que escreveu um ensaio introdutório destacando o trabalho metódico do escritor com a memória, que dá às suas narrativas um tom, muitas vezes, fluído e até mesmo poético.

Melhores contos, Salim Miguel. Seleção e prefácio de Regina Delcastagnè. Global Editora (São Paulo). 224 págs. R\$ 34

Salim Miguel junto à máquina de escrever dos anos 1940 e, no detalhe, o garfo e a faca com os quais comia quando foi libertado, após o golpe de 1964



028: O gago que dá palestra

REZENDE, Dorva. O gago que dá palestra. **Diário Catarinense**. Florianópolis, n. 321, 4/abr., 2009. Entrevista com Adolfo Boos Jr. Cultura.

SÁBADO, 4 DE ABRIL DE 2009 - Nº 321

O gago que dá palestra

Adolfo Boos Jr. é o segundo entrevistado da série sobre os escritores catarinenses



Autor de quatro romances e de quatro livros de contos, Adolfo Boos Jr. é uma cria do Grupo Sul, por intermédio do qual fez sua estreia literária em 1956

DORVA REZENDE

Como não existe a figura de entrevistador oficial dos escritores catarinenses, o DC Cultura convidou o contista e romancista Flávio José Cardozo para participar do bate-papo com Adolfo Boos Jr., o segundo autor da série mensal que **Diário Catarinense** vem publicando. Grande amigo de Boos, Flávio veio preparado para o encontro, com três folhas cheias de perguntas impressas, a maioria das que se seguem.

Nascido em Florianópolis, em 1931, 78 anos recém-completados, Adolfo Boos Jr. é avaião desde criança (seu pai, o depois alfaiate Adolfo Boos, defendeu o gol alviceleste na década de 1920) e autor de oito livros, quatro de contos e quatro romances, sem contar as participações em antologias. Tem dois outros livros prontos, uma coletânea de contos antigos que foram sendo retrabalhados nos últimos anos e a prometida continuação do romance *Quadrilátero*, que deve sair pela editora Movimento, do brusquense, radicado em Porto Alegre, Carlos Jorge Appel.

Nesta entrevista realizada na casa do escritor, no Bairro Coqueiros, numa serena tarde de quinta-feira, Boos fala como uma gagueira na infância o levou a inventar as primeiras histórias, no germe do futuro escritor lançado pelo Grupo Sul, em 1956, com o livro *Teodora & Cia*. Depois de uma longa carreira no Banco do Brasil e de quase 30 anos sem publicar nada, ele retomou a literatura com três obras premiadas: os contos de *As Famílias* (Prêmio Virgílio Várzea, em 1980) e *A Companhia Noturna* (terceiro lugar na Bienal Nestlé, em 1986) e o já citado romance *Quadrilátero* (segundo lugar na mesma Bienal Nestlé).

Tido como escritor difícil, que exige muito do leitor, Boos foi escrevendo, rescrevendo e publicando outros excelentes livros ao longo das duas últimas décadas: *O Último e Outros Dias* (contos, em 1988); *Um Largo, Sete Memórias* (romance, 1997); *Presenças de Pedro Cirilo* (romance, 2001); e *Burabas* (romance, 2005). Adquiriu o respeito entre os de sua terra, embora ainda lhe falte o devido reconhecimento nacional por uma obra de qualidade inquestionável.

E, desde 1995, quando se tornou um seguidor da doutrina espírita, o ex-gago vem realizando palestras sobre religião e assuntos variados em diversos centros da Capital, com mais frequência no Seara dos Pobres, no Bairro Estreito.

DC Cultura – Na entrevista com Silveira de Souza, o primeiro da série sobre escritores catarinenses, ele disse que você é um romancista que escreve contos, bons contos. Você se considera mais romancista ou contista?

Adolfo Boos Jr. – Eu nunca pensei em ser romancista, tanto que comecei, como todo mundo, no conto. E eu achava que iria ficar por ali. Mas, de repente, eu tive que admitir que eu sou mais romancista do que contista. Eu não tenho mais aquele entusiasmo pelo conto. Aliás, acho que isso é geral. Não sei porque, um gênero tão bom de se trabalhar, curto, bom de leitura, você pode interromper a qualquer momento e depois retomar. Não sei a que atribuir a falência do conto. O Salim também não encontra explicação. Mas, nestes tempos de correria, em que poucas pessoas têm tempo para ler um romance, porque um romance exige uma certa continuidade. Um conto não. Você lê um conto hoje, outro amanhã, depois deixa de lado e pode retomar mais tarde.

DC Cultura – Você é conhecido como um escritor difícil, exigente consigo mesmo e para com os leitores, que sempre busca a melhor frase, a melhor palavra, rescreve com frequência os seus textos. Entre escrita e rescrita, um romance como *Quadrilátero*, por exemplo, levou quanto tempo para ficar pronto?

Boos – Eu gosto de elaborar um texto, eu acho uma maravilha, o processo de criação é apaixonante. *Quadrilátero* levou alguns anos para ficar pronto. Primeiro porque eu tinha imaginado para o livro um outro formato. Seria um romance formado por histórias curtas, contos, mas depois foi sofrendo transformações. Foi apaixonante escrevê-lo. Apanhei feito boi ladrão, porque eu não tenho teoria literária. Fiz no instinto, fui na marra, lendo e chorando de raiva quando tinha que rasgar uma página, era no tempo da máquina de escrever. Um trabalho do cão. E aí, quando chegou a época da Bienal Nestlé de Literatura, eu dei o trabalho como terminado. Só não tinha o título. Mas eu tinha quatro personagens principais, aquela ideia de *Quadrilátero* nasceu dali. Tanto que, no *Quadrilátero* publicado, só tem o primeiro e o segundo livros, o *Livro de Mateus* e o *Livro de Lucas*. Os quatro personagens principais têm os nomes dos quatro evangelistas. Na continuação do romance que estou negociando publicar com o (o editor Carlos Jorge) Appel, vão ser os livros de João e de Marcos. Essa segunda parte do *Quadrilátero* também foi escrita e rescrita várias vezes, e ficou de lado um tempo dando espaço para outros livros como *Um Largo, Sete Memórias*, o *Burabas* e até o (*Presenças de*) Pedro Cirilo. Quando o romance naseava demais, eu me dedicava a outro. É um negócio meio sazonal, tem uma época que eu só faço aquele livro, até ficar pronto. E como publicar no Brasil está cada vez mais difícil, a tendência da gente é continuar inédito, porque publicar na província é também continuar inédito. Você não vence as barreiras assim fácil.

DC Cultura – O Silveira de Souza disse que um romance como *Um Largo, Sete Memórias* merecia ter sido lançado e conhecido nacionalmente. Numa entrevista feita para o DC, há alguns anos, você disse que o livro se originou de uma nota de cinco linhas sobre o Artista Bittencourt que você leu num jornal, e que, ao comentar com a dona Eglê (Malheiros) de que não tinha encontrado mais elementos para desenvolver a história, ela lhe deu uma resposta que o estimulou a prosseguir no tema. O que foi que ela lhe respondeu?

Boos – Eu disse para a Eglê que eu não tinha uma biografia do Bittencourt (eu já tratava ele com intimidade, porque ele já morava comigo). E ela respondeu: Boos, para quem é ficcionista, cinco linhas é um prato cheio. Daí eu soltei a imaginação. Fiz alguma pesquisa. Usei o pouco que eu achei no *Nassi Senhora do Destino*, do (Oswaldo Rodrigues) Cabral. Alguma coisa que o Julio Basadona Dutra, que sempre foi interessado no assunto, me passou. Eu só não fiz pesquisa em dois locais. Um foi no Hospital de Caridade, que tinha recém-saído daquele incêndio, e me disseram que realmente existia lá os livros com os registros da época, mas que eles estavam todos molhados e que era impossível manuseá-los. O outro lugar foi no arcebispoado. Liguei para lá e fui muito mal recebido. Disseram, assim, seco: “Não temos interesse”. Tempos depois, falando com o (Raimundo) Caruso, ele me disse que tinha gostado muito do livro, mas que eu iria cair do cavalo, pois esse cara (o Artista Bittencourt) não tinha existido. Teria existido um sapateiro abolicionista, mas ele era outra pessoa. Agradei a informação, mas disse que preferia ficar com o meu, que é muito mais literário.

SEGUIR >

diario.com.br

> Ouça o áudio com a íntegra da entrevista com o escritor Adolfo Boos Jr. em www.diario.com.br/educadodia

DC Cultura – A construção do romance *Um Largo, Sete Memórias*, com suas sete vozes narrativas, não impediu que uma outra personagem ganhasse corpo, a ponto de se tornar numa oitava memória; a Terta, a cozinheira-governanta do Artista Bitencourt, que era uma espécie de consciência do sapateiro abolicionista. Como é que esse personagem apareceu, porque você não deu uma oitava voz para ela?

Boos – Até hoje eu não consegui fazer o que pretendia com o livro. Uma apresentação teatral, com sete pessoas dispostas num palco, sentadas em cadeiras, e cada uma lendo a sua parte. Essa era a concepção inicial. Depois eu vi que tudo se passava ali na Praça XV, no Largo da Matriz, que era onde se concentrava a vida provinciana. Ai andaram me mostrando a casa onde ele teria morado, uns sobradinhos na Fernando Machado. Mas para mim isso não era importante. Para mim, o que valia era a aura que existia nessa história, se ele era verdadeiro ou não, isso é outra coisa. Mas a história do sapateiro que juntava dinheiro para libertar escravos é um achado. Dava um filme, se possível em preto e branco, é claro. Sobre a Terta, o fato dela ter crescido como personagem é algo que acontece com frequência. Ela cresceu por si, sozinha, e eu não faço força para controlar nada. Escrevo ao sabor da inspiração. Depois vem o restante, podar a frase, fazer alguma modificação, daí sim há um controle.

DC Cultura – Como foi a sua formação literária, como você descobriu que um dia iria ser escritor?

Boos – Isso eu já contei várias vezes. Eu era gago quando pequeno e fui segregado do convívio com outros meninos da minha idade. Eu já me entendia por gente, já sabia ler, tive uma tia professora e ela me alfabetizou muito cedo. Quando eu fui para o Grupo Escolar Lauro Müller, no primeiro ano, eu já fui lido corretamente. Mas eu era gago, levei um susto, essa história já é famosa. Levei um susto porque os navios, quando entravam pela Baía Norte e chegavam perto da Ponte Hercílio Luz, eles apitavam. O Anna, o Max, o Carl Hoepcke, eram os três navios que faziam essa rota. Eu morava na Bocaiúva, no Largo São Sebastião, os fundos da casa dando direto para o mar. Eu tinha muito medo daquele apito. E eu estava brincando no latifúndio do meu avô, que ocupava meia quadra, tudo muito sombrio, cheio de folhagem (minha avó foi uma das primeiras mulheres de Florianópolis a vender plantas, flores principalmente), quando o Anna chegava perto da ponte e apitava, eu chispava para perto da sai da minha mãe. E uma noite estavam jogando carta lá em casa – meu pai era alfaiate e tinha a alfaiataria dele nos fundos, num renque de quartos separados da casa do meu avô – e eu estava deitado no quarto quando assoprou, assim, na janela uma

cara e imitou aquele apito do navio. Não sei se de uma empregada, não sei se foi um tio ou se foi um sonho, mas eu gritei. Eu sei que eu gritei. Ai vieram correndo, me deram água, e depois, no outro dia, perceberam que eu gaguejava. Hoje não seria mistério. Toda criança que começa a falar, ela se atropela, raciocina mais ligeiro do que articula as palavras. Mas naquele tempo era um horror, eu, o primeiro neto homem, gago, “todo mundo vai rir dele, o que vai ser desse menino”. Então me segregaram, eu não brinquei na rua, não fui moleque de rua. E nesse tempo entrou no Brasil aquele gibi mensal, em formato tabloide, meu avô comprava para o meu tio e ele me dava depois de ler. Ai eu comecei a viver aquelas aventuras, segregado, sozinho. Fui Fantasma, fui Mandrake, fui Flash Gordon, Tarzan. E cresci assim. Quando eu fui pro Grupo Escolar Lauro Müller, fui pela mão da tia professora, e ela avisou que não era para eu ler em sala de aula. Mas, quando eu fui pro ginásio do Catarinense, o sonho acabou. Os padres não quiseram saber disso. Ai eu fui ler em sala de aula, gaguejei, um cara riu – depois ele virou meu amigo, o Pedro Ivo Campos – e eu saí na porrada com ele ali no jardim do Katcps. Confesso que apanhei, porque ele era forte para burro (risos). Mas chegou uma hora em que eu vi que não adiantava ficar brigando com a humanidade toda, disse eu tenho que aprender a falar, e hoje eu falo pouco, como vocês podem perceber (risos). Acho que naquela história de ler o gibi, e ele levar um mês para voltar, eu comecei a inventar as minhas histórias. Eu atribuo o fato de escrever a isso, é um negócio meio romântico, mas eu teria que ter lá por dentro essa vocação.

DC Cultura – Com quem você falava de livros até entrar para o Grupo Sul?

Boos – Eu tive acesso à biblioteca do Apostolado da Oração, lá no Colégio Catarinense, lia muito Karl May, *Winnetou* e *Old Surehand*, aquelas coisas. E, fora de lá do ginásio, a minha mãe era também leitora daqueles romances de Madame Dely, tinha duas tias professoras que liam também, e o meu tio Artur, que era quatro anos mais velho que eu, esse que recebia os gibis das mãos do meu avô, ganhava sempre os livros do Tarzan do Edgar Rice Burroughs que eram publicados pela *Coleção Terra, Mar e Ar*, e também eu peguei carona ali.

DC Cultura – Isso no ambiente familiar, mas a sua entrada no Grupo Sul se deu lá pelo início dos anos 1950, quando você tinha seus 19, 20 anos...

Boos – No Grupo Sul é que eu realmente fui conhecer a literatura.

DC Cultura – O primeiro livro, *Teodora & Cia*, foi publicado em 1956 dentro do Grupo Sul e pelo Grupo Sul. Você acredita que ele deve muito a essa convivência com o pessoal.



Aos 78 anos, recém-completados, Adolfo Boos Jr. tem outros dois livros prontos

Boos – Deve, e muito. Eu recebi uma orientação muito segura do que ler e como ler ali naquele balcãozinho da Anita Garibaldi, ali no Café Rio Branco, do Silveira (de Souza), do Hugo Mund, do Salim (Miguel), do Aníbal (Nunes Pires), especialmente, e do Walmar Cardoso da Silva. Eu fui muito bem amparado. Ai eu levei pro Salim um conto meu chamado *Fim*, um negócio meio dramalhão, o narrador está morrendo e fala da madrugada. Aquilo foi publicado na revista Sul. Eu imediatamente voltei pra casa e engendrei um segundo conto, levei pro Salim e ele disse: “É, precisa trabalhar mais o texto”. E eu lá sabia o que era trabalhar o texto, fiquei ali sem saber se ia pra frente ou pra trás, mas foi assim que comecei. Foi no Grupo Sul que eu vi como escrever, porque escrever, dar um sentido à coisa. Eu me senti muito à vontade no grupo, eles foram muito paternalistas comigo, o Aníbal então abrigava todo mundo debaixo das asas.

DC Cultura – Mas esse impulso literário logo encontrou uma barreira, que foi a sua carreira no Banco do Brasil. Entre o primeiro livro, *Teodora & Cia*, e o segundo, *As Famílias*, foram 24 anos, o tempo que você levou para se aposentar no banco...

Boos – Eu entrei no Banco do Brasil em 1955, um ano antes de publicar o *Teodora & Cia*, e de me casar. Eu vi uma vez, nos áureos tempos do cinema norte-americanos, um clássico do Kirk Douglas, a cinebiografia do trompetista de jazz Bix Beiderbecke, que se chamava *Exit Fugaz*, em que ele passa o filme inteiro tentando encontrar aquele som, aquele acorde perfeito. Eu parei esses anos todos, não de escrever, mas de publicar. O que eu estava escrevendo não me agradava. Eu estava muito Graciliano, sejamos honestos. Porque o Graciliano foi um deslumbramento para mim. O jeito dele escrever com aquela frasezinha seca, e transmitir algo com isso. Contrariando a minha índole, eu me tornei um pouco (ou muito) Graciliano. Mas, no *Quadrilátero*, eu encontrei o meu tom.

DC Cultura – Você é um escritor disciplinado, que segue um horário de trabalho fixo. Você atribui isso à sua experiência no banco, à disciplina? Fale um pouco do seu mé-

do de trabalho.

Boos – O difícil foi conciliar, quando bancário, as duas coisas. Realmente, hoje, eu consigo sobreviver com a minha aposentadoria. Continuo levantando cedo e vou quase que direto lá para o meu calafio, um quarto de empregada que eu transformei em escritório. Lá é o caos antes da criação, só eu me entendo. E trabalho das 8h até esgotar a inspiração ou me aborrecer com o texto. Tem texto que não se conserta, você fica em cima dele, mexe e remexe e a maionese desanda. Quase sempre termino perto do meio-dia, subo, vejo algum noticiário de tevê, descanso após o almoço, daí desço novamente, e vou até 18h. Janto e, à noite, vou até umas 23h. Isso é diário, o dia em que eu não posso eu sinto uma falta danada. As 23h, eu fecho e subo para ligar a tevê no TCM, aquele canal da NET que só passa filme velho. Dia desses eu me delíciei com *Casablanca*.

DC Cultura – Você já declarou anteriormente uma grande afinidade com o Graciliano Ramos. Mas ela não ocorre só no primeiro livro, porque o professor José Leonardo Tonus, da Universidade de Paris, publicou recentemente uma tese que faz do *Quadrilátero* um objeto para abordar essa sua aproximação com o Graciliano. Como é que apareceu esse Tonus na sua fortuna crítica?

Boos – Para mim foi um susto. Na realidade, ele estava fazendo um trabalho acadêmico sobre o tema da imigração na literatura brasileira (*Mundos em ruínas: Ecos de Graciliano Ramos em Quadrilátero de Adolfo Boos Júnior*). No ano retrasado, ele tinha apanhado no Google uma referência sobre o *Quadrilátero* e, dias depois, entrou num sebo em Paris e, quando botou o pé na soleira da porta, deu com o livro no nariz dele. Eu havia mandado apenas um livro para a França, para o Carlos Taulois, que em 1964 teve que se exilar lá e nunca mais voltou. Eu não sei se ele faleceu e a viúva quis abrir espaço na estante ou ele quis abrir espaço, ou os dois morreram e os herdeiros quiseram se desfazer do livro, só sei que ele estava lá no sebo e o Tonus o comprou. Tempos depois, ele veio para o Brasil, para participar de uma conferência em Brasília e, conversando com um grupo de professores, falando desse

projeto dele, perguntou se alguém conhecia a obra do Adolfo Boos Jr. Uma das que estavam conversando com ele disse: “Conheço sim, ele é muito amigo do meu sogro”. Era a Regina, a nora do Salim Miguel. Daí ela ligou para o Salim, pediu o meu telefone e, dias depois, o Tonus estava aqui em casa para conversar comigo. Foi uma conversa longa, de um dia inteiro.

DC Cultura – Essa aproximação dele do Boos com o Graciliano, o que você pensa disso?

Boos – Quando eu assumi a narrativa do *Quadrilátero* e da *Companheira Noturna*, que são quase simultâneos, eu já estava enfiado daquele estilo seco do Graciliano. Ele me deixava meio amarrado, e eu não estava mais gostando dessa história. Não era eu que estava escrevendo, então decidi romper com aquilo. Mas a aproximação, hoje, eu consigo sobreviver com a minha aposentadoria. Continuo levantando cedo e vou quase que direto lá para o meu calafio, um quarto de empregada que eu transformei em escritório. Lá é o caos antes da criação, só eu me entendo. E trabalho das 8h até esgotar a inspiração ou me aborrecer com o texto. Tem texto que não se conserta, você fica em cima dele, mexe e remexe e a maionese desanda. Quase sempre termino perto do meio-dia, subo, vejo algum noticiário de tevê, descanso após o almoço, daí desço novamente, e vou até 18h. Janto e, à noite, vou até umas 23h. Isso é diário, o dia em que eu não posso eu sinto uma falta danada. As 23h, eu fecho e subo para ligar a tevê no TCM, aquele canal da NET que só passa filme velho. Dia desses eu me delíciei com *Casablanca*.

DC Cultura – Uma vez você falou no trabalho braçal que é o ato de escrever? O ato de escrever, reler, reescrever, até chegar ao final, não é fácil para alguns autores. Você tem facilidade para escrever?

Boos – Eu tenho facilidade para armar uma história, mas agora chegar ao ponto de dizer “estou satisfeito”, isso eu nunca consegui. O *Quadrilátero* foi mandado lá para a Bialen Nestlé porque estava em cima do laço, tanto que o nome foi posto na hora. Mas como eu estava tratando de quatro livros, com os nomes dos quatro evangelistas, talvez isso tenha a ver com essa formação religiosa que eu tenho lá fora. O Faulkner também tinha essa coisa meio messiânica. Se não tivesse a Bialen, eu teria continuado a trabalhar o texto, mas as vezes você já está trocando seis por meia dúzia. É um desgaste grande.

DC Cultura – Fale um pouco de sua amizade com o Salim Miguel, que vem desde o Grupo Sul. Vocês continuam muito próximos?

Boos – O Salim é meu irmão. Eu não tive um irmão biológico, mas o Salim foi um cara que sempre me prestigiou. Quando nós nos separamos, em 1964, eu fui para a Bahia, e ele para o Rio de Janeiro, nós nos reencontramos aqui só depois de 10 anos. E foi uma coisa espantosa, porque já fiz cada coisa nessa vida que eu tenho até vergonha de falar, mas eu já criei cachorro de raça para exposição, fui presidente do Kennel Club e fiz curso para juiz de cão no mesmo prédio em que o Salim trabalhava na Agência Nacional, na Rua dos Ilhéus. E nos reencontramos assim, mas, com aquela naturalidade do Salim; acho que ele é mais graciliano do que eu, porque ele não gosta de externar emoções; ele olhou pra mim

e disse: "Oba!". Fazia 10 anos que não nos víamos e ele disse "Oba" (risos). E ficou por isso. Aí começamos a nos encontrar, e ele me perguntou dos meus escritos no baú. Eu já estava saturado e desiludido de tentar fazer carreira no banco, não estava querendo mais aquilo, daí trabalhei mais alguns anos aqui e me aposentei.

DC Cultura – Além da Bahia, você trabalhou em que outros lugares no Banco do Brasil?

Boos – Quando eu fiz concurso fui nomeado para Blumenau, trabalhei lá um pouco e depois fui para Brusque. Em 1964, eu tive alguns problemas, e o banco facilitou a minha transferência para a Bahia. Mas eram problemas passageiros, coisa pequena. Eu escrevia para o jornal *O Rebate*, de Brusque, dirigido pelo Guido Krieger. Eu fazia a página cultural. E o grande adversário do *Rebate* era *O Município*, do Jaime Mendes, e, embora ele fosse de direita e o nosso jornal tivesse uma inclinação de esquerda, ele sempre nos tratou com cordialidade. Daí o banco facilitou a minha ida para a Bahia. Trabalhei em Canavieiras, no Sul do Bahia, região cacauífera; depois Paulo Afonso, nas cataratas; e por fim Caetitê, no sertão. Não tive moleza não, mas pesquei e cacei muito por lá; cacei perto do Rio Verde, afluente do São Francisco que o Guimarães Rosa cita no *Grande Sertão: Veredas*; me senti meio que um Hemingway, deixei até crescer a barba.

DC Cultura – Você sempre diz que para escrever é preciso ter uma finalidade, uma motivação, evidentemente que para o bem, ou não fazendo o mal já está valendo? Tem que se fazer o bem escrevendo? O sujeito tem que usar aquilo que escreve para promover determinados valores?

Boos – Os espíritas dizem que dei-

xar de fazer o bem já é o mal. Mas, sobre a última pergunta, eu não me penso assim. Escrevendo, eu me sinto com uma câmera na mão. Não quero saber se eu estou registrando um acontecimento feliz ou uma tragédia. Eu estou apenas fixando, testemunhando.

DC Cultura – Você é muito ligado à doutrina espírita e tem feito palestras nos diversos centros espalhados na cidade. Como é que se deu essa sua formação espiritual?

Boos – Isso aconteceu da forma mais curiosa possível. Eu estava ajudando na edição do livro do Julio Basadona Dutra sobre o Holdemar de Menezes. E quando chegou a hora da revisão, na casa dele, a dona Iolanda, mulher do Julio, serviu um lanche para nós. Antes de sair, eu tive uma discussão aqui em casa, e, como tenho a boca solta, falei uns palavrões e disse que parecia que as coisas estavam sempre me puxando pra trás. A minha mulher, que é católica, disse: "Já que tu vais na casa da dona Iolanda, porque não falas com ela, que é espírita. Ela pode te aconselhar". E foi o que eu fiz. Quando ela serviu o lanche, eu fui falar com ela. Daí ela disse que iria falar com o sobrinho dela, o Ricardo, sobre o que eu deveria fazer. No dia seguinte, ele me ligou dizendo que eu deveria me dirigir à Seara dos Pobres, na Avenida Ivo Silveira. Isso foi em 1995. Cheguei lá, fiquei esperando, vi a Dona Lourdes dar uma palestra. Depois, chegou a hora do passe; confesso que eu estava meio nervoso. Era uma quarta-feira. Quando chegou a minha vez, recebi o passe e fui pra casa. Mas eu gostei do sermão da Dona Lourdes, que falava daquela passagem bíblica sobre o "que essa mão não saiba o que a outra está fazendo". E aí eu voltei lá na outra quarta-feira, e fui ficando. E cada dia um palestrante diferente, tudo sob uma ótica muito prática, nada de fanatismo. E fui ficando, cada vez mais

à vontade. Aí, um dia, o cara da mesa me convidou para subir. Eu já tinha umas leituras, Kardec, Chico Xavier, essas coisas. Depois de uns tempos, eu já estava dando passe. Acho que todos nós temos alguma mediunidade. Todos somos dados a sonhos, a palpites, isso tudo é mediunidade, é só uma questão de se disciplinar. Mais tarde, alguém soube que eu era escritor e me convidou para dar uma palestra. Disse que não sabia falar de improviso, só lendo. Já fiz umas 50, algumas com temas estipulados previamente, outras com tema livre.

DC Cultura – E essa descoberta da espiritualidade, de alguma maneira, se refletiu na sua obra?

Boos – Acho que ela sempre teve um caráter mágico. Eu vejo isso na minha obra. Eu não tenho visões, mas, antes de ser espírita, eu já tinha uma obra com um pouco disso. Eu nunca consegui ser totalmente ateu. Eu saí do Colégio Catarinense fedendo àquele catolicismo da época, do Apostolado da Oração, aquela coisa impostada punitiva, também. Aquela coisa parecia com os protestantes do Faulkner, aquele carrancismo. E lá eu encontrei uma coisa diferente, algo mais arejado, procurando sempre encontrar uma explicação racional, inclusive para os fenômenos. E uma coisa voltada para o próximo, para a caridade. E a caridade é a virtude maior.

SEGUIE >

DIÁRIO CATARINENSE

Cultura

Edição: Dorva Rezende

Diagramação: Fabiano Peres

Telefone: (48) 3216-3590

cultura@diario.com.br

Bibliografia

✓ *Teodora & Cia.* - contos (Sul, 1956)

✓ *As Famílias* - contos (FCC Edições, Prêmio Virgílio Várzea, 1980)

✓ *A Companheira Noturna* - contos (Melhoramentos, terceiro lugar no Prêmio Bialal Nestlé de Literatura Brasileira, categoria Conto, 1986)

✓ *Quadrilátero* - romance (Melhoramentos, segundo lugar no Prêmio Bialal Nestlé de Literatura Brasileira, categoria Romance, 1986)

✓ *O Último e Outros Dias* - contos (EdUFSC, 1988)

✓ *Um Largo, Sete Memórias* - romance (EdUFSC, 1997)

✓ *Presenças de Pedro Cirilo* - romance (Letras Contemporâneas, 2001)

✓ *Burabas* - romance (Movimento, 2005)



Livro de cabeceira

Para encerrar este suplemento especial dedicado ao escritor catarinense Adolfo Boos Jr., um rápido questionário sobre as suas preferências literárias.

DC Cultura – Qual seu livro inesquecível?

Adolfo Boos Jr. – São vários, diria até muitos, embora – a bem da verdade e com alguma vergonha – não sou, nem posso fingir que sou grande leitor. Inveja, não nego, mas a cada dia que passa fico mais e mais longe do hábito de ler, sem deixar de lado o fazer literário. Tenho inveja, sadia inveja, de pessoas como Salim, Eglê, Flávio, Silveira de Souza, Caruso, Lauro Junkes e tantos outros, que conciliam as duas coisas. Assim, meio desculpa, meio explicação, até poderia dizer que, especialmente depois daquela Bial Nestlé que me deu um terceiro lugar no Romance e um segundo no Conto, passei a dar preferência ao fazer literário. E, criminoso ou não, confesso também que o motivo mais forte para aquela opção foi sempre ter achado o ofício, o ato de escrever, muito mais excitante. Acho que fazer, escrever um livro, é uma das aventuras mais fascinantes que o Destino, Deus – deem o nome que quiserem – concedeu ao Homem. Considero a realização literária até mesmo um prêmio à condição humana.

DC Cultura – Qual seu trecho inesquecível?

Boos – Muitos, também. A página inicial do *Infância*, do Graciliano Ramos; também a primeira página, clara anúncio da tragédia, de *Luz de Agosto*, do Faulkner. Se fosse esmiuçar, muita coisa da Clarice Lispector, de José Donoso, Guimarães Rosa, um deslumbramento a cada página, é difícil?

DC Cultura – Qual livro que mais o perturbou?

Boos – *Santudrio*, do Faulkner e, no mesmo patamar, *Enquanto Agoniza*, também dele.

DC Cultura – Qual livro que gostaria de ter escrito?

Boos – Todos os que li e gostei, porém, e mais especialmente, *Luz de Agosto*, meu primeiro contato com o universo faulkneriano, além de *São Bernardo*, *Grande Sertão: Veredas*, alguns contos de Machado de Assis. A bem da verdade, tudo após minha iniciação no Grupo Sul, levado

pela mão do João Paulo Silveira de Souza e do Hugo Mund, parente meu, primo terceiro ou coisa parecida.

DC Cultura – Qual personagem que gostaria de ter criado?

Boos – Popeye ou Christmas, do Faulkner; algum do universo de Dostoiévski; Fabiano, a cadela Baleia de *Vidas Secas* e a professora do São Bernardo, do Graciliano.

DC Cultura – Qual o maior livro da literatura brasileira?

Boos – *Grande Sertão: Veredas*, pela ruptura de certas regras e, com toda certeza, por aquela veracidade – se me permitem a liberdade – meio mítica. explico-me: em minhas andanças de bancário, andei por perto, cheguei a caçar no Rio Verde. Não sei como está, hoje, aquele universo; porém, à época, 1970 e poucos, pareceu intocado, detentor de toda aquela magia.

DC Cultura – Qual o maior escritor da literatura brasileira?

Boos – Acho que temos autores

de alguns bons ou grandes livros, mas alguém que merecesse tal título, teria que ser pelo conjunto da obra, e não por um livro isoladamente. E acho que esse autor repontou aqui e ali, mas ainda está para acontecer.

DC Cultura – Qual o livro que você mais relê?

Boos – Nenhum especificamente. Dentre os autores que aponte, com largos intervalos, vou e volto, como quem, doentamente ou não, contenta-se com uma estreita nesga de paisagem. A Bíblia interessa-me bastante, nos últimos tempos.

DC Cultura – Qual o livro mais superestimado que você conhece?

Boos – *Ulisses*, do Joyce, citado por muita gente e pouco, pouquíssimo lido.

DC Cultura – Qual o livro mais subestimado que você conhece?

Boos – Qualquer um dos meus.

DC Cultura – Qual livro merece ser adaptado para o cinema.

Boos – Qualquer livro, hoje, tamanha é a ligação cinema-literatura, pode ser adaptado. Mais difícil, creio, é o inverso. No entanto, creio que, mais afeito ao discurso (olha a antipatia!) literário, na adaptação da linguagem cinematográfica, perde-se alguma coisa. É correto dizer que uma imagem vale por mil palavras, mas também é acertado admitirmos que o contrário também é válido. Na verdade, acredito que, de uma forma ou de outra, o leitor/espectador será o maior beneficiário, mas sempre

na dependência da maior ou menor genialidade de quem maneja a câmera ou a caneta.

DC Cultura – Qual livro foi adaptado para o cinema e o resultado foi frustrante?

Boos – Aqui, eu fico com a escolha do Silveira de Souza: a Bíblia. Assisti há bastante tempo e, até hoje, me deixa com a impressão de uma grandiloquência vazia, longe da verdadeira essência do Livro. Isto também acontece conosco, na literatura: um texto muito acalentado e, por tantas e

tantas razões, sempre postergado, quando chega o dia de, finalmente, ir para o papel, de tanto sonhar com ele, seu autor acabou perdendo a perspectiva inicial, a – insisto na palavra – essência do mesmo. talvez minha concepção não seja a mais correta, porém já aconteceu comigo e foi assim que me senti.

DC Cultura – Qual livro que você daria de presente?

Boos – Qualquer um, mas que fosse de um bom autor: Saramago, Faulkner, etc, etc, tantos são os bons autores que, graças a Gutenberg, estão à nossa disposição. Para os declaradamente inimigos, os chatos, os falsos e os pobres de espírito, daríamos os maus livros, dos quais – infelizmente – o mundo também está cheio.

DC Cultura – Qual o livro que você gostaria de ganhar?

Boos – A Bíblia, ilustrada por um nome de respeito ou qualquer livro de um bom autor, nacional ou estrangeiro.

DC Cultura – Qual o livro que você procura e nunca encontrou?

Boos – Não procuro, compro aqueles que encontro. Mas, em geral, procuro e acho.

DC Cultura – Qual deve ser o maior mérito de um escritor?

Boos – Ser fiel a si mesmo, amar – acima de tudo – a liberdade, desfrutar e colocá-la a serviço do homem-irmão, enfim, vigia e espião da sociedade em que ele, escritor, vive.

DC Cultura – Cite um grande livro de um grande escritor.

Boos – *Santudrio*, de William Faulkner.

DC Cultura – Cite um grande livro de um autor pouco conhecido.

Boos – No momento não me ocorre nenhum.

DC Cultura – Cite um livro que você esperava gostar e que o decepcionou.

Boos – *Uma Fábula*, de William Faulkner

DC Cultura – Cite um livro que você não esperava nada e o surpreendeu.

Boos – *Memorial do Convento*, de José Saramago, com toda certeza porque foi o primeiro Saramago que me caiu nas mãos.



FABIO NIESEN

Reforma administrativa. Fundação Franklin Cascaes perde autonomia

Mudança desagradada setor



Legislativo. Sob proteção da Guarda Municipal, vereadores votaram, na noite de segunda, em sessão polêmica

LETÍCIA KAPPER
leticia@noticiasodia.com.br

A indignação da comunidade cultural marca o início de 2009 na capital catarinense. Depois dos avanços, a partir do Plano Nacional de Cultura (PNC), a reforma administrativa do município aprovada nessa segunda-feira, pela Câmara de Vereadores, compromete a autonomia da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). Agora ela é subordinada à Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes que ganhou mais um nome: Cultura.

O projeto de lei foi votado em caráter de urgência. A formulação não foi discutida ao menos com os interessados: a classe artística. Protestos e um manifesto assinado por mais de 200 pessoas, entregue na Câmara de Vereadores, não foram levados em consideração. "Perdemos a batalha, mas não a luta", diz Murilo Silva, professor de filosofia e ex-animador cultural que está à

frente da movimentação.

O próximo passo, segundo ele, é mobilizar o maior número de pessoas para entrar com ações populares. "Se não desvincularem a Fundação para dar maior autonomia, que foi prometida, a Justiça vai fazer."

As modificações que poderão interferir no segmento cultural são baseadas em duas premissas: enxugamento da máquina e a sobreposição de atribuições. Para Murilo, nenhuma se justifica. "Agrupar os dois não enxuga e isso ainda engessa a possibilidade de financiamento público e privado, pela condição de autarquia", observa.

Sobre a sobreposição de atribuições, os eventos guiam o raciocínio. "No entanto, turismo e cultura trabalham em ambientes diferentes. A cultura tem também a pesquisa e a preservação do patrimônio imaterial", protesta Murilo.

Cultura com esporte e turismo

"Cultura, esporte e turismo estão intimamente ligados", disse o prefeito da Capital Dário Berger, em coletiva, ontem à tarde, em seu gabinete. Essa conexão fez com que a administração pensasse numa força tarefa para fortalecimento dos três setores, segundo ele. "Tenho conseguido muitos recursos, mas só para o turismo. Isso porque não temos uma administração articulada", afirma, enfatizando que o investimento na cultura será maior esse ano. "Admito que deixei muito a desejar no esporte e na cultura na gestão anterior."

Sobre a falta de diálogo com a classe artística na formulação do projeto de lei, ele disse: "não tem o que discutir porque a Fundação não perde prestígio, autonomia, nem orçamento. E eu poderia ter feito isso por decreto, mas resolvi colocar junto à reforma administrativa que foi votada na Câmara". Alguns minutos depois, ele voltou atrás. "Estou disposto a re-

ver, sem problema nenhum."

A partir dessa decisão, Florianópolis vai contra as orientações do Ministério da Cultura (MinC). A justificativa foi seguir a conjuntura estadual, criada há seis anos, quando o governador Luiz Henrique da Silveira elegeu-se pela primeira vez. A Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte surgiu na sua primeira gestão e sofreu críticas do setor.

Outra novidade é que os setores da nova secretaria serão instalados todos juntos, no mesmo prédio, o que levará a uma economia significativa para os cofres públicos, segundo Dário. Em relação aos cargos, Mário Cavallazzi continuará à frente da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte. A mesma firmeza não estava presente na resposta sobre a permanência de Vilson Rosalino na Superintendência da FCFFC. "Nomes estão sendo estudados", observou o prefeito.

Contra orientação do MinC

Enquanto o Ministério da Cultura (MinC) orienta cada município a ter sua Secretaria da Cultura ou Fundação Cultural com autonomia e verba própria, ou ambas, dependendo do porte da cidade, Florianópolis caminha no sentido contrário. "Uma capital de Estado já deveria ter sua secretaria", opina Rozane Dalsasso, chefe da Repre-

sentação Regional Sul do Ministério da Cultura. "Mas o MinC não pode interferir", conclui.

As decisões, agora, terão a palavra final do secretário da pasta, Mário Cavallazzi, que gere com uma visão focada no turismo. "Ele nos ouviu, mas continua com a visão de que é instrumento de turismo e tem que ter mercado", lamenta Murilo Silva.

Representantes da classe artística são unânimes nas críticas e lamentam que a categoria sequer tenha sido convidada a dialogar. Veja algumas opiniões sobre o assunto:

"É um retrocesso. Não faz sentido. É um momento importante no país para a cultura, houve avanços. Essa atitude vai contra o entendimento do lugar da cultura no país."

Marisa Naspolini, presidente da Associação de Produtores Teatrais da Grande Florianópolis (Gesto)

"Não tem cabimento, é uma provocação, um desrespeito total. Nossos administradores pensam que é tudo igual. Se fosse uma proposta séria teria sido discutida com a classe. E o prefeito foi reeleito, mas parece que assume pela primeira vez e tem de sair fazendo reforma administrativa em regime de urgência. Mais uma vez a cultura é colocada no patamar mais baixo. E o município tem uma escola: o governo estadual."

Amílcar Neves, escritor

"É um absurdo a Fundação ser um apêndice da Secretaria de Turismo. E diz o secretário que a Fundação vai captar recurso para o Turismo. Isso não poderia ser feito sem consultar a comunidade cultural e a sociedade como um todo. Tenho certeza absoluta que a grande maioria é contra."

Salim Miguel, escritor

"Essa manobra política representa um retrocesso, é lamentável. Mais uma vez a cultura é relegada a segundo plano. Isto é histórico na cidade e no Estado, e descarado. E o secretário de turismo não tem o mínimo pudor em dar depoimentos falando como o turismo vai se beneficiar de leis de incentivo à cultura utilizando a FFC como proponente. Parece tudo piada."

Kátia Klock
Cineasta e produtora cultural

"É um retrocesso histórico. Não entendo o que acontece nesse Estado. Tivemos a experiência com o governo estadual e o produtor cultural sofre muito com a maneira de eles verem, ou não verem a cultura."

Marta César
Dançarina e produtora cultural

"É uma coisa fora de propósito. Vai contra a política federal de cultura. É um retrocesso subordinar a cultura ao turismo."

Renato Turnes, ator, diretor de teatro e cinema e produtor cultural

"Eu considero um retrocesso. E a cultura, de modo geral, é sempre o lado mais fraco da corda. Com essa anexação, é perigoso muitos recursos irem diretamente para o turismo, já que é uma secretaria bem forte."

Alicia Cupani
Cantora lírica e professora universitária

030: Destaque de 2008 é de Santa Catarina

PULS, Arthur. Destaque de 2008 é de Santa Catarina. **A Notícia**. Santa Catarina, 31/dez., 2008 e 01/jan., 2009, pag. 2. Anexo/literatura.

ANexo/Literatura

Destaque de 2008 é de Santa Catarina

ANO FOI DE ORGULHO PARA O ESTADO COM O RECONHECIMENTO NACIONAL DE CRISTOVÃO TEZZA

ARTHUR PULS
FLORIANÓPOLIS

Um escritor de Lages foi o premiado numa das principais categorias do Jabuti, a mais importante premiação literária do País. Nascido em Santa Catarina e radicado em Curitiba, Cristovão Tezza levou o prêmio de melhor romance com "O Filho Eterno". A premiação foi em setembro e não foi a única entregue a Tezza neste ano.

Além do Jabuti, "O Filho Eterno" rendeu outros prêmios: o Prêmio São Paulo de Literatura, o Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, além de ser escolhido o livro do ano Prêmio Bravo! e, por fim, o melhor romance no Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

O enredo foi criado a partir de um tema de difícil trato, especialmente por partir da vida do próprio escritor. Tezza conta a relação de um pai com o filho portador da síndrome de Down. O terreno para pleiúce era fértil, mas Tezza passou incólume pelo local.

O ponto de partida para o acerto durante a redação do livro

foi a decisão de usar narrador em terceira pessoa. Segundo o próprio autor, isto deu "mais segurança".

Outro obstáculo superado para o sucesso do livro é a quase total ausência da síndrome de Down na literatura mais "séria". Tezza disse ter criado uma autodefesa, que foi corroída com os anos, até que ele resolveu enfrentar o assunto. O resultado disso foi "O Filho Eterno".

! "O Filho Eterno" aborda relação de pai com filho portador de Down

Além da categoria Melhor Romance, também podem ser destacadas as premiações em poesia, para "O Outro Lado", de Ivan Junqueira; "Histórias do Rio Negro", que rendeu o primeiro lugar em Melhor Conto para Vera do Val; além de "Rubem Braga: Um Cigano Fazendeiro do Ar", de Marco Antonio de Carvalho, na categoria Melhor Biografia. Outro destaque vai para Laurentino Gomes e

"1808", que levou o primeiro lugar na categoria reportagem.

Na literatura ambientada em Santa Catarina, o escritor Salim Miguel lançou o livro "Jornada Com Rupert", ambientado nas colônias alemãs. O lançamento é uma continuação temática de "Nur na Escuridão", obra premiada que trata da imigração libanesa.

A experiência de vida do autor influenciou o enredo, já que Miguel morou algum tempo em São Pedro de Alcântara, primeira colônia alemã do Estado. O personagem principal, que empresta o nome ao livro, é um descendente que alemães que se distancia das origens étnicas.

Nas idas e vindas do livro, Salim conta a história da colonização alemã no Estado num período de mais ou menos um século. O texto cobre a época em que o autor morou na colônia, quando criança, após chegar ao Brasil em 1927. Este é um dos principais fatos que ligam o conceito de "Jornada Com Rupert" a "Nur na Escuridão", que ganhou o concurso Zaffari & Bourbon e foi premiado na Associação Paulista de Crítica de Arte.



ATIVIDADES
Cristovão Tezza (acima) ganhou prêmios como o Jabuti e o Portugal Telecom. Salim Miguel (ao lado) lançou "Jornada com Rupert".

SUSI PADILHA, BD, 18/11/2008

031: E agora Salim?

LENHART, Felipe. E agora Salim? **Diário Catarinense**. Florianópolis, 2/fev., 2009, pag. 7. Variedades/Cultura.



032: Um dia, um século: A saga da colonização do vale do Itajaí no último romance de Salim Miguel

MACHADO, Ubiratan. Um dia, um século: A saga da colonização do vale do Itajaí no último romance de Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 3/jan., 2009, pag. 3. Variedades/Cultura.

POR UBIRATAN MACHADO *

Um dia, um século

*A saga da colonização do Vale do Itajaí
no último romance de Salim Miguel*

Salim Miguel é um escritor fiel à literatura. Ultrapassados os 80 anos, continua escrevendo com a mesma paixão e, acredito, a mesma perplexidade e inquietação diante da vida de quando se iniciou nas letras, lá se vão 60 anos. Nessa longa trajetória, construiu uma obra sólida, harmoniosa, em constante evolução. Ao contrário da maioria dos ficcionistas, que escrevem o seu melhor livro na mocidade, ele produziu a sua obra-prima em plena velhice, o admirável *Nur na Escuridão*, um retrato vivo e vivido da imigração libanesa no Brasil, relançado em quinta edição.

O tema da imigração, o áspero processo de adaptação do imigrante à nova terra e os conflitos daí decorrentes, é, também, o tema central de seu novo romance, *Jornada com Rupert*, saga da colonização alemã no Vale do Itajaí, centralizada em um descendente dos pioneiros da região, o frágil, insatisfeito e inseguro Rupert.

Quando se fala em imigração alemã, o leitor logo se lembra do *Canaã*, de Graça Aranha, cuja ação se desenrola no século 19, no Espírito Santo. Romance de tese, no qual se sugere mais do que se afirma (daí a posição de muitos críticos, negando que seja uma obra de tese) a superioridade do imigrante branco sobre o mestiço brasileiro. Pode-se lembrar também *Um Rio Imita o Reno*, de Viana Moog, que decorre no Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul.

Jornada com Rupert se harmoniza nesta tradição, mas a semelhança com seus antecessores se limita quase apenas ao imigrante alemão e sua atuação como colonizador. O romance de Salim Miguel não se preocupa em provar nenhuma tese. É uma obra de ficção, baseada em parte na experiência pessoal do autor, completada por uma pesquisa cuidadosa sobre a história da região retratada. Romance e documentário, devendo-se observar que este segundo aspecto limita-se à fidelidade ao cotidiano, sem pretensão de ser um enfadonho registro de peculiaridades.

A vida é o que é, sem enfeites retóricos ou acontecimentos extraordinários, mas, apenas, o duro cotidiano de três gerações: a pioneira; a primeira geração nascida no Brasil e, portanto, identificada com a terra, apesar da ligação com a pátria de origem dos pais, fonte

de permanentes conflitos; e a terceira geração, não sabemos se, psicologicamente, mais brasileira ou mais alemã, dilema que permeia todos os conflitos íntimos de Rupert.

Os conflitos íntimos, familiares e sociais de Rupert e dos demais personagens são também afetados pela realidade histórica e social da região, do Estado de Santa Catarina, do Brasil e, mais esmaecida, da Alemanha e do mundo. Elas influenciam e muitas vezes determinam as suas vidas, como o conflito dos pioneiros com os índios habitantes da região, as grandes cheias do Rio Itajaí-Açu, o processo de transformação da pequena comunidade na cidade de Blumenau, a industrialização um tanto desumana, a ascensão do nazismo, a longínqua presença do governo brasileiro. É no centro desse processo, como um símbolo patriarcal e de poderio, o casarão familiar do clã Von Hartroieg.

Essa história palpante de vida começa a ser evocada em um momento de ruptura, quando Rupert deixa a cidade e começa a lembrar a sua vida, os pais, o passado, no embalo de um vagão de trem, em jornada para o desconhecido. A atração do desconhecido também determina o destino da personagem mais cativante do livro, a decidida Ilze. Ela tem a coragem e a lucidez de se afastar de sua terra não como uma refugiada, como Rupert, mas com a clareza e convicção de quem está consciente que ali nada mais lhe resta fazer. Não é uma fuga, mas uma busca de novos horizontes. Vista por esse ângulo, o livro talvez seja, sobretudo, a jornada de Ilze em busca de si mesma e da realização pessoal. Como se vê, há muitas jornadas atraentes no livro de Salim Miguel.

* Escritor, bibliófilo, tradutor, autor de *Dicionário de Machado de Assis* (Editora da ABL, RJ, 2008)



Jornada com Rupert se insere na tradição de *Canaã* e *Um Rio Imita o Reno*

033: UM apanhado do melhor

UM apanhado do melhor. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 31/dez/2008 e 01/jan., 2009, pag. 1. Plural.

Homenagem. Plural destaca aqueles que ajudam a construir o sensível

Um apanhado do melhor



Criatividade. Tela pintada por grupo de alunos de Rio dos Cedros, que integrou o projeto Crê Ser

No plano globalizado, o ano trouxe violências, tragédias ambientais, crise econômica, mudanças e transformações que o campo da cultura abarca de forma evidente ou não. A literatura e o cinema refletem o egocentrismo endêmico e as não narrativas. A mesma absorção é visível na música, na moda, na arte-educação, na dança, no teatro, no comportamento... O Plural fecha o ano destacando gente que brilhou sem pretensões e que compartilha, com generosidade, os frutos do seu trabalho. Gente translúcida, concentrada, que não está preocupada só em aparecer. Quer antes de tudo ser. Rastreamos pessoas, lugares, filmes, livros, shows, eventos, projetos capazes de transformar o mundo, construir o sensível – aliás, também uma meta do trabalho desta equipe, que fecha 2008 com um apanhado do melhor e uma modesta homenagem aos produtores catarinenses.

Arte-educação

Crê Ser e Shakespeare nas Escolas

Apostar em cidadania e na construção do saber é a base de dois projetos desenvolvidos pelas Oficinas de Arte da Fundação catarinense de Cultura (FCC). O Crê Ser, desenvolvido pela artista Sofia Camargo, uma brasileira que vive em Berlim, atendeu crianças e adolescentes de sete municípios catarinenses. A proposta potencializa as artes visuais para a construção de auto-estima. Já Shakespeare nas Escolas, conduzido pelo arte-educador Luciano Mateus, explora o teatro e teve como sede uma escola do Ribeirão da Ilha.



GILL KONELL/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



Prêmio. Girassol captado por Gill Konell em escola de Rio dos Cedros simboliza o troféu dos destaques 2008

Bilica

Biblioteca Livre do Campeche (Bilica), no Sul da Ilha, chegou há dois anos e se firmou como espaço de encontro e de cultura ainda mais em 2008. Além de prateleiras cheias, com mais de milhares de exemplares todos recebidos através de doação, oficinas de artes e teatro, saraus literário e musical fazem parte das atividades do projeto gerido inteiramente por voluntários da comunidade. Pedro Wolff é um dos usuários do espaço.



Leia mais nas páginas 2, 3 e 8

Vitalidade

Salim Miguel

Aos 84 anos, o escritor Salim Miguel continua com uma intensa produção literária. Em 2008, lançou dois novos títulos “Minhas Memórias de Escritores” e “Jornada com Rupert” e publicou a quinta edição de “Nur na Escuridão”, seu livro mais premiado. Nascido no Líbano, mas residente em Santa Catarina desde os cinco anos, o autor contabiliza 30 obras na carreira e mais duas já estão em análise nas editoras, ou seja, 2009 tem mais. Um exemplo de vitalidade e boa literatura.



DIVULGAÇÃO

Reconhecimento

Cristovão Tezza

O ano foi do escritor Cristovão Tezza, que apesar de ser sempre vinculado ao Paraná, onde reside desde os cinco anos, é catarinense, de Lages. Tezza chegou a sua consagração com “O Filho Eterno”, sua 14ª obra de ficção, laureado com os prêmios Jabuti de melhor romance, de melhor obra da revista “Bravo!”, primeiro lugar no Portugal-Telecom de Literatura em Língua Portuguesa e Prêmio São Paulo de Literatura, de melhor livro do ano.



DIVULGAÇÃO

034: Verdades de um vigia das palavras

REZENDE, Dorva. Verdades de um vigia das palavras. **Diário Catarinense**. Florianópolis, n. 317, 7/mar.,2009. Entrevista com Silveira de Souza/Caderno Cultura.

Verdades de um vigia das palavras

Em entrevista que abre série com escritores catarinenses, Silveira de Souza fala de sua participação no Grupo Sul, da carreira e influências

DORVA REZENDE

Esta entrevista com João Paulo Silveira de Souza, que abre a série especial de conversas com escritores catarinenses que o DC Cultura passa a publicar mensalmente, foi realizada numa sexta-feira de forte calor, na residência do autor de *O cavalo em chamas*, no Bairro Abraão, em Florianópolis, bem perto da redação do **Diário Catarinense**, e contou com a ajuda do escritor, editor e cronista do jornal Fábio Brüggemann, antes dele subir a Serra para passar o final de semana em Lages.

Silveira de Souza nos recebeu à porta sob uma onda de latidos atentos do vigilante Pingo, o pequeno, mas estridente, cão de guarda da casa onde o escritor, nascido e criado no Centro da Capital, mora há 28 anos. Aos 76 anos, autor de sete livros de contos, um de poemas, quatro de crônicas (um deles em parceria com Flávio José Cardozo) e de um romance a seis mãos com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes (*Um ônibus e quatro destinos*), além de uma mostra conjunta de poemas e pinturas com o amigo Hiedy de Assis Corrêa, o Hassis (a exposição *Artepoema* ocorreu na UFSC, em 1983, e foi apresentada, também, no mesmo ano, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo) e de diversas participações em antologias de contos e de poesias, Silveira abriu a

conversa lendo um trecho de um livro que estava ao lado de sua poltrona preferida, um texto de Carl Gustav Jung sobre o *Ulisses* de James Joyce (Joyce, um monólogo), escrito em 1932 e publicado no 15º volume. O espírito na arte e na ciência, das Obras Completas do psiquiatra alemão editadas no Brasil pela Vozes, com tradução de Maria de Moraes Barros.

Jung, que analisou Lucia Joyce, a filha do escritor irlandês, quando este escrevia o *Finnegans Wake*, considerava o livro uma mitologia moderna ao mesmo tempo secular e mística. E a obra-prima de Joyce foi a deixa para iniciarmos a conversa com o escritor catarinense, cujos principais trechos podem ser lidos a seguir.

DC Cultura – Tu consideras *Ulisses* o maior livro já escrito.

Silveira – Olha, é difícil dizer qual é o maior livro já escrito. Há outros grandes livros, também, como a *Ilíada*, o *Dom Quixote*, a *Divina Comédia*. Na verdade, eu nunca pensei sobre isso porque eu acho uma pergunta irresponível. O melhor livro para uma pessoa pode não ser o mesmo de outra, cada uma tendo uma opinião diferente. E todas terão razão ou não terão, ao mesmo tempo. E depois, como disse o Mário Quintana, a arte, a poesia, não é uma corrida de cavalo.

DC Cultura – E quem são os poetas, os escritores, importantes para ti.

Silveira – Aqueles que eu conheci (risos). Agora, em primeiro lugar, eu acho o Shakespeare uma grande leitura ainda hoje. Ele é o maior de



Aos 76 anos, escritor florianopolitano Silveira de Souza tem 13 livros publicados

todos, num certo sentido, ocidental, vamos dizer assim. Ele é o cânone, como disse o nosso amigo (Harold) Bloom. Ele fez quase tudo, e o resto é mais ou menos variações em torno dele. Acho que o único que se aproximou dele foi o James Joyce, com o *Ulisses*.

DC Cultura – O grande mérito

do Shakespeare foi, talvez, ter dado uma forma às histórias que estavam na boca do povo. Nenhuma daquelas peças, ao que consta, ele inventou. Eram tudo histórias que já existiam, o próprio Hamlet...

Silveira – Ele era ator e diretor de teatro e, ao mesmo tempo, era um escritor de peças. Ele tinha interesse de alimentar o público, então ele pegava

aqueles dramalhões já escritos, que faziam sucesso na época, e os reescrevia. Só que ele os reescreveu de uma maneira genial, criou uma outra coisa.

DC Cultura – Shakespeare era um autor ligado ao povo, talvez o mais popular da história da literatura. E há uma crítica forte com relação aos escritores atuais, de que eles estão muito distantes, usam uma linguagem que não é popular. Por exemplo, o James Joyce, cuja grandeza tu comparaste ao Shakespeare, ele é um autor que quase ninguém lê. Num certo sentido, não é um autor popular.

Silveira – A nossa literatura, a do século 20, vamos dizer assim, é uma literatura toda voltada ao linguístico, para a sua própria leitura. A história, o argumento, o plot, começou a perder a sua força de informação, que havia antigamente. Por exemplo, os romances do Dickens mudavam as leis; *Oliver Twist* mudou a forma como se cuidava e se dava proteção às crianças abandonadas na Inglaterra vitoriana. A literatura tinha aquela aura de informação social, muito importante, por isso que tinha aquele apelo popular maior. Também a ciência, não a partir de Galileu, mas a partir do século 18, começou a ganhar um terreno maior de informação sobre o universo e as coisas do universo, não só do macrocosmo, mas também do micro e do cosmos em si, nas suas várias disciplinas científicas.

diario.com.br

> Ouça áudio com a íntegra da entrevista com o escritor Silveira de Souza em www.diario.com.br/edicao0304

SEGUE >



Silveira de Souza Canário de Assóbio



DC Cultura – Talvez o modernismo ou as vanguardas tenham percebido que a literatura não possuía mais essa função agregada, já que não havia mais o que informar...

Silveira – Eu diria que existia uma função sociológica, num grau maior, de informação sobre as coisas do universo, e, de repente, com a ciência explicando muito melhor e de maneira mais emocionante esses assuntos, a literatura se voltou para o seu próprio caráter, que é o estético. Então, o estético teve a importância destacada; e o estético nada mais é do que a criação de pura linguagem.

DC Cultura – Como escritor, tu acreditas que é importante ter essa estética ou ter a informação, como nos clássicos?

Silveira – Eu busco uma visão estética, embora não com um experimentalismo tão radical quanto existe em alguns escritores. Por exemplo, estou agora lendo um escritor norte-americano, o Don DeLillo, que eu estou achando a melhor coisa que eu já li desde a geração de Hemingway e de Faulkner. Eu li *Ruído Branco* e um outro livro chamado *Submundo*, que eu acho muito bom. Ele é um cara experimental, embora não muito radical, e ao mesmo tempo ele tem um apelo de informação ao público em relação a uma coisa meio vaga, que é a cultura ou a vida americana.

DC Cultura – Outro assim talvez seja o Saramago, que tem uma relação com a linguagem muito profunda, é um experimentador, mas também tem uma preocupação humanística muito grande.

Silveira – Ele vem do marxismo, que é, realmente, um tipo de humanismo.

DC Cultura – Mas até que determinado período da história não aceitava esse componente estético, só admitia literatura como propaganda...

Silveira – Alguns lógicos do marxismo, da lógica dialética, até admitiam esse dado estético da literatura, embora fossem muito combatidos; Trotski, por exemplo. Mas eu acho que esse assunto literário é muito complicado. Afinal de contas, pra que serve a literatura? A literatura não serve para nada, mas se ela não existisse faria uma falta muito grande. A arte, de modo geral, não tem essa utilidade que tinha numa época passada, quando havia a necessidade de informar o público sobre que estava acontecendo ao redor dele.

DC Cultura – Tu te sentes compelido a escrever?

Silveira – Eu não tenho essa compulsão, tanto que nunca me considerei um escritor porque nunca senti aquele impulso, aquela necessidade de escrever. Tudo o que escrevi foi porque eu estava envolvido em algum movimento, como o Grupo Sul, por exemplo. Alguém cobrava, faz um conto, uma crônica. Eu tinha uma coluna no jornal, escrevia semanalmente, escrevi quase um ano no *Diário Catarinense*, em

1986, depois três anos no *Anexo* (de *A Notícia*). Eu não tenho essa compulsão, mas gosto de escrever. Nunca fui de ter um horário, por exemplo, embora, agora, eu esteja pensando, eu estou imaginando, pelo menos estou com a mosca azul, de escrever uma novela cujo personagem principal é Florianópolis. Seria aquele *O olho de Deus* (conto publicado em plaquete pela editora Sempelo, em 1992), mas de outra forma, numa outra leitura. O cara vive Florianópolis, os movimentos artísticos, literários, vive a noite, vive circulando por aí, numa certa época. Essa é a ideia. Então estou pensando em fazer um horário para escrever, mas não agora, que está muito quente. Quando o tempo melhorar, pela primeira vez na vida, eu vou me disciplinar. Eu gosto muito de literatura policial, e tem um cara que eu admiro muito, o Ed McBain; o cara escrevia adoidado, tal qual um funcionário público, num horário das oito ao meio-dia, depois das duas às seis. O Simenon também era assim.

DC Cultura – Tua formação como leitor, como ela iniciou, por onde começou, o que te interessou primeiro? Qual o livro que te influenciou, que te fez pensar, cogitar a ideia de escrever?

Silveira – A influência maior nesse assunto foi o meu pai. Ele era funcionário público, mas tinha uma sensibilidade artística, embora nunca crescesse. Ele era mais ligado à música, um flautista-doméstico, gostava de tocar aquelas valsas, os chorinhos do repertório popular brasileiro. Mas ele gostava muito de ler, era um fã incondicional da leitura. Eu nasci em 1933, e comecei a ler com uns sete, oito anos de idade. Então, lá por volta de 1940, cada vez que ele recebia o salário, trazia uma bráçadeira de livros da livraria do Pedro Xavier, pai do médico Léo Mauro Xavier. Trazia aquelas edições infantis da Melhoramentos e também histórias em quadrinhos. Lembro que fiquei fascinado com a história da Flash Gordon no planeta Mongo. Eu tenho este álbum numa edição mais recente, o Hassis tinha uma edição original, de 1931 ou 1932. Naquela época não existia televisão, e o rádio, nos anos 1940, só trazia notícias da guerra ou então aqueles programas de auditório, musicais da Record e da Rádio Nacional. Lembro que a voz que me marcou nessa época foi a do Dorival Caymmi, e, depois dele, a única voz que me impressionou foi a do João Gilberto. Mas, voltando à literatura, nessa época nós fazíamos em casa sessões de leitura em família, e o livro que mais me tocou foi *As mil e uma noites*, que minhas irmãs mais velhas liam pra mim. Elas eram bem mais velhas, eu fui uma espécie de temporão, raspa de tacho. Foram essas histórias e os contos mais famosos do Edgar Allan Poe, os de horror, como *O gato preto*. E o Machado de Assis, que ao lado do Poe era um dos autores preferidos do meu pai. Meu pai tinha uma coleção de 32 volumes do Machado que ocupava duas prateleiras de um armário envidraçado lá de casa. Eram lidos aqueles contos menores do Machado, pelo menos aqueles que hoje eu con-



Influenciado pelo pai, Silveira de Souza ensaiou os primeiros passos nas letras escrevendo

sidero menores, como *Quem conta um conto e A Cartomante*, um conto maupassantiano do Machado.

DC Cultura – Essa formação literária do teu pai foi que te levou a se aproximar do pessoal do Grupo Sul? Como se deu o teu ingresso no movimento?

Silveira – Essa vivência literária que eu tive em casa, com meu pai e essas sessões de leitura, e também com outras leituras que eu fui fazendo, de repente eu comecei a achar que eu poderia fazer alguma coisa, escrever alguma coisa também. Nos meus primeiros trabalhos de colégio, principalmente, tinha redações que eu contava histórias cômicas e a professora achava aquilo o máximo, a turma da sala ria bastante. Isso quando eu tinha uns 11, 12 anos. Depois, no ginásio, no Colégio Catarinense, eu encontrei dois caras. O primeiro foi o Carlos da Costa Pereira, filho do historiador Carlos Pereira Filho, e nós fizemos a primeira experiência de jornalismo cultural, um jornalzinho chamado *Farrapos*. Nós conseguimos no jornal *O Estado* algumas caixas de tipos e fazíamos a composição num rancho que eu tinha lá em casa. Os clichês e o título nós conseguimos com o Doralécio Soares, o primeiro a fazer este trabalho aqui em Florianópolis. A impressão, de 50 exemplares, era feita numa máquina de provas do Estado, e o jornal durou de outubro de 1946 até dezembro de 1949. Nós fazíamos de tudo, escrevíamos, copiávamos coisas de almanaque. Tinha até uma

página beletrista. Mais tarde, antes do Grupo Sul, teve a experiência do *Odisis*, o jornal que eu fiz com o Hugo Mund Júnior. Ali já havia uma ambição literária minha. E foi no *Odisis* que o Mund começou a publicar os seus primeiros desenhos. O jornal durou de 1950 até 1952, saíram dois ou três números por ano, e chamou a atenção do Jorge Lacerda, que na época editava o *Letras e Artes do Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Ele conversou conosco no Café Rio Branco e nos deu uma série de clichês que ele não usava mais no suplemento dele. Essas foram as primeiras experiências. Depois disso, no começo dos anos 1950, nós começamos a participar do Grupo Sul e a escrever para a revista *Sul*. O primeiro a se aproximar do grupo foi o Mund, que mostrou uns trabalhos pro Salim (Miguel) e ele gostou muito.

DC Cultura – Como aconteciam esses encontros literários na época?

Silveira – Foi uma época muito fértil, de muita criatividade, muitos debates nas reuniões nas mesas do Café Rio Branco, que ficava na Felipe Schmidt, do lado onde ficava o Ponto Chic, mais ou menos no meio da quadra (nem sei o que tem lá hoje), perto da Praça Quinze. O café era de um cara chamado Quidoca, e o pessoal passava a tarde inteira lá. Numa mesa ficava o pessoal do *Odisis*, numa outra a turma do Grupo Sul. Nós ficávamos de olho neles, porque eles eram os maiores, isso até haver a aproximação. Quase todos eram mais velhos do que a gen-



crevendo textos para os trabalhos de colégio, escritos pelos quais já angariava elogios

do te, o Salim é nove anos mais velho do que eu. Nessa época nós apresentamos o (Adolfo) Boos (Júnior) para o pessoal do Grupo Sul. À noite nos ficávamos também no Café Nacional, que era ali perto, e tinha um outro bar próximo, acho que era São Cristóvão, ali onde ficava a livraria Anita Garibaldi, um pouco pra cima, era um espaço grande, tinha uma série de mesas. A noite ali era um fervor, a turma bebia e discutia, aquilo não fechava nunca. E tinha também o Universal e um outro, o bar Foguinho, um restaurante onde a gente ficava de fogo a noite inteira (risos). As conversas eram sobre arte, literatura, música, teatro, o que pintasse; bebíamos cerveja, conhaque e conversávamos a noite inteira.

DC Cultura – E o teu primeiro livro, publicaste quando?

Silveira – Foi *O vigia e a cidade*, em 1960. Mas, na verdade, o primeiro foi *Sonetos da noite*, uma seleção de poemas do Cruz e Sousa, resultado de uma experiência com o Hugo Mund Júnior. Na verdade, o projeto era mais dele do que meu, e ele me convidou a participar. Isso em 1958. Nossa ideia era fazer algo artesanal, por isso escolhemos o nome pomposo de Edições do Livro de Arte. A proposta era que as ilustrações fossem xilogravuras do Mund, por isso a goiva e o livro para identificar a editora. Depois o Mund destruiu os tacos. Nessa época, o Mund já estava morando no Rio e estudava com o Goeldi na Escola de Belas Artes. *O vigia e a cidade* teve uma boa recepção na época do

lançamento. O desembargador Henrique Fontes, uma figura importante nos meios literários e artísticos, gostou da edição e comprou boa parte dos 300 exemplares.

DC Cultura – Antes disso, tu também moraste um tempo no Rio de Janeiro, não?

Silveira – Morei no Rio quase todo o ano de 1956. Fui fazer Administração na Fundação Getúlio Vargas. Até que eu era bom nisso. Cheguei ao Rio no dia da posse do Juscelino, fiquei preso um tempão no trânsito, dentro do táxi, por causa da movimentação em torno do Catete. Fiquei quase um ano lá, mas tive de voltar por que meu pai ficou doente. Eu tinha uma bolsa, que mal dava para pagar a pensão, e o meu pai sempre mandava um dinheiro, mas, quando ele adoeceu, não deu para mandar mais, e a minha mãe pediu que eu voltasse para Florianópolis. Quando eu retornei, demorou uns poucos meses, ele faleceu. Daí, passou um tempo, eu estava desempregado, e o Iaponam Soares me disse que o Tito Carvalho, que era dono do *Diário da Tarde*, estava precisando de alguém para tocar a redação do jornal. Trabalhei lá até 1958, com o Tércio da Gama, o Meyer Filho e o Pedro Paulo Vechietti. Eu fazia de tudo, só não fazia o editorial, que o Tito escrevia à tarde, pouco antes de o jornal rodar. Depois o Tito vendeu o jornal para o Osmar Cunha, na época prefeito; entrou um outro pessoal e eu não me acertei. Daí eu saí.

Bibliografia

1958 – *Sonetos da Noite* (seleção de poemas de Cruz e Sousa), planejamento gráfico e xilogravuras de Hugo Mund Júnior

1960 *O vigia e a cidade* (contos), planejamento gráfico e xilogravuras de Hugo Mund Júnior

1962 – *Uma voz na praça* (contos), capa e desenhos de Pedro Paulo Vechietti

1976 – *Quatro alamedas* (contos)

1977 – *Os pequenos desencontros* (crônicas)

1981 – *O cavalo em chamas* (relatos)

1983 – *Artepoema* (catálogo de exposição), mostra de poesia e pintura com Hiedy de Assis Cor-

rêa, o Hassis

1985 – *Canário de assobio* (crônicas)

1994 – *Um ônibus e quatro destinos* (romance), em parceria com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes

1996 – *Rumor de folhas* (poemas)

1998 – *Relatos escolhidos* (contos), ilustrações de Tércio da Gama

1999 – *Trololô para flauta e ca-vaquinho* (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo

2002 – *Contas de vidro* (crônicas)

2006 – *Janela de Varrer* (contos)

DC Cultura – E o que tu fizeste depois?

Silveira – Eu tinha feito um concurso para escriturário da Capitania dos Portos, mas só me chamaram dois anos depois. Trabalhei lá e também dava aulas de matemática no Instituto de Educação. Mais tarde fui para a UFSC, para trabalhar no Departamento de Extensão Cultural, a convite do professor Murilo Pirajá. Trabalhei lá com o Hassis, até ir para a Fundação Catarinense de Cultura, onde fiquei 12 anos.

DC Cultura – Muitos dos teus contos parecem ter sido escritos a partir de vivências pessoais. Em *O olho de Deus*, por exemplo, isso é claro. Agora tu pretendes escrever uma novela sobre um sujeito que vive a noite de Florianópolis. Isso é de certa forma, recorrente na tua obra?

Silveira – *O olho de Deus* foi uma experiência a partir das noites de Florianópolis, nos inferninhos de terceira classe da cidade (risos). Eu acho que tudo parte de uma certa experiência pessoal, não que eu tenha vivido tudo aquilo, mas ao menos tenha visto de alguma forma. No fundo, são trabalhos que partem de um realismo fundamental, a partir daí você voa ou pretende voar. Eu não me preocupo muito com a história em si, com personagens bem definidos, me preocupo mais com a situação. Na realidade, meus personagens são meio fantasmagóricos, não têm a consistência de personagem como têm os do Balzac, por exemplo. Eu sempre me preocupo muito com a linguagem do conto, porque tem histórias que são da mente de um romancista que escreve um conto. Um conto de Thomas Mann, por exemplo, é um conto de um romancista que escreve contos. Um conto de Borges é de um contista, tem aquela agilidade de um líquido suspenso. Neste aspecto de

visão do conto, o Cortázar teve uma certa influência, não que eu procurasse imitá-lo. Mas eu aceitava a visão que o Cortázar tinha do conto, que é mais a de um movimento. Já o Salim é o romancista que escreve contos, e bons contos.

DC Cultura – Quais os teus contistas brasileiros preferidos?

Silveira – Além do Machado, que foi o primeiro que conheci, eu gosto da Clarice (Lispector), gosto do Dalton Trevisan. Embora ele tenha qualquer coisa que destoa. Também tem o Rubem Fonseca, com algumas restrições, porque eu acho que ele é ainda um contista à maneira não-cortazariana, mas ele é muito bom, dos melhores que temos por aí. E eu agora estou conhecendo um cara novo, o mineiro Luiz Rufatto, li uns dois ou três contos dele muito bons. Mas ele é totalmente experimental.

Agora, um dos grandes autores experimentais, pelo menos eu o considero um dos melhores do Brasil, é o Adolfo Boos Júnior. Eu acho *Um largo, sete memórias* um dos grandes romances da literatura brasileira moderna. Difícil encontrar outro melhor por aí. Li e reli, acho um grande livro. Mas ele tem bons contos, também, ele é um bom contista. Acho que aquele experimentalismo dele, no conto, talvez não funcione muito bem. Os contos do Boos, embora eu goste assim da história em si, como conto, como realização de conto, ele foge da minha visão de conto, daquela minha visão cortazariana do conto. O Boos seria, também, um bom romancista escrevendo bons contos (risos). Agora, é interessante observar que os contos de Joyce são de um bom contista. Ele era as duas coisas, bom contista e bom romancista. Mas esse bom no superlativo.



Xilogravuras assinadas por Hugo Mund Júnior que ilustraram o primeiro livro de Silveira de Souza, *O vigia e a cidade*

DIÁRIO CATARINENSE
Cultura
Edição: Regis Mallmann - Interino
Diagramação: Ana Paula Gonçalves
Telefone: (48) 3216-3590
cultura@diario.com.br

Babel
Ensinando Línguas,
Quebrando Fronteiras
Av. César Sampa, 87 Calvoeira
3204-6343

Café Show
EXECUTIVO

Assine o DC
0800 644 4001
DIÁRIO CATARINENSE
www.diario.com.br

SEGUIE >

Livro de cabeceira

Para encerrar este suplemento especial dedicado ao escritor catarinense João Paulo Silveira de Souza, um rápido questionário sobre as suas preferências literárias.

DC Cultura – Qual o seu livro inesquecível?

Silveira de Souza – Acredito ter sido o *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. Fiz uma única leitura, na década de 1960, e ele ainda permanece quase completo na memória, tamanha foi a impressão que me causou.

DC Cultura – Qual seu trecho inesquecível?

Silveira – Não é bem um trecho, mas um capítulo. O capítulo LV do *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado, intitulado *O velho diálogo de Adão e Eva*. Eu deveria ter cerca 16 anos de idade quando “li” este capítulo pela primeira vez, trecho de um livro publicado em 1881, e foi o meu primeiro contato com algo realmente “moderno” na literatura brasileira. Recentemente escutei o *Memórias Póstumas* numa edição em MP3 da Audiolivro.

O leitor da obra, Rafael Cortez, resolveu o difícil problema de leitura em voz alta do capítulo 55 utilizando acordes de violão.

DC Cultura – Qual o livro que mais o perturbou?

Silveira – Ah, sem dúvida foi o *Ulisses*, de James Joyce. A primeira leitura foi em português, numa tradução de Antonio Houaiss, e eu não acreditei no que estava lendo. Depois disso fiz várias releituras de trechos (ou módulos) dele no decorrer do tempo (inclusive em inglês) e ele continua me perturbando.

DC Cultura – Qual o livro que você gostaria de ter escrito?

Silveira – *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino.

DC Cultura – Qual o personagem que você gostaria de ter criado?

Silveira – Sherlock Holmes.

DC Cultura – Qual o maior livro da literatura brasileira?

Silveira – São três: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*.

DC Cultura – Qual o maior escritor da literatura brasileira?

ra?

Silveira – São três: Machado de Assis, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

DC Cultura – Qual o livro que você mais relê?

Silveira – São seis: *Hamlet*, *Macbeth*, *Rei Lear*, *A tempestade*, *Sonho de uma noite de verão* e *Sonetos*, todos de Shakespeare. Ah, tem mais um: o *Tao Te Ching*, de Lao-Tzu.

DC Cultura – Qual o livro mais superestimado que você conhece?

Silveira – No bom sentido, o *Don Quixote*, de Cervantes. No mau sentido, sei lá! *Jerusalém Libertada?* Nem cheguei ao final.

DC Cultura – Qual o livro mais subestimado que você conhece?

Silveira – Subestimado talvez não seja a palavra correta, mas livros como *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, ou *Auto-de-fé*, de Elias Canetti, que estão entre os melhores do século 20, não frequentam muito os comentários críticos dos cadernos de cultura de nossos jornais. Parece não

haver muito entusiasmo em relação a eles.

DC Cultura – Qual livro merece ser adaptado para o cinema?

Silveira – O cinema, o que mais ele faz, é adaptar livros. Apesar disso, um filme é algo muito diferente de um livro. Acredito que o único interesse de um escritor em ver seu livro adaptado para o cinema é no sentido publicitário ou financeiro.

Neste sentido, acho que um conto meu mereceria uma adaptação cinematográfica. As perspectivas de uma

boa publicidade ou de alguma grana, ou de ambas, serão sempre bem recebidas, independente do valor do conto (ou do filme).

DC Cultura – Qual livro foi adaptado para o cinema e o resultado foi frustrante?

Silveira – A Bíblia.

DC Cultura – Qual o livro que você daria de presente?

Silveira – Existem milhares de bons livros por aí que podem ser presenteados. E também depende da pessoa a quem você presenteia. Para uma pessoa que eu não conheça muito bem, talvez aproveitasse a oportunidade para passar adiante um livro que não me agradou muito.

DC Cultura – Qual o livro que você gostaria de ganhar?

Silveira – Uma novela policial do Ed McBain que eu ainda não tenha lido.

DC Cultura – Qual o livro que você procura e nunca encontrou?

Silveira – Um livro que, realmente e sem truques, me ensine a viver confortável e feliz sem precisar despendendo muito esforço.

DC Cultura – Qual deve ser o maior mérito de um escritor?

Silveira – Conseguir escrever bons livros.

DC Cultura – Cite um grande livro de um grande autor?

Silveira – *O Som e a Fúria*, de William Faulkner.

DC Cultura – Cite um grande livro de um autor pouco conhecido?

Silveira – De um autor pouco conhecido do público brasileiro: *Niels Lyhne*, do escritor Jens Peter Jacobsen.

DC Cultura – Cite um livro que você esperava gostar e que o decepcionou?

Silveira – *O diário de um mago*, de Paulo Coelho. Um título tão desafiador!

DC Cultura – Cite um livro que você não esperava nada e o surpreendeu?

Silveira – Não é que eu não esperasse nada, pois conhecia bons textos de não-ficção do autor. Mas *O sol crucificado*, de Assis Brasil, escritor natural do Piauí, me revelou um talentoso novelista da literatura brasileira.



035: COLONIZAÇÃO de Blumenau

COLONIZAÇÃO de Blumenau. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 28/fev/09. Foto na capa com chamada para matéria.



Violência no trânsito
Isso tem que ter fim

DIÁRIO CATARINENSE

ANO 23 - Nº 8.346 SANTA CATARINA, SÁBADO, 28 DE FEVEREIRO DE 2009 www.diario.com.br R\$ 2,00

A escola fica à margem
Brasileiro não enfrenta o que afeta a educação
Cultura

Colonização de Blumenau
Análise da narrativa em *Jornada com Rupert*
Salim Miguel

A voz de Nova York no Brasil
Liza Minnelli faz turnê pelo país em março
Variedades

Infográfico ensina a fazer a declaração do Imposto de Renda
diario.com.br

Casan decide reajustar conta de água em 9,7%

O aumento no preço do produto vale a partir deste domingo e se baseia na inflação

A partir deste domingo, o preço da água distribuída pela Casan está 9,77% maior, e o aumento será percebido na conta a ser paga em abril. O reajuste foi decidido com base em estudo sobre a inflação e será cobrado em todas as faixas de consumo de modo linear.

O presidente da Casan, Walmor De Luca, afirmou que o aumento é necessário para que a empresa possa melhorar os índices de saneamento.

- Precisamos de balanços positivos para fazer frente às contrapartidas exigidas pelos financiamentos das obras - explicou. **Página 15**

OS HOLOFOTES EM DILMA NA CAPITAL



Ministra da Casa Civil foi transformada em principal atração na visita de Lula a SC, onde inaugurou sistema de energia. **Páginas 4, 5 e 8**

ESTADOS UNIDOS

Economia se retrai mais do que o esperado

PIB do país encolheu 6,2% no quarto trimestre, e o projetado era 3,8%. **Página 10**

NENÉM DA COSTEIRA

Polícia reage e quer processar traficante

Em depoimento, ele acusou policiais de extorsão e comércio de armas. **Página 23**

esportes

Criciúma volta a atuar com time misto hoje

A partida contra o Metropolitano será às 18h30min, no Heriberto Hülse.

SOLDADOS NO IRAQUE

Obama marca 2011 para o fim da invasão

Página 14



Novo canal de veículos do hagah.
Aqui você escolhe o seu veículo a dedo.
hagah.com.br/veiculos

Grupo RBS
Acesse já! Para anunciar ou comprar.

036: SALIM Miguel e a narrativa da história

SALIM Miguel e a narrativa da história. **Diário Catarinense**. Florianópolis. n. 316,28/fev., 2009, pag. 1.
Foto na capa com chamada para matéria.



037: SILVA, Dionísio da. Diálogo com um outro tempo

SILVA, Dionísio da. Diálogo com um outro tempo. **Diário Catarinense**. Florianópolis, n. 316, 28/fev/2009, pag. 2 e 3. Caderno Cultura.



O escritor catarinense Salim Miguel durante a entrega do Prêmio Intelectual do Ano de 2002, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA)

Diálogo com um outro tempo

Ambientado na Blumenau da metade do século 19, *Jornada com Rupert* é mais uma investida de Salim Miguel na narrativa documental

DEONÍSIO DA SILVA *

Há um grande romance na praça, de leitura imperdível. Foi lançado em fins de 2008, e a correria de fim de ano impediu que recebesse toda a atenção que faz por merecer.

É da Record, hoje um verdadeiro oásis para o escritor nacional. Sem alarde, a editora faz, de outro modo, algo semelhante ao que fizeram José Olympio e Henrique Bertasso nos anos 1930, sem deixar de lançar livros estrangeiros, de muito melhor desempenho comercial por razões óbvias, a principal das quais é que o escritor brasileiro ainda vive confinado no fundo das livrarias, como se visse e escrevesse exilado em seu

próprio país.

Jornada com Rupert, de Salim Miguel (Record, 174 páginas), é uma preciosidade. Naturalmente, ainda antes de abri-lo, o livro nos diz muitas coisas.

Salim Miguel, conhecido jornalista e escritor, coleciona prêmios, entre eles o prestigioso Juca Pato, concedido pela Câmara Brasileira do Livro e *Folha de S. Paulo*, e o de Intelectual do Ano, pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), além de ser premiado pela Universidade de Passo Fundo (RS) com *Nur na Escuridão* (Top Books, 1999), cujo tema so-

lar ilumina a imigração árabe para o Brasil. É, ainda, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), prêmio concedido também a José Saramago. Poucos romancistas brasileiros desfrutaram de

tão importantes reconhecimentos.

Nascido no Líbano, alfabetizado em alemão, na pequena Blumenau, onde viveu sua infância profunda e sua adolescência, aos 23 anos, já em Florianópolis, integrava o Grupo Sul, marco da atividade intelectual em Santa Catarina, experiência que marcou a sociedade catarinense e brasileira entre 1947 e 1957.

O romancista catarinense tem tido, pois, desde os verdes anos, uma passagem memorável, não apenas pelas nossas letras, mas em muitos outros campos, perfilando-se sempre junto às boas causas, muitas das quais ele mesmo criou e liderou, com sua conhecida doçura e seu es-

pírito solidário. Basta dizer que não houve ainda, em nenhuma editora universitária do porte da Editora da

UFSC, um diretor capaz de repetir o estrondoso sucesso alcançado por ele entre 1983 e 1991, quando a dirigiu em circunstâncias muito adversas. Seu sucessor naquele posto, o também escritor catarinense Alcides Buss, soube continuar e reconhecer o projeto de seu antecessor, o que, aliás, é raro em se tratando de cargos semelhantes.

Esta não é uma resenha, sequer um comentário. Escreverei sobre o livro em outra oportunidade. Este é apenas um convite a que leitores e internautas leiam *Jornada com Rupert*.

O protagonista do título é o jovem Rupert, filho de Herr Hans, simpatizante de Hitler e dono de uma fábrica de tecidos. Fritz admira o irmão, mas perfila-se junto aos ideais do pai. A irmã Karla, premiada pela intuição feminina, que a faz ver com o coração coisas que a razão desconhece, fica dividida entre obedecer ao pai e exercer a liberdade.

A pequena comunidade onde vivem é o germe de Blumenau, colônia agrícola que dá os passos profetizados por tantos estudiosos, no rumo do campo para a cidade, e em pouco tempo se transformará num dos maiores polos industriais, não apenas do Brasil meridional, mas de todo o país.

Por isso, não raro o romance ganha tom documental, como num trecho da página 51, em uma passagem ambientada em 1855: "Já faz cinco anos que o Dr. Blumenau chegou. E luta para trazer mais imigrantes. Em suas cartas fala na terra, no quanto é boa, nas oportunidades iguais que há para todos, só dependendo do esforço próprio. Aos poucos será atendido. Na Alemanha, o sábio Humboldt tudo faz para auxiliar seu amigo Blumenau. Os 17 pioneiros já se transformaram em dezenas, logo serão centenas. Outras levas vão chegando, enfrentando a mata a ser desafiada pelos que fugiam da miséria na Europa, atendendo ao estímulo do farmacêutico Hermann Blumenau; aos alemães já se juntaram, por equívoco, os tirolezes, que, ao contrário do esperado, só se entendiam na língua italiana".

Eu achava pouco provável Salim Miguel superar o desempenho de *Nur na Escuridão*. Pois com *Jornada com Rupert*, ele deu um decisivo passo à frente na qualidade. E sabem qual foi este passo? O da concisão. O barroco Salim Miguel de *Nur na Escuridão* aproxima-se, aqui, do estilo conciso de um dos escritores que tanto admira: Graciliano Ramos.

Numa nota final, ele lembra que as primeiras anotações para o romance começaram em 1948. Fez três versões nos anos 1940. Devemos à sua esposa, a também escritora Eglê Malheiros, que mandou digitar o antigo original, e ao filho Paulo Sérgio Miguel, que aconselhou o pai, "me-xendo bastante vai dar", a retomada do projeto.

Com seu habitual humor, mesmo em meio às trapaças que a vida lhe interpôs, Salim conversa com Rupert, de quem discorda, quando o personagem o critica por deixar os "turcos" e ocupar-se dos alemães".

As pessoas de todas as etnias que para cá vieram tornaram-se brasileiros, e este é o milagre de nossa complexa e riquíssima identidade nacional. Que belo romance Salim Miguel nos trouxe! Com o entusiasmo de menino que ainda hoje toma conta de suas almas, não será surpresa se outros livros aparecerem.

Salim Miguel, nascido em 1924, está em plena atividade criativa. E com isso ganhamos todos nós.

* Escritor

037A: Rico mergulho na história da imigração alemã em SC.

SCHMIDT, Ivan. Rico mergulho na história da imigração alemã em SC. **Diário Catarinense**. Florianópolis, n. 316,28/fev/2009, pag. 2 e 3. Caderno Cultura .

Rico mergulho na história da imigração alemã em SC

IVAN SCHMIDT*

Jornada com Rupert é uma história simples narrada com a maestria costumeira do autor de *Nur na Escureidão*. Quando se optou por classificar o novo romance como uma história simples, longe está a pretensão de enxergar nele algum desmazelo, tanto na habilidade de juntar as palavras quanto no enredo entretido por Salim Miguel, cujo mérito inegável foi dar conta duma partícula da imensa tarefa que os escritores catarinenses – ao menos em minha modesta impressão – ainda não realizaram por inteiro. Refiro-me à abordagem, pelo viés da ficção histórica, da imensa riqueza civilizatória proporcionada pela colonização alemã no Estado.

FUGITIVOS DA MISÉRIA

A matéria de sustentação do romance é o desenvolvimento do pequeno povoado de Blumenau, no Vale do Itajaí, vila de imigrantes fundada pelo farmacêutico alemão Hermann Blumenau, que ali desembarcou no dia 2 de setembro de 1850, ao lado de 17 imigrantes vindos de Hamburgo. O esforço pessoal do empreendedor era permitir a reconstrução de sonhos que haviam ficado para trás. Mais tarde viriam outras centenas de fugitivos da miséria na Europa, para se incorporar ao desafio de desbravar a mata, enfrentar os índios e as doenças tropicais. Numa dessas levadas chegou o botânico Fritz Müller, sábio humanista que planejava fundar, às margens do caudaloso rio, uma comunidade socialista, utopia acalentada há tantos anos: "Formar ali um núcleo avançado, criarão uma nova civilização, sem tantas desigualdades".

Na verdade, essa história havia começado em 1829, com a chegada das primeiras famílias de imigrantes alemães a Santa Catarina, encaminhadas pelo governo provincial à colônia de São Pedro de Alcântara, lugar montanhoso e insípito no município de São José, nas imediações de Florianópolis, especialmente preparado para recebê-lo. O local escolhido, como se percebeu logo, não era dos melhores, e muitos imigrantes

não encontraram as condições ideais para a sobrevivência digna, partindo em busca de outras plagas. O fato acabou propiciando o alcance de um objetivo que, provavelmente, sequer fora pensado pelas autoridades de então, a fundação de novas colônias e povoados no território catarinense.

O surgimento da vila, como se percebe, ocorreu 30 anos depois do desembarque dos primeiros imigrantes alemães, seguindo, no entanto, um empreendimento pessoal do Dr. Hermann Blumenau, farmacêutico alemão, de plantar as sementes de um futuro centro voltado à produção agrícola e industrial. Mal podia imaginar o espírito visionário do desbravador que, decorridos pouco menos de 50 anos (quando a trama narrada por Salim Miguel acontece), a vocação manufatureira já teria assumido lugar primordial na vida da cidade, tornando-a uma das mais importantes da Região Sul.

A Blumenau do final dos anos 1940 do século passado, na visão de um escritor que igualmente iniciava sua longa trajetória, já se apresentava com ares futuristas aos olhos ávidos por novidades, "o meio agrícola se transmutando em industrial". Os primeiros von Hartroieg tinham chegado por volta de 1870 atraídos pelas cartas do farmacêutico pioneiro para também se dedicar à lavoura: "Por fim, foram abandonando a terra e seu cultivo para desenvolver uma grande fábrica de tecidos, que se estendia por várias quadras e empregava centenas de operários". Enfim, a mesma saga vivida por milhares de descendentes dos primeiros colonos, cujo antigo modo de vida havia sofrido transformações radicais. A família era formada pelo patriarca Johannes Friedrich Philipp von Hartroieg, o Herr Hans, a mãe Ana, subjugada inteiramente aos caprichos despóticos do marido, e os filhos Fritz, Rupert e Karla. Houve mais um menino, a quem todos se referiam como o Caçula, que não sobreviveu. A mãe não era mais a "jovem sensível, com vocação de pianista, descendente dos Schmidt, pioneiros chegados em 1829 a São Pedro de Alcântara, o primeiro núcleo de colonização alemã de Santa Catarina".

REBELDE SEM CAUSA

Fritz é o braço direito do pai na fá-

brica, e Karla, uma jovem revoltada com tudo e todos ao redor. Rupert passa os dias matando o tempo, fechado no quarto, dormindo ou tentando ler alguma coisa de proveito, quando não está envolvido em áspeas discussões com o velho Hans, que não admite um mandrião em casa. A mãe procura agir como intermediária entre ambos, e sem tomar o partido do filho, a quem ama, pondera que pai é pai e precisa ser respeitado: "O que eu quero é poder fazer minha própria vida", retruca o rapaz. A noite e os bares abertos até altas horas constituem o refúgio do rebelde sem causa, numa época em que "a cidade lembrava um único ser gigantesco, fantástico e inverossímil, bem azeitado e que rodava, rodava sem parar, indiferente, alheio a tudo, aos acontecimentos bons e maus que ocorriam pelo mundo".

A roda do chope e das doses de cachaça, o tom da discussão aumenta de intensidade. Os amigos debatem em torno da disputa eleitoral entre o marechal Dutra e o brigadeiro Eduardo Gomes, passando também em revista a política local e os típicos mexericos da cidade. Rupert se angustia com o vazio diante de si, pensa na bela Ilze Bornmann, namoradinha de infância, que num belo dia se mandou para o Rio de Janeiro na companhia duma dupla de repórteres da revista *O Cruzeiro*, que esteve na cidade para uma reportagem sobre o Vale do Itajaí. Torturado pela vontade de fazer a mesma coisa, Rupert rumina a ideia de sair pelo mundo afora, sem destino.

São os eflúvios do existencialismo transposto para as páginas de romances imortais por Jean-Paul Sartre, que começam a fazer a cabeça de jovens intelectuais da antiga Desterro, fissurados pelas notícias da guerra e avanços culturais do mundo. Aliás, a melhor parte de *Jornada com Rupert* são as cartas que Ilze escreve ao pai, contando as novidades do Rio, onde começou a trabalhar na revisão da famosa revista de Assis Chateaubriand, antecedendo uma carreira promissora no jornalismo. Sequiosa de conhecimento, Ilze vai citando na correspondência os escritores e intelectuais de sucesso, não por acaso os mesmos que passam de mão em mão em Florianópolis: Graciliano

Ramos, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Paulo Rónai e Otto Maria Carpeaux, além do alemão Hermann Hesse. Não demorou e a própria Ilze traduzia do alemão um conto de um tal Gregor Samsa, no entanto, recusado pela revista para a qual foi oferecido mesmo sem remuneração. Havia, também, espaço para a turma de teatro e rádio na efusiva admiração de Ilze, gente talentosa como Joracy Camargo, Procópio Ferreira e Silvio Caldas.

MAPA DA INTELIGÊNCIA

Um pouco antes da ida da moça para o Rio, o repórter de *O Cruzeiro* chamado João (seria o João Martins?), num animado papo regado a doses de Steinhäger, discursou sobre o livro que acabara de ler, o romance *Canaã*, de Graça Aranha, dirigindo-se a Rupert: "Vou deixá-lo com você, mas não vou dizer uma única palavra a respeito do mesmo, quero que o leia e me mande suas impressões, pois tenho certeza que é de seu especial interesse". Mais adiante, Rupert descobre que o romance se ocupa do debate travado num rincão do Espírito Santo "entre dois imigrantes alemães que lhe pareciam tão distantes e tão próximos, pois bem poderiam ser as acaloradas discussões entre Günther (pai de Ilze) e Herr Hans. Herr Hans mantendo-se fiel ao que chama de 'raça pura', tendo apoiado a escalada de Hitler, esperando encontrá-lo um dia em Blumenau; e Günther retrucando, numa voz firme, ser aquilo uma sandice".

Como fez inúmeras vezes em seus primeiros escritos, aqui Salim Miguel fornece à posteridade um consciencioso mapa da leitura inteligente da época, concedendo à missivista a oportunidade de aparecer como intérprete à altura das preferências dos aficionados da literatura de qualidade. Numa referência divertida e altamente meritória à publicação literária que editou na juventude, Salim introduz numa das cartas o encontro de Ilze com uma amiga e a ida de ambas à Livraria São José, para que esta lhe mostrasse a revista *Sul*, de Florianópolis. Ilze escreveu ao pai: "Folhee-i-a, fiquei surpresa de encontrar lá o tal turco que vinha bis-

bilhotar em Blumenau". O "turco enxerido" em questão... deixa pra lá... a essa altura apostou que todos já descobriam quem é, volta e meia aparecia na cidade para se enturmar com a fauna cujo estilo de vida trocava a noite pelo dia. A passagem emblemática é a seguinte: "Rupert abre a porta da casa, na zona, enquanto pensa: 'Ainda bem que hoje não apareceu aquele turco, amigo do Paul, que vem lá de Biguaçu para se intrometer nas nossas conversas, não se cansando de nos interrogar e fazer anotações. Ainda por cima o turco anda de namorico com a Karla'".

Rupert é um personagem marcado pela repulsa de si mesmo por não ousar a fuga. Debate-se com a "sensação de abandono, como se não pertencesse ao resto da humanidade", espicaçado pela severidade do pai, que enquanto lhe aponta a "cidade que coleia, acompanhando o rio", verbeira: "Olhe agora para o progresso, Wunderbar. As fábricas, a importância do município. Tudo obra nossa, obra do Dr. Blumenau, do Dr. Fritz Müller e dos que os seguiram". O velho fala como se nele ressurgissem os antigos senhores feudais da Alemanha.

O drama de Rupert termina com a morte do pai e quando decide partir "sem se despedir da família, sem deixar um bilhete. Sumirá sem deixar vestígios nem rastros. Deseja que não saibam dele". Um dia, quem sabe, voltará incógnito para rever a cidade, demorar-se diante do túmulo do pai e da mãe, e "olhar o rio que nunca devolveu o Caçula".

Certa manhã, ainda escuro, sem dizer a ninguém, corre à estação e embarca num trem que seguia para Rio do Sul. Sem saber como (e o pormenor não tem a mínima importância), de repente, está em Joinville e, logo, em São Francisco do Sul. Já é noite, mas há confirmação de que na manhã seguinte o Karl Hoepcke, lendário vapor da navegação costeira, vindo de Itajaí, atracará para embarcar cargas e passageiros com destino ao Rio de Janeiro.

A semelhança de Dostoevski ao colocar o fecho em *Crime e Castigo*, as últimas duas linhas de Salim Miguel em *Jornada com Rupert* assim foram escritas: "Aqui começa uma outra história, que não contaremos, porque só agora Rupert vai vivê-la".

* Jornalista e escritor, autor da biografia Edgar Allan Poe. Nunca Estive Realmente Louco

038: Com a palavra

ALVES, Márcio Miranda. Com a palavra. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 22/fev., 2009, pag. 16. Autorretrato/Coluna Donna DC.

MÁRCIO MIRANDA ALVES

O presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Cícero Sandroni, não costuma tirar férias longas. Suas pausas para descanso são de poucos dias, e geralmente têm Florianópolis como destino. Na Ilha, o jornalista e escritor de 73 anos cultiva várias amizades, principalmente a do escritor Salim Miguel – que por sinal já hospedou o acadêmico da cadeira nº 6 em sua casa, na Cachoeira do Bom Jesus. Reeito para mais um ano à frente da ABL, Sandroni teve um ano de trabalho intenso com as atividades do centenário de morte de Machado de Assis. Em 2009 não será diferente, desta vez com as homenagens direcionadas a Euclides da Cunha. – Tenho tido muita satisfação em trabalhar para a Academia Brasileira de Letras – afirma Sandroni.

marcio.alves@diario.com.br

Com a palavra...

Quais são os livros que o senhor costuma ler?
A Montanha Mágica (Thomas Mann), *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis) e *Os Sertões* (Euclides da Cunha).

Romantismo ou realismo?
Realismo.

Uma personalidade que você admira.
Gandhi, Carlos Drummond de Andrade e Salim Miguel.

Um filme inesquecível.
Depois do Vendaval (filme de 1952, dirigido por John Ford, estrelado por John Wayne e Maureen O'Hara).

Uma qualidade que você considera importante nas pessoas.
Caridade.

Sua praia preferida em Florianópolis.
Cachoeira do Bom Jesus.

Prato preferido.
Pratos com massa.

Prefere cerveja, vinho ou caipirinha?
Gosto mais de whisky, de vinho também.

Seu pintor preferido.
Van Gogh.

Clube de futebol.
Flamengo no Rio de Janeiro, Corinthians em São Paulo e Avaí em Santa Catarina.

Em que línguas estrangeiras o senhor lê?
Inglês e francês.

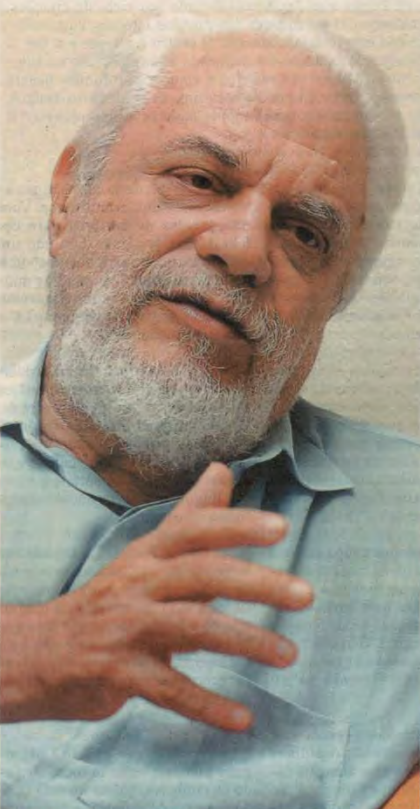
Cite um escritor brasileiro e um estrangeiro.
Machado de Assis e Thomas Mann.

Uma qualidade sua.
Nenhuma... (pensa um pouco). Trabalhar!

Um defeito.
Preguiça.

Um vício que você gostaria de deixar.
Só tenho vícios inconfessáveis.

Como é o seu domingo perfeito?
Quando estou com a família e preparo macarrão para minha mulher e filhos.



O presidente da Academia Brasileira de Letras tira poucos dias de férias, mas geralmente tem como destino Florianópolis

QUEM É ELE

- ♦ Cícero Sandroni nasceu em São Paulo (SP) em 1935, mas vive no Rio de Janeiro desde 1946. Cursou Jornalismo na PUCRJ e Administração Pública na Fundação Getúlio Vargas. É casado com a escritora Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni e tem cinco filhos.
- ♦ Iniciou sua carreira jornalística em 1956, no jornal *Correio da Manhã*. Também trabalhou no *O Globo*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa* e no *O Cruzeiro*. Em 1966 fundou a revista *Ficção*. Foi redator do *Jornal do Brasil*.
- ♦ Autor dos livros *O Diabo Só Chega ao Meio-Dia* (1985), *O Século de Um Liberal* (1998) e *Quase Cony* (2003), entre outros.
- ♦ É o sexto ocupante da cadeira nº 6 da ABL, eleito em 25 de setembro de 2003, na sucessão de Raimundo Faoro. Em 2007 foi eleito presidente da instituição e reeleito no ano passado.

039: MACHADO de Assis para Salim

MACHADO de Assis para Salim. **Rascunho**. Curitiba, ano 10, jun/2009, pag. 2. Vidraça.

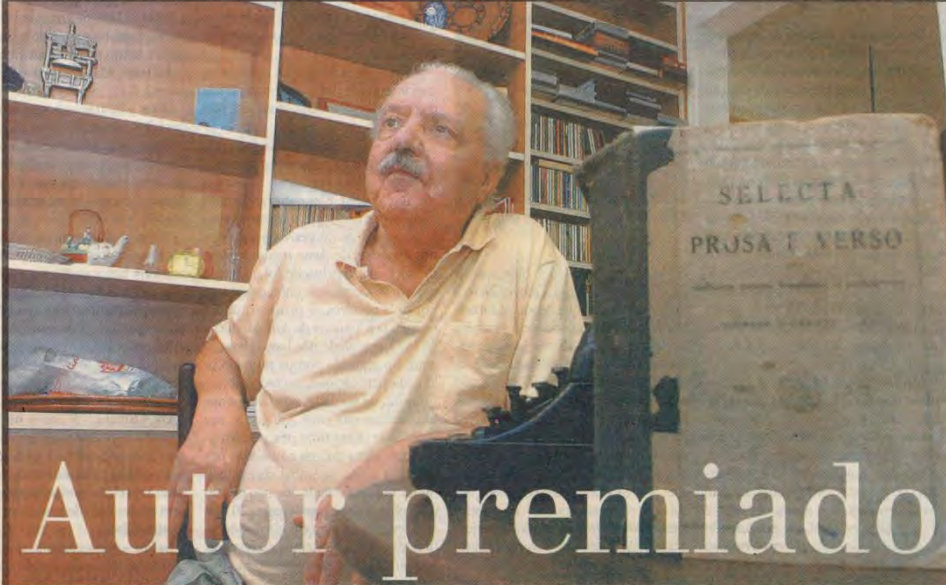
Machado de Assis para Salim

O escritor e jornalista Salim Miguel é o vencedor do Prêmio Machado de Assis 2009, da Academia Brasileira de Letras. Ele receberá R\$ 100 mil. O júri que o escolheu era composto por Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Alberto da Costa e Silva e Moacyr Scliar. A entrega do prêmio será em 23 de julho. Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, mas vive no Brasil desde a infância. É autor de **Nur na escuridão**, **A voz submersa** e **Jornada com Rupert**, entre outros.

040: Autor Premiado

REZENDE, Dorva. Autor Premiado. **Diário Catarinense**. Florianópolis, n. 330, 6/jun., 2009, pag. 1,2,3,4. Entrevista/Caderno Cultura.

SÁBADO, 6 DE JUNHO DE 2009 - Nº 330



Autor premiado

O libano-biguaçuense Salim Miguel, aos 85 anos, é autor de 30 livros e liderou, ao lado de figuras como Aníbal Nunes Pires e Ody Fraga, o célebre Grupo Sul

Quarto entrevistado da série dos escritores catarinenses, Salim Miguel receberá, em julho, a maior distinção da Academia Brasileira de Letras

DORVA REZENDE

Entrar na casa de Salim Miguel e Eglê Malheiros, no Bairro Carvoeira, em Florianópolis, é como ingressar em um templo dedicado à literatura. Não que os livros estejam transbordando em todos os ambientes. Eles estão lá, em seus devidos lugares, mas são mais do que instrumentos de lazer e de saber. São testemunhas de uma vida dedicada à arte de ler, de escrever e de produzir cultura.

E entre eles, os livros, alguns outros objetos se destacam na decoração do apartamento, repleto de pinturas, muitas de amigos queridos, como o saudoso Hassis, Tércio da Gama e Eli Heil: um tinteiro que ele recebeu da professora do primário, em 1932, ao ser o primeiro da classe ao final de um ano em que ele começou misturando palavras de árabe e alemão com o português; um retângulo de veludo azul com o garfo e a faca com os quais se preparava para jantar, no dia 20 de maio de 1964, quando foi solto do quartel da PM da Rua Nereu Ramos, na Capital, onde estava preso desde o 1º de abril do golpe militar que jogou o país numa ditadura por mais de 20 anos; e a máquina de es-

crever que ganhou do pai, o comerciante José Miguel, protagonista de *Nar na escuridão* (1999), em 1947.

Quarto entrevistado da série sobre os escritores catarinenses que o *DC Cultura* publica mensalmente, Salim Miguel, aos 85 anos e autor de 30 livros, foi recentemente homenageado com a mais importante honraria da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Antes deste prêmio, Salim já havia recebido o Zaffari-Bourbon, em 2001, e o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano, em 2002. O escritor libano-biguaçuense, como ele próprio se define, vai receber o prêmio de R\$ 100 mil da ABL no dia 23 de julho. Alguns dias antes, ele participa do lançamento de mais um livro, *Os Melhores Contos de Salim Miguel*, pela Global Editora, com seleção e apresentação de Regina Dalcagagne.

Para esta entrevista com Salim Miguel, o *DC Cultura* contou com a participação de Adolfo Boos Júnior, velho amigo do casal, desde os tempos pioneiros do Círculo de Arte Moderna/Grupo Sul. Dona Eglê acompanhou o primeiro trecho da entrevista do seu quarto, sempre de ouvido atento e corrigindo o marido quando achava necessário. Depois, trouxe o cafezinho e também participou da conversa.

DC Cultura – Esta recente homenagem que ganhaste da Academia Brasileira de Letras, do Prêmio Machado de Assis, o mais importante da instituição, é o reconhecimento que todo o escritor brasileiro gostaria de receber. Até que ponto esta honraria não te estimula a disputar uma cadeira na ABL, ou tu pensas que não é o caso?

Salim Miguel – Não me estimula porque eu tenho muitos amigos, centenas, milhares de conhecidos, mas sou um bicho meio solitário. A única coisa que eu entrei, nestes meus 85 anos, foi para o Sindicato dos Jornalistas Profissionais, que é a minha categoria. Mais absolutamente nada. Eu acho que a pessoa só deve entrar para uma instituição qualquer se ela acha que está querendo ou podendo dar uma contribuição. E como eu não tenho nenhuma vocação para entrar e fazer isso, eu, desde a primeira vez que me convidaram para entrar para a Academia Catarinense de Letras, e isso foi no tempo da Gama d'Eça, disse não e continuo a dizer não. Quanto ao prêmio, é muito mais do que eu poderia esperar. Para mim, foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Para começar, o primeiro escritor que eu fiquei sabendo o nome foi Machado de Assis. Eu estava chegando aos nove anos, tinha terminado o primeiro ano do primário em Biguaçu – eu digo sempre que foi em um almanaque, tenho quase absoluta certeza, mas pode ter sido numa velha revista ou num jornal –, de repente, eu abro e está lá, *A Carolina*, de Machado de Assis. Esse soneto me marcou tanto que até hoje a minha memória preserva o primeiro quarteto. Logo em seguida, eu fui saber do segundo escritor, Cruz e Sousa. Um mestiço e outro negro. Para um filho de imigrante, que sofreu na carne preconceitos, receber o Prêmio Machado de Assis, na casa de Machado de Assis, no Rio de Janeiro, é muito mais do que eu poderia sonhar, embora eu sonhasse com isso, não posso dizer que não. E se os acadêmicos decidiram que eu merecia o prêmio, quem sou eu para contradizê-los. O que me sobra é ver se, daqui para adiante, nestes poucos anos que me restam, eu possa fazer um pouco mais e melhor do que eu fiz até agora.

DC Cultura – Em que ano a tua família se mudou para Biguaçu?

Salim – Foi em 1931, mas, como o ano letivo já havia começado, eu entrei no grupo escolar em 1932. No fim desse primeiro ano, a professora bate palmas, chama a atenção dos alunos e fala assim: “Vejam só, chegou ontem aqui, mal sabia algumas palavras de português misturadas com árabe e alemão, e agora, no fim do ano, já fala, lê e escreve melhor do que vocês. E é turco. Vocês não se envergonham”. Daí me chamou e me deu este tinteiro que eu guardo até hoje.

DC Cultura – Mas o sobrenome Miguel é aportuguesado do francês Michel, por que isso?

Salim – É que na época em que imigramos para o Brasil (em 1927, quando Salim tinha três anos), o Líbano era um protetorado da França, e toda a nossa documentação estava em francês. Meu pai era José Michel, mas minha família tinha um outro sobrenome. Mas era tão complicado que eu nem sei falar direito, numa pronúncia aproximada, era algo como “Janahar”. Então, quando chegamos ao Brasil, meu pai resolveu que ia ser José Miguel. E em São Pedro de Alcântara nasceu, em 1929 – estaria completando 80 anos se ainda estivesse vivo –, o meu irmão, que foi registrado como Jorge Michel, por causa da documentação do meu pai.

DC Cultura – No livro *Onze de Biguaçu mais um*, uma obra que tem muito de autobiografia, tu falas da livraria do cego, para o qual tu lias. Como foram estas tuas primeiras leituras?

Salim – O primeiro romance que eu li foi *O Tronco do Ipê*, do José de Alencar, quando tinha uns oito, nove anos. Depois eu vivia aporriando o meu pai para ver quem daquele pessoal de Biguaçu, que não eram muitos, tinha livros. Até que um dia eu passei na frente da livraria, o dono da livraria era o João Mendes. Entrei e disse: “João Mendes, eu te proponho o seguinte, tu me emprestas um livro, eu leio e te devolvo igualzinho como foi, como novo”. Daí ele disse que me fazia uma proposta diferente, porque ele também tinha fome de leitura e que eu podia ir lá, ficar o tempo que quisesse, lendo em voz alta para ele. Isso durou alguns anos, até eu vir estudar em Florianópolis. Nós lemos absolutamente tudo o que se pode imaginar, os grandes clássicos – foi a primeira vez que eu li Shakespeare, *As alegres comadres de Windsor*; a primeira vez que eu li Eça de Queirós, *O Mandarim*; que eu conheci Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompeia e outros escritores. Até hoje eu não sei como, mas apareceu por lá o *Dom Segundo Sombra*, do Ricardo Güiraldes, em espanhol. Eu devo muito ao João Mendes, e acredito que ele, já falecido, hoje diria o mesmo: “Devo muito ao Salim”.

DC Cultura – Depois dessas leituras, quando apareceu o teu primeiro texto escrito?

Salim – Eu comecei a escrever antes dos 10 anos, só que eu tive o bom senso de, durante muitos anos, escrever e rasgar. O que continuo fazendo até hoje. Mas, para os padrões da época, eu comecei a publicar tarde. Comecei a publicar quando eu estava com 22 anos, em 1946. Podia ter esperado mais um pouquinho. Foi em jornais de Florianópolis, na época a gente publicava mais no *Estado*, mas também na *Gazeta*, no *Diário da Tarde* e, a partir de 1950, no *Diário da Manhã*, onde o Oswald Mello e eu tínhamos uma página literária.

DC Cultura – Foi nesta época que começou a tua atividade jornalística?

Salim – Na barriga da minha mãe eu já dizia que queria ser só duas coisas na vida: jornalista e escritor. O jornalista precedeu ao ficcionista, mas o ficcionista que eu sou deve muito ao jornalista, porque o jornalismo me ensinou a ter uma maior visão das coisas, a escrever com muita rapidez e a ter a noção do que é essencial no texto. O ficcionista, por sua vez, fez com que eu fosse muito lento para concluir um trabalho de ficção. Quando eu terminava a primeira fase da escrita, quer fosse um conto, uma novela, um capítulo de um romance, eu deixava dormir primeiro por alguns meses e depois retomava para começar a mexer, a cortar. Porque, ao contrário de um amigo meu muito próximo (fala referindo-se a Boos), que faz uma planta baixa da sua escrita, antes de começar, eu, quando começo, eu não sei o que vai sair dali, mesmo porque eu não saio atrás dos personagens, eles é que me perseguem.

Adolfo Boos – Há personagens que governam a nossa pena. Eles ganham vida e vão embora.

Salim – Sim, e às vezes exigem tanto que na proposta do livro têm um perfil e acabam saindo com outro inteiramente diferente. Neste meu último romance, *Jornada com Rupert*, tem um personagem, Domingos Baiano, que é criança quando acompanha, durante um mês, Euclides da Cunha, e vê toda aquela barbaridade que foi a destruição do reduto de Canudos. E quando ele é jovem, vai servir no Exército e vem para o Contestado combater pessoas iguais àquelas que ele viu morrer em Canudos. Minha proposta, no começo do livro, era mostrar esse paralelo e fazer com que ele fizesse um curso de sargento e encerrasse a participação dele no romance. Mas ele disse: “De jeito nenhum, não aceito isso”. Durante três semanas, eu parei o livro, não conseguia ir adiante, até que resolvi perguntar para ele: “O que tu queres ser?” E ele disse que queria ir para aquela comunidade fechada de Blumenau, queria casar com uma alemoa. Ele nunca chamou a mulher de alemã, sempre de alemoa, e engraçado é que parece que eu estou falando de gente de carne e osso, e não de gente de papel. Pois ele foi para Blumenau, formou um quarteto de cordas, que to-

cava *lieder* e também música popular brasileira. Então, ele acabou ensinando aqueles alemães, de 1930 e 1940, a música de Noel Rosa e de um jovem compositor que estava começando, Dorival Caymmi. Ele ganhou a parada.

DC Cultura – E como as histórias e os personagens chegam para ti?

Salim – A única novela onde eu trabalhei com mais liberdade de criação foi, também, a única em que os personagens não me procuraram. Eu estava na quinta versão do *Nur na escuridão* e não havia meio de ir adiante. Aí eu disse para a Eglê que ia fazer não um romance, mas uma novela onde ninguém interferisse. Todo ele feito de gente de papel, é que eu queria ver se tinha forças para dar carne e ossos para essa gente de papel. Fiz uma novela chamada *As confissões prematuras* onde todas as situações ali eu posso dizer que, pela única vez, foram inventadas ao longo da coisa. Só que, de repente, o leitor, ou um autor presumível, resolve interferir na história. E, além disso, dois dos personagens não se deram muito por satisfeitos com o que estava acontecendo, e a mulher manda uma carta para esse cara que pode ser o leitor ou o autor dando a sua versão do que estava sendo contado. São três personagens, o gordo, o magro e a mulher. E, no final, o gordo manda uma carta que fecha o livro e que, ao contrário da mulher, que é transcrita na íntegra, na dele são trechos de comentários produzidos por esse leitor ou pelo autor. Nessa novela, não teve um dado que eu pudesse dizer, isso eu colhi daqui ou dali. No mais, teve um conto que surgiu quando eu e a Eglê estávamos caminhando na praia e resolvemos pegar um trecho de um verso – “pegadas na areia do tempo” –, daí comentamos: “Nós somos pegadas na areia do tempo, se vem a onda do mar e avança, a pegada se vai. E assim somos nós, estamos aqui hoje e amanhã não estamos mais, somos como pegadas na areia do tempo.” Esse versinho fez com que eu escrevesse...

Eglê Malheiros (dizendo o verso e entrando na sala) – *Footprints on the sands of time.*

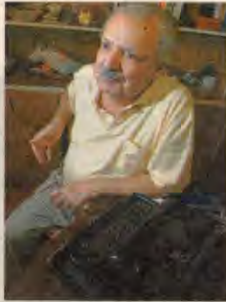
DC Cultura – De quem é o poema, Dona Eglê?

Eglê – É do Longfellow.

Salim – Esse verso virou um conto chamado *Pegadas na areia do tempo*, e que, no fim, foi em parte o título de um livro meu publicado pela Global, *As areias do tempo*. Outro conto surgiu de uma frase do livro do Fernando Morais, *Olga*, logo no começo, quando ele diz assim, “Prestes e Olga pernотaram em Florianópolis”. Esse “pernoitar em Florianópolis” resultou num conto chamado *Ele*.

DC Cultura – Quando foi que o Salim Miguel jornalista começou a trabalhar numa redação?

Salim – Eu comecei em 1951 no *Diário da Manhã*, aqui em Florianópolis. E eu tenho a minha carteira profissional assinada nesse jornal. Era redator. O jornal era do Zedra Perfeito da Silva, que deixou alguns livros de ficção também. Ao mesmo tempo, eu passei a ser correspondente de um jornal em



O escritor catarinense Salim Miguel

Porto Alegre chamado *A Hora*, que tinha dois responsáveis, Meyer Neto e Josué Guimarães, que depois se tornou um romancista importante. E também de uma revista do Rio de Janeiro chamada *BBB – Boletim Bibliográfico Brasileiro*, que tinha o Hélio Pólvera como redator-chefe. E aqui, também, depois, durante anos, eu fui o chamado free fixo do jornal *O Estado*; fazia matérias, mas fazia, principalmente, duas vezes por semana, uma coluna de informações gerais e outra coluna de anotações sobre livros e autores. Mas, ao mesmo tempo, eu estava colaborando com jornais de São Paulo e do Rio, publicando contos no *Suplemento Literário do Estadão* e no *Diário de Notícias* do Rio, cujo caderno literário era dirigido pelo Paulo Ronai e pelo Aurélio Buarque de Holanda. Colaborei também com jornais de outros Estados, publiquei conto meu até em Manaus.

DC Cultura – Isso no começo da década de 1950, com o Grupo Sul já formado e atuando?

Salim – O Grupo Sul, na verdade, começa no dia 7 de novembro de 1947, quando nós apresentamos três peças em um ato, no TAC, para podermos começar a revista. E o primeiro número da revista saiu em janeiro de 1948. E daí, então, a coisa foi se ampliando muito mais, porque eram (na época) cerca de 40 publicações de jovens por todos os Estados brasileiros.

DC Cultura – O Boos já estava nessa primeira turma do teatro? Adolfo Boos – Não.

Salim – Não, o Boos é da segunda turma. O Boos, o Silveira, o Hugo Mund Jr. são da segunda turma.

Boos – Eu sou da década de 1950 já. Eu me lembro que trabalhava, nesse tempo, ali na Praça Quinze, na Texaco, naquele prédio que tinha o Banco Inco embaixo e a Telefônica do lado. Em cima do escritório ficava a rádio *Diário da Manhã*. E eu lembro que eu ficava ali, do terceiro andar, olhando o pessoal, e os velhos lá da Texaco diziam: “Tu és da turma daqueles cabeludos, tu não tens vergonha não?”. E daí eu olhava na Praça o Ody Fraga, que era uma figura inconfundível, e o Salim Miguel, todo mundo sentado nos bancos do jardim, conversando...

Salim – E não era só cabelos não. Havia três classificações, cada um escolhia a que lhe cabia. Eram os cabe-

ludos e malucos; eram os comunistas, mas assim, num tom agressivo; e eram os viados (risos). Só que viado não tinha nenhum (risos).

DC Cultura – Esse preconceito com relação a vocês, da parte mais conservadora da cidade, sempre existiu?

Boos – Eu acho que foi o primeiro movimento de independência contra o convencionalismo da província, não foi?

Salim – Eu não diria que foi o primeiro, porque eu acho que o primeiro foi a Ideia Nova da Cruz e Sousa e o Virgílio Várzea. Eles sofreram muito mais do que nós. Mas, como movimento agregador de valores, embora todos nós fôssemos de classe média e classe média baixa, o primeiro foi o Círculo de Arte Moderna, que tinha esse nome por dois motivos. O primeiro numa referência à Semana de Arte Moderna de 1922, que ainda não havia chegado aqui; e o segundo porque num círculo não existe cacique, são todos iguais. Embora, na verdade, nós tivéssemos um cacique que era o Aníbal (Nunes Pires). Ele já era uma pessoa formada, mais idosa do que nós. Todos nós devemos muito ao Aníbal, ele era uma figura impressionante. Ele não deixou uma obra, mas se passássemos 20 dias sem levar nada para ele, ele nos questionava por não estarmos escrevendo. E, quando cobrávamos dele o mesmo, ele dizia que se realizava vendo o que a gente estava produzindo. Ele deixou só um livro que foi arrancado dele, por obra da Geninha, a mulher, também professora e uma figura à frente do seu tempo. Foi ela e nós que juntamos os poemas, organizamos o livro e publicamos. É claro que ele ficou sabendo no decorrer, mas foi só assim que saiu o livro de poemas do Aníbal. E ele sofreu muito mais que nós, porque ele era professor do Colégio Catarinense e do Coração de Jesus, e acho que no Coração ele foi ameaçado de demissão, porque ele era um advogado, um professor respeitado, de família tradicional, os antepassados dele tinham sido escritores, administradores, como ele podia estar se reunindo com aqueles caras que não eram nada. E ele aguentou e ficou com a gente o tempo todo.

DC Cultura – Em 1947, quando foi formado o Círculo de Arte Moderna, tu já conhecia a Dona Eglê?

Salim – Diz ela que nós nos conhecemos antes; afirmo eu, e a minha memória não é ruim, que nós fomos nos conhecer em 1947, e foi depois desse espetáculo de teatro. Nós fizemos os cálculos; com o que arrecadamos dava para fazer dois números da revista, talvez três, e ainda sobrava um trocadinho. O florianopolitano sempre gostou muito de teatro, e nós fomos obrigados a fazer uma segunda apresentação. No primeiro espetáculo foi uma peça do Pirandello, uma do Shaw e uma do Ody. No segundo, no lugar da (peça) do Ody, fizemos uma adaptação de um conto do Sartre. Uma adaptação feita pela Ody, que se chamou *As estútuas volantes*. Muita gente em Florianópolis achou que nós estávamos inventando Sartre. Então, como sobrou um troca-

dinho, nós fizemos um jantar no Lira Tênis Clube e, diz um amigo nosso, que ele só percebeu que eu e a Eglê estávamos interessados um no outro nesse jantar. Diz ela que nos conhecemos antes, digo eu que não.

Eglê – Mas Salim, para preparar essas peças, o espetáculo todo, onde é que eu estava e onde é que tu estavas?

Salim – Mas é a partir daí, Eglê... (risos)

Boos – É, mas o choque foi depois... (risos)

Eglê – Mas, olha, eu conheci o Salim muito tempo antes de ele me conhecer. E se eu soubesse que ele não ia se lembrar, eu não ia me lembrar dele... (risos)

Salim – Nós começamos a namorar logo depois disso, cinco anos de namoro. Entre namoro e casamento, nós estamos juntos há 62 anos. E eu não seria quem eu sou sem a Eglê. Ela é uma pessoa duma visão de mundo, uma visão social, uma visão de cultura, muito mais ampla e maior do que a minha.

DC Cultura – E como foi para ti, quando te prenderam após o golpe de 1964, saber lá na cadeia que a tua mulher também tinha sofrido uma restrição, tinha ficado detida sem poder sair de casa com os teus quatro filhos.

Salim – Mais grave do que isso, ela passou uma semana detida no Hospital da Polícia Militar, e as quatro crianças ficaram abandonadas. Foi preciso uma vizinha avisar a minha irmã que foi lá em casa pegar os quatro e levar para a casa do meu pai. Mais do que a minha prisão, o trauma todo nosso, dos nossos filhos, principalmente do menor, é que, de repente, chegaram, batem na porta, ela abre, é presa, sai dali e deixa aquelas quatro crianças. E eu não fiquei sabendo logo, porque nos primeiros dias ficamos incommunicáveis. Só depois é que abrimos um pouco. E daí a Eglê me mandou um caderno e um lápis, porque era menos perigoso que caneta. Com esse lápis, eu fiz as anotações que resultaram no *Primeiro de Abril*. E só aí eu fiquei sabendo (do que aconteceu), mas a Eglê já estava em casa. Ela ficou presa em casa, mais tempo até do que eu. Ela ficou 55 dias, eu 48. Mesmo depois de relaxada a nossa prisão, quando ela queria sair, os nossos filhos diziam: “Não, mãe, não sai de casa”.

DC Cultura – Tudo isso foi determinante para que vocês fossem para o Rio. Vocês se mudaram logo depois?

Salim – Naquela época eu era chefe da Agência Nacional em Santa Catarina e trabalhava na assessoria de imprensa do (governador) Celso Ramos. Logo depois do golpe, assumiu a Agência Nacional o escritor Adonias Filho. Quando eu fui solto, telefonei para o Adonias. Ele me disse que não ia ser fácil, mas que ele iria tentar me segurar. Anos depois, fiquei sabendo que amigos meus, escritores, do Rio, principalmente o Adonias, tinham lutado pela minha libertação. O Adonias era um homem de direita, mas caráter independe de partido político.

Eu fiquei uns meses aqui, mas não havia mais condições, eu não tinha mais as mesmas facilidades, eu não tinha mais como mandar notícia. Um dia, o Adonias me liga dizendo que estava me mandando uma passagem para conversar comigo. Eu fui, e ele me disse que me manter em Florianópolis estava ficando complicado, porque havia gente querendo a minha prisão novamente, e que até um amigo meu tinha ido ao Rio falar com ele para pedir o meu cargo na Agência Nacional. Ele nunca me disse quem foi. O Adonias disse, então, que estava pedindo a minha transferência para o Rio. Eu disse que era perigoso, que eu estaria perto da boca do lobo. Mas ele disse que eu era apenas um homem de ideias, e conquanto eu não ficasse berrando alto no escritório essas minhas ideias, o meu caso se diluiria naquele mar de gente que era o Rio de Janeiro. E ele não fez isso só comigo não, fez com outros chefes de escritório da Agência Nacional, de Salvador, do Recife...

Eglê – É bom dizer que o Adonias era uma exceção entre a *intelligentsia* golpista. Porque esse negócio de respeitar as ideias dos outros não era a regra. Ele tinha prestígio como intelectual, e eles precisavam de um nome como o dele.

DC Cultura – Quem o perseguia aqui em Florianópolis?

Salim – Eu nunca pertenci a partido político, mas nunca neguei ser um homem de esquerda. Meu principal perseguidor aqui era o secretário de Segurança Pública do governo do Celso Ramos, o Jade Magalhães, um ex-integralista. E foi de um grupo em torno dele que alguns sujeitos, dias depois do golpe, arrombaram a porta, colocaram todos os livros da Anita Garibaldi na rua e tocaram fogo.

DC Cultura – Uma das passagens mais emocionantes do *Primeiro de Abril* é justamente essa, quando lá da cadeia tu ficas sabendo que queimaram os livros da Anita, que já não era mais tua...

Salim – Desde 1959, mas eu era uma espécie de assessor informal da livraria. Foi a primeira livraria de Santa Catarina a importar livros e a vender publicações de todas as tendências, inclusive livros marxistas. Nenhuma outra fazia isso aqui no Estado. Queimaram um livro sobre o cubismo, achando que se tratava de Cuba. Eu costumo dizer que quem queima livro não deve ter seu nome nem citado. Todos que viveram aquela época sabem quem encabeçou a queima dos livros. Era um chefe e dois subchefes, eu sei o nome dos três, mas me recuso a dizer o nome deles.

DC Cultura – Como foi a vida no Rio de Janeiro, vocês tendo que começar do zero, numa cidade diferente, com quatro filhos?

Salim – Às vezes, eu brinco dizendo que o golpe poderia ter sido um pouco antes porque, assim, nós teríamos ido mais cedo para o Rio de Janeiro. Eu e a Eglê não temos nenhuma queixa do Rio de Janeiro, muito embora tenha sido bem difícil no começo. A Eglê não

tinha sido demitida, mas colocada em disponibilidade pelo governo do Celso Ramos. Nos primeiros meses, eu fiquei devendo para quatro parentes e três bancos, porque o que a gente ganhava mal dava para pagar o apartamento. Foi bem difícil. Começamos a fazer de tudo, a Eglê fazia revisão e tradução de livros, e eu acabei indo trabalhar primeiro na revista *Fatos e Fotos*, da Bloch, e depois na *Manchete*. Aí a coisa começou a melhorar, porque eu também passei a fazer uns frilas para jornais. Fiquei um ano e meio na *Fatos e Fotos*, depois passei a fazer matérias especiais para a *Manchete*, fui redator, repórter e chefe de redação, e, nos três últimos anos no Rio, eu fui chefe de redação de uma revista de economia, *Tendência*. Costumo dizer que saí de lá sabendo menos de economia do que quando eu entrei. E, durante 10 anos, eu também escrevi sobre literatura brasileira e latino-americana para o caderno *Ideias do Jornal do Brasil*. No final, a situação melhorou a ponto de nós conseguirmos até comprar um apartamento.

DC Cultura – E quando vocês decidiram voltar para Santa Catarina?

Salim – Teve dois fatos. Depois de muitos anos, eu voltei a publicar um livro, *O primeiro gosto*, mas o resultado não foi bem o que eu queria. Depois, mais tarde, quando eu estava de folga na redação, peguei uma lauda e comecei a escrever um conto. Daí eu disse para a Eglê que tinha a impressão de que aquele conto daria a ideia de como eu iria escrever dali em diante e que, se não desse certo, eu iria continuar a minha trajetória como jornalista e desistiria de ser escritor. A foi assim que eu fiz a maioria dos contos de *A morte do tenente e outras mortes*. Na redação. As versões definitivas eu fazia em casa, nos fins de semana. São todas histórias interligadas, tendo Biguaçu como cenário. O livro saiu em 1979 e foi considerado um dos três mais importantes daquele ano. Para quem estava pensando em desistir, isso foi consagrador. Resolvi que seguiria, então, como ficcionista, mas levei mais cinco anos, até 1984, para lançar um outro livro, que foi *A voz submersa*, sobre os acontecimentos após a morte do estudante Edson Luís, como a passeata dos cem mil, que eu testemunhei. Nesta época, o Rio estava se tornando muito violento, e nós tínhamos o desejo de voltar. A Agência Nacional, cuja sede era no Rio, estava sendo mudada para Brasília. E como eu nunca me dei bem com Brasília, resolvemos voltar. Voltamos em 1979, está fazendo 30 anos. Da Agência Nacional, logo depois, eu fui colocado à disposição da UFSC. Trabalhei na Agecom, com o Sardá (Laudelino José) e depois na Editora da UFSC, até me aposentar.

diario.com.br

➤ Ouça a entrevista com Salim Miguel na íntegra em
www.diario.com.br/edicaoodiaria

E para finalizar a entrevista com Salim Miguel desta série sobre os escritores catarinenses, segue um breve questionário sobre suas preferências literárias:

DC Cultura – Qual seu livro inesquecível?

Salim Miguel – São dois: *Dom Quixote*, de Cervantes, e *As mil e uma noites*.

DC Cultura – Qual seu trecho inesquecível?

Salim – “Como é que isso vive em tua memória? O que vê mais, no escuro do passado e no abismo do tempo? Se consegues lembrar-te de algo acontecido antes, também podes lembrar-te de como para cá vieste”, de Shakespeare.

DC Cultura – Qual o livro que mais o perturbou?

Salim – *Ulisses*, de James Joyce, lido quando eu tinha 24 anos de idade.

DC Cultura – Qual livro que gostaria de ter escrito?

Salim – *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, ou *A consciência de Zeno*, de Italo Svevo.

DC Cultura – Qual personagem que gostaria de ter criado?

Salim – Hans Castorp, de *A montanha mágica*, de Thomas Mann.

DC Cultura – Qual o maior livro da literatura brasileira?

Salim – *Dom Casimiro*, de Machado de Assis.

DC Cultura – Qual o maior escritor da literatura brasileira?

Salim – Machado de Assis, seguido de Lima Barreto e Graciliano Ramos.

DC Cultura – Qual o livro que você mais relê?

Salim – Entre outros, os desses autores citados acima.

DC Cultura – Qual o livro mais superestimado que você conhece?

Salim – *Orlando*, de Virginia Woolf.

DC Cultura – Qual o livro mais subestimado que você conhece?

Salim – *Os sete mistérios da casa queimada*, do nosso Guido Wilmar Sassi.

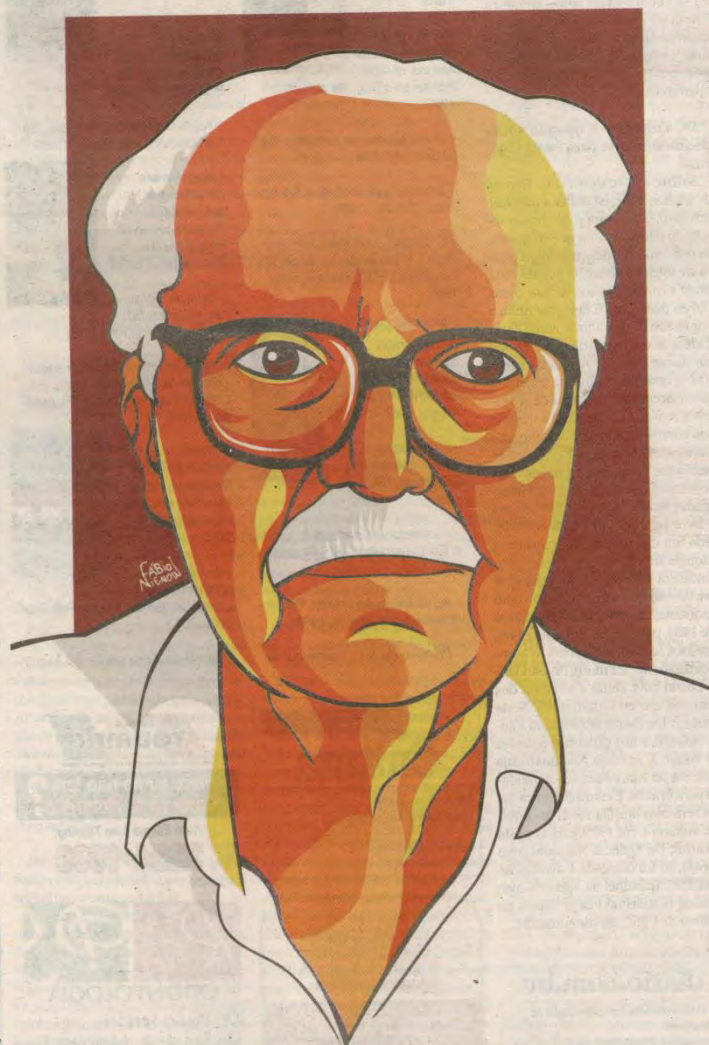
DC Cultura – Qual livro merece ser adaptado para o cinema?

Salim – Difícil de responder, um mau livro pode dar um excelente filme, e um excelente livro, um péssimo filme; são dois diferentes meios de expressão.

DC Cultura – Qual livro foi adaptado para o cinema e o resultado foi frustrante?

Salim – *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Livro de cabeceira



DC Cultura – Qual livro que você daria de presente?

Salim – Depende da pessoa. Para Eglê, os poemas de Florbela Espanca.

DC Cultura – Qual o livro que você gostaria de ganhar?

Salim – Arriscaria um inédito de Fernando Pessoa, aí incluídos seus heterônimos.

DC Cultura – Qual o livro que você procura e nunca encontrou?

Salim – Um policial de agora, com a categoria de um Hammet ou Chandler.

DC Cultura – Qual deve ser o maior mérito de um escritor?

Salim – Compromisso com a vida e olhos atentos para seu tempo, tão complexo e tão injusto.

DC Cultura – Cite um grande livro de um grande escritor.

Salim – É maldade perguntar isso, cito e logo me questiono, por que não outro? *O vermelho e o negro*, de Stendhal; *Crime e castigo*, de Dostoiévski; e onde ficam os contos de Tchekov e *Os ratos*, de Dyonélio Machado? Por que não Cruz e Sousa, Carlos Drummond de Andrade ou Federico Garcia Lorca? Ah, sim, quais retirar para incluir *O castelo*, de Franz Kafka, e *Sobre heróis e tumbas*, de Ernesto Sábato?

DC Cultura – Cite um grande livro de um autor pouco conhecido.

Salim – *Berlin-Alexanderplatz*, de Alfred Döblin (pelo menos entre nós).

DC Cultura – Cite um livro do qual você esperava gostar e que o decepcionou.

Salim – *Um homem sem qualidades*, de Robert Musil.

DC Cultura – Cite um livro do qual você não esperava nada e o surpreendeu.

Salim – *Conação, solitário caçador*, de Carson McCullers.

041: SOU um jornalista que escreve ficção

SOU um jornalista que escreve ficção. **Jornal Papel**. Santa Catarina, n. 54, ago-set., 2009, pag. 7.



Salim Miguel: "a redação transformou-se num silêncio sepulcral"

“Sou um jornalista que escreve ficção”

Biguaçuense-manezinho fundou SJSC

Um dos fundadores do Sindicato, o jornalista e escritor Salim Miguel, 85 anos, nascido no Libano e autor de 30 livros, recebeu em julho o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de suas obras. Hoje em dia, mais conhecido como escritor após afastar-se das redações de jornais, o biguaçuense-manezinho, sempre que indagado o porquê de não concorrer à ABL responde que seu único interesse em participar de alguma entidade como associado é o Sindicato dos Jornalistas, “que é o sindicato da minha categoria”. “Sou um jornalista que escreve ficção, resolvi viver do jornalismo e fazer ficção”.

Salim Miguel que em 1951 teve seu primeiro contrato de trabalho como jornalista profissional no Diário da Manhã de Florianópolis, ficou estarelecido com a recente decisão do Supremo Tribunal Federal de derrubar o diploma em jornalismo. Para ele, mais graves ainda foram os argumentos do relator e presidente do STF, Gilmar Mendes, ao comparar o jornalista com cozinheiro e citar Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes, frisando “que nunca foram jornalistas e sim colunistas”. Acrescenta que a argumentação de Mendes demonstrou um desconhecimento jurídico sobre a profissão, “de quem se espera alto grau de conhecimento pela posição ocupada no Supremo”.

O jornalista credita aos grandes conglomerados da imprensa a pressão para que o STF julgasse da forma que julgou, prevendo que essa decisão contribua para a redução dos salários da categoria, “que já são baixos”, e dos direitos trabalhistas. Salim, que começou como copidesque – “que nem existe mais” – salienta ele, lembra que as redações eram formadas por verdadeiras equipes de trabalho e que hoje tudo mudou. “A redação transformou-se num silêncio sepulcral, um profissional faz o trabalho de uma equipe e os colegas não saem mais para beber um chope”.

Ao lembrar dos quase 40 anos como trabalhador da escrita em jornais e revistas, Salim observa que desde criança sonhava em ser jornalista e ficcionista e que o jornalismo, até hoje, faz parte da sua vida. Tanto que costuma dizer que tem contos e textos sobre livros na imprensa nacional, de Norte a Sul, do Oiapoque ao Chuí. Acrescenta que o jornalismo lhe ensinou a ter uma visão maior das coisas, a escrever com mais rapidez e saber o que é o essencial em um texto.

042: JORNAL importante na imprensa

JORNAL importante na imprensa. **Jornal Papel**. Santa Catarina, n.54, ago-set., 2009, pag. 8.



043: MEU filho, se tu não...

ESPINDOLA, Marcos. MEU filho, se tu não...**Diário Catarinense**. Florianópolis, 16/jul., 2009, pag. 8.
Coluna Marcos Espindola-Contracapa



044: HOMENAGEM a Salim Miguel

HOMENAGEM a Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 24/jul., 2009, pag. 30. Geral.



045: Obras para serem vistas

IENSEN, Jacqueline. Obras para serem vistas. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 3/ago., 2009, pag. 7. Variedades/audiovisual.

Obras para serem vistas

Série *Letras Catarinenses* reúne em DVD a vida de escritores do Estado

JACQUELINE IENSEN

Nos próximos meses, o diretor Chico Pereira tem uma árdua missão: apresentar a vida e a obra dos escritores Salim Miguel, Silveira de Souza, Júlio de Queiroz, Francisco José Pereira e Flávio José Cardozo, em audiovisual.

Tudo numa linguagem atraente para despertar nos estudantes das escolas catarinenses o interesse pela literatura produzida no Estado. A série *Letras Catarinenses*, uma iniciativa da Academia Catarinense de Letras (ACL), será constituída por cinco programas de 30 minutos que chegarão às escolas e às bibliotecas em formato DVD.

O projeto foi viabilizado pelo Funcultural que investiu R\$ 100 mil na produção dos cinco programas. As gravações começam nos próximos dias. Esta é a primeira fase do projeto da ACL que prevê documentar a vida e a obra de 30 escritores.

Cada DVD é uma grande entrevista que vai mostrar o escritor como uma pessoa comum, sua vida, seu trabalho que exige uma grande formação literária, como surge uma obra. Tudo para fazer com que o leitor conheça e se motive para a leitura de livros – observa Lauro Junkes, presidente da Academia Catarinense de Letras.

Para o diretor Chico Pereira, da Conceito Comunicação e Ideias, produtora parceira da ACL neste projeto, tratam-se de documentários com formato moderno e envolvente, que permitam a ampla difusão da literatura catarinense.

Ficha técnica

Letras Catarinenses é produzido por Chico Pereira, realizador e produtor de documentários para SescTV (canal a cabo, NET São Paulo) e diretor de programas de TV. Há sete anos em Florianópolis, é também diretor e roteirista de três documentários do programa *Santa Catarina em Cena* da RBS TV em 2006 e 2007, *Dirigiu Martinho de Haro*, a *Cidade Reinventada* (2007) e *Cruz e Sousa, o poeta simbolista do Brasil* (2008). Neste mesmo ano ganhou o concurso DOC-TV IV, do Ministério da Cultura e realizou o documentário *Audácia*. Atualmente é codiretor do programa *Curtadoc* (Sesc TV nacional), um programa dedicado a produção de curtas-metragens e também prepara a série *Terra de Faróis* para o *Santa Catarina em Cena* 2009.

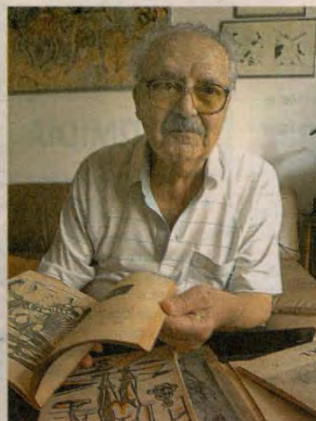
tura catarinense.

O trabalho foi idealizado para subsidiar o estudo, a apreciação e o estímulo à leitura da produção literária realizada em Santa Catarina, a serviço de escolas e pessoas interessadas em nossa literatura – conta.

Chico destaca ainda que autores consagrados, clássicos e contemporâneos, serão desvendados por meio de uma linguagem apoiada em roteiros atraentes, instigantes e reveladores.

Haverá ainda um cruzamento da análise crítica com a revelação da vida e da obra dos homens de letras do nosso Estado, seus ideários e relevância para a arte da escrita – diz o diretor.

jacqueline.iensen@diario.com.br



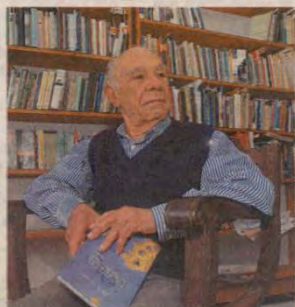
Salim Miguel



Silveira de Souza



Francisco José Pereira



Júlio de Queiroz



Flávio José Cardozo

**NOTAS SOBRE
LITERATURA
CATARINENSE**

O Salim de Biguaçu

VIEGAS FERNANDES DA COSTA
Editor do Sarau Eletrônico (www.bc.furb.br/saraueltronico), da Biblioteca da Furb

DARLAN JEVAER SCHMITT/SARAU ELETRÔNICO

Muito já se debateu sobre a existência – ou não – de uma literatura catarinense. Há quem prefira falar de uma literatura feita em Santa Catarina, há quem prefira negá-la, defendendo sua inclusão no contexto da literatura brasileira. Afinal, não nos soa comum o termo “literatura paulista” ou “literatura carioca”, por exemplo. Então, por que esta necessidade de classificarmos a produção dos autores nascidos ou radicados em Santa Catarina como algo diferente daquilo que se pratica nacionalmente? De nossa parte, agrado-nos falar de uma literatura produzida a partir de Santa Catarina mas que se impõe, acima de tudo, enquanto Literatura. Porque, para o texto que se pretende literário, não há fronteiras geográficas; o desafio é, sempre, o de transformar em “universal” o “particular”, e vice-versa.

A introdução se justifica para explicarmos o que pretendemos neste espaço: discutir e apresentar livros e autores que falam a partir de Santa Catarina, ou porque nasceram neste estado, ou porque neste se radicaram. Assim, esperamos contribuir na desmistificação da tese de que não existe qualidade ou relevância naquilo que escrevem e publicam os autores catarinenses. Há muita coisa ruim, é verdade, mas também é verdade que há muita coisa boa, livros que nada deixam a desejar à Literatura (esta mesma, com L maiúsculo), como é o caso do romance “Nur na Escuridão”, de Salim Miguel.

RECONHECIMENTO

Nascido no Líbano em 1924, Salim Miguel chegou ao Brasil ainda criança. Depois de viver sua adolescência no município catarinense de Biguaçu, mudou-se para Florianópolis onde, nas décadas de 1940 e 50, integrou o movimento modernista nas artes catarinenses: o Grupo Sul – sobre o significado deste Grupo para a história das artes e da literatura, precisaremos de um capítulo à parte. Juntamente com sua esposa, a também escritora Eglê Malheiros, Salim escreveu o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense, o filme “O Preço da Ilusão”. Em 1965, depois de ser preso pelo Regime Militar (experiência que conta no livro “Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia”), mudou-se para o Rio de Janeiro, onde editou a revista Ficção e trabalhou para a Editora Bloch. Retornou para Santa Catarina em 1979. Jornalista renomado com passagem por diversos jornais e revistas nacionais, dentre as quais está a extinta Manchete, Salim Miguel dirigiu também a editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Cultural Franklin Cascaes. É autor com mais de 30 livros publicados, entre contos, crônicas, romances, depoimentos e



Em “Nur na Escuridão”, Salim Miguel narra as dificuldades de uma família de imigrantes libaneses no Brasil

impressões de leitura, dos quais se destacam: “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, “A Voz Submersa”, “Nur na Escuridão”, “A Vida Breve de Sezefredo das Neves, poeta” (indicado para o Prêmio Jabuti), “Mare Nostrum” e “Jornada com Rupert”. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela UFSC e foi reconhecido como intelectual do ano pela União Brasileira dos Escritores e Folha de São Paulo, recebendo o Troféu Juca Pato. Recentemente, recebeu o prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra, reconhecimento máximo conferido pela Academia Brasileira de Letras.

Diffícil indicar apenas um livro de Salim Miguel, cuja obra variada e consistente explora diferentes gêneros e, em alguns momentos, ousa o experimentalismo, como no caso da novela “As Confissões Prematuras”. Entretanto, queremos sugerir aqui a leitura do romance “Nur na Escuridão”, cuja primeira edição veio à luz em 2004.

Em “Nur na Escuridão” (Nur, em árabe, significa luz), Salim conta a história de uma família de imigrantes árabes que emigra para o Brasil, na década de 1920, e depois se instala definitivamente em Santa Catarina. Elementos autobiográficos do autor se misturam à ficção, aspecto recorrente em suas obras, o que confere a este romance um grande nível de dramaticidade e humanidade. Logo no primeiro capítulo somos apresentados à angústia de um pai de família libanês que desembarca com toda sua família e pertences no porto do Rio de Janeiro, sem conhecer uma palavra de português ou qualquer outro idioma que não fosse o árabe, desprovido de informações sobre o Brasil e, no bolso, apenas um papel com o endereço incorreto de um parente seu. O torvelinho de pessoas, a barreira da língua e da cultura, os filhos, esposa e pertences espalhados na calçada e a indefinição de um destino, dão a idéia das dificuldades que estes personagens enfrentarão na construção de suas histórias em terras catarinenses.

Ao abordar literariamente a imigração libanesa, Salim Miguel, contribui com o aprofundamento do debate acerca da constituição deste povo miscigenado, dá um caráter de novidade a uma literatura que sempre teve nos elementos germânico, açoriano e italiano sua principal matéria-prima e dialoga inteligentemente com a história brasileira.

Vale a pena ler “Nur na Escuridão”, um clássico nascido das mãos e da criatividade deste líbano-biguaçuense.

047: Talento premiado

SARDÁ, Laudelino José. Talento premiado. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23/jul., 2009, pag.10. Editoriais.

Talento premiado

LAUDELINO JOSÉ SARDÁ *

Outubro de 1979 iniciava-se com o prenúncio de que a primavera anteciparia os dias quentes de verão. Já passava das 19h e a edição do jornal começava a ser fechada, quando o telex avisou, em duas linhas, que Odysséas Elýtis acabara de ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. “Quem é esse cara?” Não havia internet e as fontes de consulta seriam as bibliotecas e acervos particulares. A agência de notícias Associated Press prometeu a matéria somente para depois das 23h. Liguei para o colunista literário Salim Miguel, que não esperou que eu completasse a informação: “Esse cara é um poeta grego e tem um bom livro intitulado *Papéis Abertos*. É o segundo grego na história do Nobel de Literatura”. Respirei aliviado. O antigo *O Estado* e o *Jornal do Brasil* foram os únicos jornais do país a publicarem referências sobre o vencedor do Nobel.

O mais premiado escritor de Santa Catarina, autor de 30 obras, tem um currículo ainda mais

expressivo. Salim Miguel é uma enciclopédia literária, jornalista de visão social e um irrequeto construtor de ideias. Na UFSC, estruturou a editora, promoveu eventos nacionais de literatura, e, na Fundação Franklin Cascaes, notabilizou-se pela valorização da cultura da cidade. Vive na simplicidade drummoniana, cultivando a leitura, surpreendendo com romances cativantes, ao lado da talentosa esposa, a escritora e tradutora Eglê Malheiros.

Hoje, quinta-feira, Miguel recebe o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, depois de alcançar outros prêmios, como o troféu Juca Pato. Miguel, que depois do sucesso de *Nur na Escuridão* voltou a surpreender com o brilhante romance *Jornada com Rupert*, é um ficcionista talentoso que transita com perfeição no conto, crônica, crítica e romance. A sua contribuição à cultura de Santa Catarina iniciou-se com o movimento modernista do Grupo Sul e não tem data para terminar.

* *Jornalista e professor*

048: PRISÃO logo após o golpe

PRISÃO logo após o golpe. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 22 e 23/ago.,2009, pag. 11. Política.

Prisão logo após o golpe

Para os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros, os anos vividos durante o regime de exceção ainda estão bem vivos na memória. Na época, Eglê era professora do Instituto Estadual de Educação e Salim, então assessor de imprensa do governador do Estado, Celso Ramos, e chefe do escritório da Agência Nacional, um órgão de divulgação de notícias e ações do governo federal.

Salim Miguel foi preso dois dias depois do golpe, enquanto tomava um café no Ponto Chic. Eglê foi presa cinco dias depois e levada para o Hospital da Polícia Militar Lara Ribas, em Florianópolis, onde permaneceu por uma semana. "Houve muita revolta, pois deixamos quatro crianças pequenas em casa, então ela foi liberada para cumprir prisão domiciliar", lembra Salim.

Eglê Malheiros conta que, na época, todos eram tachados de subversivos e dizia-se que estavam sendo detidos para averiguação. Com a libertação de Salim Miguel, o casal mudou-se para o Rio de Janeiro e só em 1979, com a anistia, pôde voltar a Florianópolis. Para Eglê, a Lei da Anistia teve sua importância histórica, mas acredita que só haverá realmente uma anistia quando todos os arquivos da ditadura forem abertos para a sociedade.



Casal. Chamados de subversivos, Salim e Eglê deixaram Florianópolis

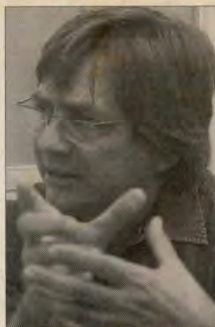
Incerteza sem um corpo

A perseguição dos militares aos "subversivos" não atingia somente os que lutavam contra o regime, mas também toda sua família. O arquiteto Luiz Roberto Mayr, aos dez anos, teve que aprender a conviver com telefones grampeados e policiais invadindo sua casa. Tudo porque seu irmão Frederico Mayr era militante do Movimento de Libertação Popular. Frederico foi preso em 1972, em São Paulo, e segundo relatos, foi torturado até a morte.

Luiz Roberto conta que a família morava no Rio de Janeiro e, por questões de segurança, ficava anos

sem notícias. A primeira informação sobre a morte veio apenas em 1975. Para Luiz Roberto, o pior é viver na incerteza, sem saber se a pessoa está viva ou morta. "Isso afetava a família em todos aspectos, desde os mais simples como mudar de casa, sempre pensávamos: se mudarmos, como o Frederico nos encontrará?"

Com a anistia, Luiz Roberto enviou uma carta ao Ministério da Justiça pedindo informações sobre o paradeiro do irmão. Uma investigação foi aberta e em 1982. A ossada só foi localizada em 1992. "Muitas famílias não puderam enterrar seus mortos".



Mayr. Perda do irmão Frederico

Andrino foi preso no Congresso da UNE

O hoje deputado estadual Edison Andrino (PMDB) também estava entre os 14 estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina presos no Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna (SP), em 1968.

Funcionário do Departamento Nacional de Endemias Rurais, foi sumariamente demitido. "Vivíamos um clima de terror, enfrentávamos uma repressão violenta e não sabíamos se voltaríamos vivos de lá", lembra o deputado e ex-prefeito.

De volta a Florianópolis, sem emprego, Andrino recebeu a ajuda

de um vizinho, o que lhe permitiu abrir um posto de combustíveis na Lagoa da Conceição. "Mas todas as vezes que alguma figura do comando militar vinha a Florianópolis, éramos detidos para evitar qualquer manifestação", conta.

Na época, Andrino era filiado ao MDB e, em 1966, já havia disputado uma eleição para vereador. "O partido foi criado como fachada para o exterior de que havia uma democracia no Brasil. Mas sempre digo que o MDB foi criado para não dar certo". Andrino nunca trocou de sigla.

Ainda assim, o partido acabou

se tornando uma trincheira de todos aqueles que não concordavam com a ditadura e foi se fortalecendo sob a liderança de nomes como Ulysses Guimarães e Tancredo Neves.

"Sempre que um figurão do regime vinha a Florianópolis, nós éramos detidos."

Edison Andrino, deputado estadual pelo PMDB

Paulo Stuart Wright, ícone

Considerado um dos símbolos da luta contra a ditadura no Estado, Paulo Stuart Wright foi homenageado este ano pela Caravana da Anistia e hoje dá nome a um monumento, localizado na Praça Tancredo Neves, em memória aos dez catarinenses mortos na luta contra o regime militar. Com uma vida marcada pela defesa dos direitos humanos, fez doutorado em Sociologia e foi ativista do movimento

operário. Foi secretário municipal, candidato a prefeito e eleito deputado estadual pelo PTB, cassado após 64 sob a alegação de "falta de decoro parlamentar" por se recusar a usar gravata. Depois de um ano de exílio no México, voltou clandestinamente ao Brasil e integrou-se à Ação Popular (AP). Em 1973 foi preso e levado para o DOI-Codi de São Paulo, onde morreu após tortura. Seu corpo nunca foi localizado.



Wright. Vida de luta

OS HERÓIS Os catarinenses mortos e desaparecidos durante a ditadura militar

- | | |
|--|--|
| Amo Preis – advogado de Forquilha, assassinado em Tocantins. | João Batista Rita – universitário de Criciúma, desaparecido no Rio de Janeiro. |
| Divo Fernandes d'Oliveira – marinho de Tubarão – desaparecido no Rio de Janeiro. | Luiz Eurico Tejada Lijebca – estudante de Porto União, assassinado em São Paulo. |
| Frederico Eduardo Mayr – universitário de Timbó, assassinado em São Paulo. | Paulo Stuart Wright – deputado estadual de Joazeiro, desaparecido em São Paulo. |
| Hamilton Fernando Cunha – gráfico de Florianópolis, assassinado em São Paulo. | Rui Plutzenreuter – jornalista de Orleans, assassinado em São Paulo. |
| Higino João Pio – prefeito de Balneário Camboriú, morto em Florianópolis. | Wánilo José de Matos – policial militar de Florianópolis, morto no Chile. |

CRONOLOGIA Principais fatos dos 21 anos de ditadura

- | | |
|--|--|
| 31/03/1964 – os militares depõem o presidente João Goulart e o general Castelo Branco assume o poder. | 15/03/1979 – O general João Batista Figueiredo assume a Presidência. |
| 27/10/1964 – Congresso extingue a UNE. | 28/06/1979 – É assinada a Lei da Anistia. |
| 1965 – Os partidos políticos são dissolvidos e adota-se o bipartidarismo: Arena e MDB. | 21/11/1979 – Congresso aprova emenda que extingue a Arena e o MDB. |
| 1966 – o AI-3 institui eleições indiretas a governador e a nomeação de prefeitos. | 1980 – Aprovada a criação de partidos políticos. |
| 13/12/1968 – o AI-5 (Ato Institucional) marca a "linha dura" do regime militar. É decretado recesso do Congresso, das assembleias legislativas e câmaras de vereadores. São suspensos os direitos políticos e o habeas corpus. | 13/11/1980 – Congresso restabelece as eleições diretas para governador e o fim dos senadores biônicos. |
| 31/12/1978 – O presidente Ernesto Geisel revoga o AI 5. | 1984 – Campanha pelas Diretas Já. |
| | 15/01/1985 – No Colégio Eleitoral, Tancredo Neves vence Paulo Maluf em uma eleição indireta que marca o fim do regime militar. |



Resistência. Protesto contra o horário eleitoral no Calçadão, nos anos 80

PASTERNAK, Dariene. Célebre videoteca. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 3/ago., 2009, pag.9. Caderno Plural.

Célebre videoteca

DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasodia.com.br

Glauber Rocha (1939-1981) dizia que moderno era a literatura e o videoteipe. Se estivesse vivo, é claro, retiraria o videoteipe, devido às muitas novas tecnologias, mas manteria a literatura neste mesmo patamar. Isso porque defendia que só sabe produzir, quem lê. Não é por acaso que outro cineasta, manezinho Chico Pereira, encontra nesta antológica frase uma forte justificativa para o projeto "Letras Catarinenses", uma série de documentários em DVDs sobre os escritores do Estado que irá fazer em conjunto com a Academia Catarinense de Letras (ACL).

A coleção tem o objetivo didático, de ser uma ferramenta dentro das escolas, para estimular a leitura, a apreciação e divulgar a produção dos autores do Estado. No primeiro momento, com projeto já aprovado no Comitê Gestor do Fundo Estadual de Incentivo à Cultura (Funcultural), produzirá cinco audiovisuais, de 30 minutos cada, com Salim Miguel, Silveira de Souza, Júlio de Queiroz, Francisco José Pereira e Flávio José Cardoso. Porém a idéia é abranger 30 nomes.

"É um projeto focado em cima de um público específico porque temos uma geração que é acostumada a ler resumos de obras e que não lê nem por prazer e nem por obrigação. Até hoje não surgiu nada que supra o que a literatura pode fazer por uma pessoa", constata Chico. Ou-

tro objetivo é enaltecer os autores, que às vezes são pouco conhecidos pelos catarinenses, e compreendê-los de outras maneiras. "O Salim, por exemplo, acaba de ganhar um prêmio importantíssimo (da Associação Brasileira de Letras) e tem pessoas que não têm noção disso. Muitos estudantes só conhecem os autores quando o livro está na lista do vestibular", considera Chico, complementando que até estante dedicada às obras catarinenses nas livrarias costuma ser tímida.

"Às vezes o escritor aparece meio como um fantasma, que escreve não se sabe de onde. No documentário ele estará ao vivo, falando sobre a sua produção, a sua vida, com a manifestação de outros críticos e leitores sobre o que ele produziu", complementa Lauro Junckes, presidente da ACL.

A linguagem será dinâmica partindo de uma entrevista do autor falando sobre diversos temas e seus livros, intercalando com opiniões de outros autores e leitores. "Será um documentário gostoso de ver para saber a vida de alguém e se interessar a ler", diz o cineasta. A idéia original do projeto é de Chico, que é realizador e produtor mas foi abraçada pela ACL. Os primeiros cinco audiovisuais da série estão em fase de pesquisa, com os roteiros sendo finalizados, e assim que os recursos forem liberados iniciará a produção.

MEMÓRIA
Linguagem dinâmica, projeto quer valorizar 30 autores catarinenses



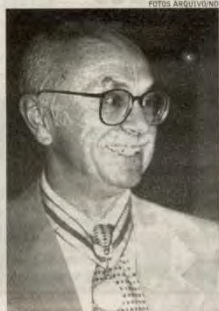
Em ação. Documentarista Chico Pereira volta ao set para destacar os principais escritores da cena catarinense



Cronista. Flávio José Cardozo está incluído na lista



Letras. Salim Miguel, representação do Grupo Sul



FOCO	Os cinco primeiros
☑	Salim Miguel
☑	Silveira de Souza
☑	Júlio de Queiroz
☑	Francisco José Pereira
☑	Flávio José Cardozo

"Às vezes, o escritor aparece meio como um fantasma."

Lauro Junckes, da ACL

"Promessas de Amor". Depois de dois anos, o fim

Dois anos e 589 capítulos depois, a trilogia dos mutantes, assinada por Tiago Santiago, chega ao fim na Record. E, no último capítulo da novela "Promessas de Amor", finalmente será revelada a identidade do assassino misterioso.

Segundo Renata Domínguez, que interpreta a protagonista Sofia,

nem mesmo o elenco sabe quem ele é. "Estamos fazendo um bolão", diz a atriz, que poderá, em breve, estrear nos cinemas.

Renata aposta que um personagem de "Caminhos do Coração" ou "Mutantes" seja o assassino. O diretor Alexandre Avancini também faz mistério, mas diz que o assassino

pode ser, sim, alguém das temporadas anteriores. O último capítulo terá muitos efeitos especiais, uma das marcas da trama. "Vão acontecer os embates entre os mutantes do bem e os do mal e sequências de lutas", adianta. Como todo final de novela, terá casamentos, romances e nascimentos de bebês.

050: ENCONTRO com Salim

ENCONTRO com Salim. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 2/ago., 2009, pag. 2. Caderno Plural.

Encontro com Salim

O escritor Salim Miguel participa hoje de uma conversa literária, na Livraria Livros & Livros, do Centro da Capital. Ele também autografa "Melhores Contos", sua mais recente obra, que teve um lançamento informal durante a entrega do prêmio Machado de Assis por conjunto da obra, um dos mais importantes do país, concedido ao autor neste ano pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

Crítico e incentivador da produção cultural, Salim falará sobre a sua produção e outros assuntos de interesse do público. "Um deles é a literatura dentro dos projetos do governo federal, como a proposta do Ministério da Cultura de implantar uma biblioteca em todos os municípios brasileiros", antecipa.

A obra "Melhores Contos" reúne 15 narrativas publicadas entre 1951 e 1997. A coletânea foi organizada pela professora de literatura da Universidade de Brasília (UnB), Regina Dalcastagné, que também fez o ensaio introdutório. O livro estava previsto para ser lançado até o final

do ano, mas por conta do prêmio da ABL foi antecipado para coincidir com a entrega da homenagem. A coleção "Melhores Contos" possui mais de 50 títulos de contistas brasileiros e a seleção do autor e do organizador é da editora. Salim aprovou as narrativas incluídas pela professora da UnB. "Foi baseada em uma escolha crítica, mas também pessoal. São certamente os contos que mais a tocaram. Eu incluiria mais uns três, mas acho que a editora tem um limite e meus contos são longos, entre sete e oito páginas", considera.

SERVIÇO

- ❖ **O quê:** Bate-papo com Salim Miguel
- ❖ **Quando:** 20/8, 18h às 20h
- ❖ **Onde:** Livraria Livros & Livros, rua Jerônimo Coelho, 215, Centro, Florianópolis, tel: 3028-6244
- ❖ **Quanto:** Gratuito

"Melhores Contos" (Global Editora), Salim Miguel, seleção de Regina Dalcastagné, R\$ 34



Destaque. Escritor Salim Miguel, autor de uma vasta obra, em sua biblioteca

051: Uma vida dedicada às palavras

KAPPER, Letícia. Uma vida dedicada às palavras. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 18 e 19/jul.,2009, pag. 8. Caderno Plural.

Literatura.

ELETRÔNICA 1.
O grupo belga Technotronic se apresenta neste sábado, no Pacha Floripa, na Capital. Os DJs André Neto e Henrique Fernandes abrem a noite. Tel.: 3282-2054

ELETRÔNICA 2.
Precusores da dance e house music no final dos anos 1980 e 1990, é do grupo os hits "Move This" e "Pump up the Jam".

Reconhecimento.

Salim Miguel recebe o prêmio Machado de Assis, no Rio de Janeiro

Uma vida dedicada às palavras



História. Escritor catarinense que tem o seu nome inscrito na literatura brasileira

LETÍCIA KAPPER
leticia@noticiasodia.com.br

Um lugar na Academia

Sobre fazer parte da Academia Brasileira de Letras, ele diz: "Não tenho a menor vocação para participar de qualquer tipo de associação, por mais importante que ela seja, como a academia. A não ser o Sindicato dos Jornalistas, que é o sindicato da minha categoria, eu não sou sócio de clubes, associações."

A marca ele deixa como homenagem, que também terá um livro lançado na ocasião com contos de Salim, publicados entre 1951 e 1997. "Melhores Contos Salim Miguel" (Global Editora) foi organizado pela professora Regina Dalcastagné, da Universidade de Brasília.

Na obra, cada um dos 15 contos é acompanhado de um breve

comentário. Para Regina, a fluidez, o tom poético e a plasticidade são características importantes do texto de Salim, assim como a capacidade de abarcar em suas ficções personagens de todos os naipes.

TRAJETÓRIA

- Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, e chegou ao Brasil com 3 anos.
- Em 1964, foi exilado. Ao retornar para o Brasil, foi morar no Rio de Janeiro, onde ficou por 15 anos e atuou como jornalista e escritor.
- Entre os prêmios recebidos estão o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura em 1999, com o romance "Nur na Escuridão", o da União Brasileira de Escritores, como O Escritor do Ano, e o Intelectual do Ano - Troféu Juca Pato, ambos em 2002.

De terno e gravata pela terceira vez desde 2005. A ocasião só pode ser para lá de especial para o escritor Salim Miguel, 85 anos, nascido no Líbano. É ele quem receberá o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo conjunto de suas obras na próxima quinta-feira, dia 23, no Rio de Janeiro.

O escritor com formação em jornalismo escreveu 30 livros, entre eles, o premiado "Nur na Escuridão", e hoje revive sensações de sua infância. O primeiro escritor e até hoje eu sei de cor o primeiro quarteto desse soneto", conta.

Além disso, Salim Miguel, que há cinco anos não consegue mais ler e conta com o auxílio de sua mulher Eglê Malheiros - também escritora - e de um de seus netos, começou suas rotinas de leitura lendo para um senhor cego, dono de um sebo de Bangu, onde viveu a adolescência.

Diante da deficiência, o escritor mantém-se tranquilo e alegre, e conta com a união da família, com os bons amigos e com a música, que hoje faz parte de sua rotina. Para ir ao Rio de Janeiro, terá a companhia de Eglê e encontrará quatro de seus cinco filhos, noras e netos para receber o prêmio

"Ninguém se inscreve, ninguém fica sabendo. Só quando é escolhido."

Salim Miguel, escritor

que, segundo ele, é "o reconhecimento de uma vida dedicada à palavra, ao ler e ao escrever". Unidos sempre, na hora do discurso não poderia ser diferente. Um texto de oito minutos sobre a importância do prêmio e seu processo criativo será lido por sua mulher.

Emocionado, não esconde o orgulho de estar na companhia de nomes de importantes da literatura brasileira e, dono de uma memória invejável, cita Antonio Cândido (1918-2005), Autran Dourado, Ferreira Gullar, Fausto Cunha (1923-04) e Fernando Sabino (1923-04), entre outros.

O processo de escolha é secreto. "Ninguém se inscreve, ninguém fica sabendo. Só quando é escolhido", diz Salim, relatando que a notícia, recebida com emoção, veio numa quinta-feira, por volta das 18h. "O assessor disse: Parabéns, você acabou de ganhar o prêmio Machado de Assis."

052: Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista

PÓLVORA, Hélio. Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista. **A Tarde**. Salvador, 26/set., 2009, pag. 6.

RESENHA Antologia dos melhores contos do escritor catarinense Salim Miguel traz uma boa seleção feita por Regina Dalcastagné

Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista

HÉLIO PÓLVORA
Escritor

No seu ramo, a prosa de ficção, Salim Miguel é hoje talvez a maior referência em Santa Catarina. Além de escritor, animou o movimento literário na condição de âncora da revista Sul, responsável por uma safra de escritores regionais. Pode ser considerado o arquiteto desse universo em que luzem, entre outros, Guido Wilmar Sassi e Flávio José Cardozo. Inquieto, participativo, fez cinema, como roteirista e diretor, não calou quando era necessário brandir a voz — e assim se mantém, louvado seja.

Doromance *Rede* ao romance *Nur no escuridão* (Record), que é o seu ápice literário, vai um amplo leque. No conto, os textos mais recentes sobre Biguaçu, o seu berço, argamassados na memória, constituem o desejo do fecho do criador amadurecido. Como acontece no romance *Nur*, Salim Miguel pratica o conto com aquela dimensão borgiana, de extensão da vida e da per-

É como se o contista, a postos na parte exposta do iceberg, optasse por descer à parte submersa, no intento de apreender os toques sutis do mistério do ser

visão que se aprofunda ou se verticaliza. Fica em nós a percepção de uma espiral que parte da pintura da realidade com tintas naturalistas para aquela sùmula mais larga, mais pessoal e contraditoriamente mais abrangente do eu profundo. É como se o contista, a postos na parte exposta do iceberg, optasse por descer à parte submersa, no intento de apreender os toques sutis do mistério do ser e expor-se às ciladas das circunstâncias.

Nesta antologia de seus melhores contos, com boa seleção de Regina Dalcastagné, e a rubrica de uma coleção bem dirigida por Edla Van Steen, que distingue o conto como gênero literário de alta vocação brasileira, Salim Miguel está sintetizado.

Releio instantes decisivos: *Ponto de balsa*, *Rinha*, *Pegadas na areia do tempo*, *Outubro 1930*, *Amanhã* e os contos sobre os desencantos e descobertas da velhice, todos eles com uma vibração interior que os diferencia de contos frios, tão comuns na contística atual. Alguns contos recolhidos nesta antologia nos

remetem a Biguaçu, o condado imaginário de Salim Miguel, do mesmo modo que *Água Preta* é a nascente do prosador e poeta sul baiano Jorge Medauar. Quando o contista capta a pungência de Biguaçu a latejar nas suas vivências, ouvem-se vozes interiores, vozes de demônios e anjos, e elas estão sempre a chegar do Líbano, daquele conto dedicado ao pai Yussef, que é *O Gramofone* e está no volume *A morte do tenente e outras mortes*, pormim editado no Rio.

O contista fere cordas diversas, as surdas e as melodiosas claves da inocência e do êxtase e da purgação dos equívocos, e tem razão quem viu em outras peças da sua contística, em especial *Velhice e outros contos*, aquele toque noturno à Edgar Poe. Qual de todos esses estados de ânimo será o tom exato deste contista catarinense, eis uma questão de difícil resposta, pois que nele se sucedem as marés; as coniugações.

As vivências deflagradas na cidade interiorana se espalham em largos círculos concêntricos — o âmbito da experiência do autor. Mas a nota, se porventura autobiográfica, acaba por se dissociar do autor e adquirir dimensão própria. A propósito, lembro-me que Henry James aconselha a não confiar no artista; é preferível confiar no conto por este recriado. Porque, quando se debruça sobre fatos ou impressões que lhe tocaram a sensibilidade exposta, o ficcionista reelabora — e nesse processo ele deixa de ser ele próprio, migra para outro ser e circunstâncias.

MELHORES CONTOS DE SALIM MIGUEL / GLOBAL / 224 p. / R\$ 34.



O escritor, que ganha edição de seus melhores contos

053: FICÇÃO munida de precisão do repórter

FICÇÃO munida de precisão do repórter. **Jornal do Comercio**. Recife, 10/out., 2009, pag. 1. Caderno C.

Ficção munida de precisão do repórter

O romance começa com as palavras formando uma imagem: “O trem corria; comendo dormentes e trilhos, em sua faina constante, porém infatigável, insaciável, num eterno mastigar. Ele olha a paisagem, tão sua conhecida, companheira de viagens infindáveis. Pequenas, porém infindáveis. Reconhece lugares, casas, até mesmo homens que passam e que quase vencem o andar lesmático do trem em certos espaços”. Mas não é o trem que passa, mas a lembrança, eterna invasora do que aparenta ser apenas ficção. Assim acredita e cria o escritor libanês radicado no Brasil, Salim Miguel.

Armado com a alegoria do trem como a memória que parte de nenhum lugar para lugar algum, o autor ergueu seu novo romance, *Jornada com Rupert*, o primeiro em que (usando suas próprias palavras de surpresa) trocou seus turcos e árabes de antes pela história da migração alemã no Brasil. “Em Biguaçu (SC), onde passei a infância, havia uma grande colônia alemã. Fui alfabetizado em árabe e alemão, porque não havia quem ensinasse português”, destaca Salim.

Mas a troca não foi tranquila. A primeira versão do livro começou a ser escrita em 1949. “Escrever é reescrever e rasgar e talvez não mais escrever de novo. Esse livro me acompanhou por Florianópolis, pelo Rio de Janeiro, novamente por Florianópolis. Em 1999, 50 anos transcorridos da terceira versão, Eglê, minha mulher, sem que eu soubesse, pegou o original amarelecido e emen-

dado, levou-o para um escritório de computação, pediu que fosse digitado e lhe tirassem dois disquetes e duas cópias. Dias depois Eglê me dizia: “Vê se te resolves””, lembra Salim, para depois lançar mão de uma de suas expressões favoritas, “maktub”. “Estava escrito”, em árabe.

Sobre o novo livro e sua estreita relação com as palavras (além de escritor, Salim atuou como gráfico, livreiro, editor, crítico literário e jornalista), ele conversa hoje, às 18h, com Ivanildo Sampaio, diretor de redação do JC, no auditório Carlos Pena Filho da Bienal do Livro. “Eu trabalhei com Ivanildo na Revista Manchete durante vários anos. Acho inacreditável como as pessoas não reconhecem o jornalista como escritor. Joel Silveira, por exemplo, escreveu textos importantíssimos, que são clássicos. Na Bienal, vou falar um pouco disso”, adianta Salim.

“No romance os fatos são e não são eles mesmos”, afirma Salim

família ao Brasil. Na verdade, o autor transformou em sua todas as famílias de imigrantes. “A cena inicial do livro, com aquela família chegando ao Brasil, foi exatamente o que aconteceu com os meus pais”, revela. O curioso é o quanto o ancestral *Jornada com Rupert* já trazia os dois elementos que dariam tão certo em *Nur na escuridão*, a memória e o trauma da diáspora.

“Eu fiz uma pesquisa, que não é extensiva e nem tão pouco seletiva, de que praticamente todos os auto-



NA BIENAL Autor fala da sua relação com as palavras hoje, às 18h

res que viveram a experiência da diáspora escreveram sobre isso. Talvez não de forma direta, em muitos casos por subtração... Quando você lê Moacyr Scliar, percebe as raízes judaicas da sua família, mesmo quando ele não está escrevendo sobre esse tema. O mesmo pode ser dito em relação a Clarice Lispector”, defende. “Mesmo que as pessoas deixem o seu país de origem muito cedo, como foi o meu caso, aos três anos, permanecem as raízes ancestrais”.

Da mesma forma como memória e diáspora são constantes em sua obra, Salim diz que sempre escreveu ficção com a precisão de um jornalista que não pode se afastar do acontecido. Um oxímoro que ele parece conviver sem maiores problemas — “Escrever ficção é, para mim, recuperar fatos, retrabalhá-los, eles passam a ser e a não ser eles mesmos”. (S.C.)

054: Revistas literárias da década de 1970 (5)

RUFFATO, Luiz. Revistas literárias da década de 1970 (5). **Rascunho**. Curitiba, n.111, jul., 2009, pag. 14. Lance de dados.

Revistas literárias da década de 1970 (5)

A revista **FICÇÃO** teve 45 números e se destacou por privilegiar a publicação de autores brasileiros

2. FICÇÃO

A revista *Ficção* foi, sem dúvida, "o mais importante centro da produção ficcional" da década de 1970, conforme bem acentuou Miguel Sanches Neto¹. Durante quase quatro anos, de janeiro de 1976 a setembro de 1979, publicou mais de 400 autores nacionais em seus 45 números², a maioria inéditos, alcançando uma tiragem média mensal de 15 mil exemplares, distribuídos em bancas e livrarias. Vários fatores podem explicar o sucesso da empreitada, mas talvez o mais importante deles tenha sido o caráter eminentemente eclético da linha editorial, baseada no critério da qualidade do texto. "Estávamos abertos a todos os que nos procuravam, e, em muitas ocasiões, ajudávamos a rever textos de iniciantes, que precisavam de uma pequena mexida para se tornar muito bons, bons ou razoáveis", conta o casal Salim Miguel (1924) e Eglê Malheiros (1928)³, editores da revista, juntamente com Cícero Sandroni (1935), Laura Sandroni (1934) e Fausto Cunha (1923-2004).

Na verdade, a ideia geral da *Ficção* havia sido ensaiada dez anos antes. Em setembro de 1965, Cícero Sandroni lançava o primeiro número da primeira fase da revista, tendo como "editor literário" Antônio Olinto (1919), e no "conselho consultivo" Austregésilo de Athayde (1898-1993), Elísio Condé, João Guimarães Rosa (1908-1967), Jorge Amado (1912-2001) e Sérgio Milliet (1898-1966) — nomes, já se vê, de orientações estéticas as mais diversas. "Sou revista mensal. Publico novelas e contos de autores nacionais e estrangeiros, antigos e contemporâneos, com predominância de trabalhos inéditos. Meu lema? A

Rodrigues (1912-1980), Adonias Filho (1915-1990) e Sérgio Porto (1923-1968), encontramos os ainda pouco conhecidos José Condé (1917-1971), Macedo Miranda (1920-1975) e Osman Lins (1924-1978), todos lançados ao longo da década de 1950, e Geraldo França de Lima (1914-2003), Ariovaldo Matos (1926-1988) e João Antonio (1937-1996), que acabavam de estrear, além de André Figueiredo (1932), vencedor do primeiro concurso de contos da *Ficção*, marca registrada da revista, que revelaria alguns importantes nomes da literatura brasileira da década de 1970.

Iniciativa retomada

No entanto, aquele não era um bom momento para o surgimento de uma revista que propunha uma reflexão séria a respeito da realidade brasileira. O golpe militar, ocorrido em março de 1964, caminhava para um recrudescimento, que levaria o país a um dos piores períodos de repressão e censura de sua história. Assim, com a edição de apenas dois números, naufragava a experiência da *Ficção*. Seriam necessários mais dez anos para que a iniciativa fosse retomada. Em 1976, embora ainda em plena ditadura, a sociedade iniciava uma tímida, porém obstinada resistência, principalmente por meio de uma imprensa combativa (a chamada "imprensa nanica") e da exposição corajosa dos meios artísticos. A literatura surge, assim, como uma poderosa arma de denúncia social — daí, a quantidade de jornais e revistas dedicados à divulgação do conto e da poesia aparecidos naquele momento.

É neste contexto mais favorável que a ideia da *Ficção* é retomada. É Salim Miguel

facilmente conseguido pois andávamos em plena inflação do conto em todo o País"⁴.

O editorial do primeiro número da segunda fase, de janeiro de 1976, contém todo um programa estético e político, que os editores Salim Miguel e Eglê Malheiros, Cícero e Laura Sandroni e Fausto Cunha mantêm ao longo dos anos com uma impressionante coerência. "*Ficção* não se prenderá a escolas, estilos, ou grupos literários. Ao autor nacional, que está fazendo a ficção dos tempos atuais, escrevendo no idioma de hoje, será reservado o maior espaço da revista. Mas aqui também estarão presentes os bons escritores estrangeiros e os ficcionistas do passado. Seções como resenhas de livros, assinadas pelos melhores críticos, registro, noticiário, correspondência e outras, completam este número da *Ficção*, que veio para ficar"⁵. Figuravam, neste primeiro número, no "conselho editorial consultivo"⁶, André Figueiredo, Hélio Pólvora (1928), Mário Pontes (1932), Muniz Sodré (1942) e Juarez Barroso (1934). Este conselho permanecerá o mesmo até o último número, à exceção de Barroso, que, morto em agosto de 1976⁷, será substituído, a partir do n° 12, de dezembro de 1976, por Valdomiro Santana (1930).

O corpo de correspondentes, que tem início com Caio Porfírio Carneiro (São Paulo), Moacyr Scliar (Porto Alegre), Raul Caldas Filho (Florianópolis), Wander Piroli (Belo Horizonte), Esdras do Nascimento (Brasília, até o n° 18, quando dá lugar a José Roberto Viana), Ricardo Noblat (Recife) e Sônia Nolasco Ferreira (Nova York), paulatinamente é ampliado para abarcar quase todas as capitais brasileiras. Assim, a partir do n° 4 são incorpo-

munerarmos os colaboradores", afirma Salim Miguel. "A revista se sustentava graças aos assinantes, à venda avulsa e aos anúncios de algumas empresas e instituições, que, para falar com franqueza, não esperavam retorno publicitário, mas faziam isso apenas para ajudar a publicação a se manter. Além disso, cada um dos editores entrou com uma importância inicial que nunca foi recuperada"⁸.

P.S. Quando da publicação do artigo *Revistas literárias da década de 1970 (4)*, na edição anterior do **Rascunho**, o livro de Wladyr Náder *A vida é sempre assim*, às vezes ainda era inédito. Agora, acaba de ser lançado pela Arte Escrita, de São Paulo. Fica o registro.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO.

notas

¹ *Ficção - histórias para o prazer da leitura - uma antologia*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007, s/pag.

² Embora a numeração da revista vá de 1 a 45, foram publicados 38 volumes, já que quatro aparecem com numeração dupla (25/26, 29/30, 38/39, 40/41), um com tripla (43/45) e, curiosamente, um simplesmente não existe, o 42. Além disso, foram editados dois volumes extras, dedicados à ficção infanto-juvenil (dezembro de 1977) e aos quadrinhos (janeiro de 1979).

³ Em depoimento ao autor.

⁴ *Ficção - histórias para o prazer da leitura*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas. N° 1, setembro de 1965, p. 1.

⁵ Mesmo a questão do formato, via Sanches

o primeiro número da primeira fase da revista, tendo como "editor literário" Antonio Olinto (1919), e no "conselho consultivo" Austregésilo de Athayde (1898-1993), Elísio Condé, João Guimarães Rosa (1908-1967), Jorge Amado (1912-2001) e Sergio Milliet (1898-1966) — nomes, já se vê, de orientações estéticas as mais diversas. "Sou revista mensal. Publico novelas e contos de autores nacionais e estrangeiros, antigos e contemporâneos, com predominância de trabalhos inéditos. Meu lema? A união de dois caminhos: qualidade e prazer." Desejo divulgar histórias de alta qualidade e quero ser lida pelo prazer da leitura; além disso, pretendo também ler, pois promovo um concurso de contos⁴; este o teor do editorial com que a nova publicação se apresentava ao leitor⁵.

A proposta básica, de privilegiar autores nacionais, conhecidos e inéditos, mesclando-os a autores estrangeiros, clássicos e contemporâneos, seria seguida à risca. Neste primeiro número, talvez até mesmo por razões estratégicas, Sandroni contempla os medalhões da época — Jorge Amado, Antonio Olinto, Erico Verissimo (1905-1975) e José Montello (1917-2006). Mas está no segundo número, publicado em outubro de 1965, o espírito que norteará toda a segunda fase da revista: a aposta incondicional em autores nacionais estranhos ou absolutamente inéditos. Assim, ao lado de Augusto Meyer (1902-1970), Nelson

na ditadura, a sociedade iniciava uma tímida, porém obstinada resistência, principalmente por meio de uma imprensa combativa (a chamada "imprensa nânica") e da exposição corajosa dos meios artísticos. A literatura surge, assim, como uma poderosa arma de denúncia social — daí, a quantidade de jornais e revistas dedicados à divulgação do conto e da poesia aparecidos naquele momento.

É neste contexto mais favorável que a ideia da *Ficção* é retomada. É Salim Miguel quem conta: "a segunda fase da revista começou com uma conversa durante um almoço na revista *Manchete*, onde Cícero [Sandroni] e eu trabalhávamos. Eu lhe disse que estava com um conto para a *Ficção* (da primeira fase), quando fiquei sabendo que a publicação havia sido interrompida. Ele me deu sucintos esclarecimentos e, poucos dias depois, em outro almoço, me disse que ficara pensando: por que não retomávamos a ideia da revista? Retruquei com um 'por que não?' Isso ocorreu em meados de 1975. Logo marcamos uma reunião para a casa de Cícero, convidando também o Fausto Cunha. Ao se encerrar a reunião, estávamos com o projeto da revista mais ou menos definido. Tudo caminhou conforme o combinado, e em janeiro do ano seguinte aparecia o primeiro número, com uma tiragem de 15 mil exemplares, e o propósito de, durante os 12 primeiros números, um ano completo, não repetirmos autor, o que foi

por Valdomiro Santana (1930).

O corpo de correspondentes, que tem início com Caio Porfírio Carneiro (São Paulo), Moacyr Scliar (Porto Alegre), Raul Caldas Filho (Florianópolis), Wander Piroli (Belo Horizonte), Esdras do Nascimento (Brasília, até o n° 18, quando dá lugar a José Roberto Viana), Ricardo Noblat (Recife) e Sônia Nolasco Ferreira (Nova York), paulatinamente é ampliado para abarcar quase todas as capitais brasileiras. Assim, a partir do n° 4 são incorporados Claudio Lacerda (Curitiba), Basileu Pires Leal (Goiânia, até o n° 19, quando o substitui Miguel Jorge), João Ubaldo Ribeiro (Salvador, até o n° 18, e Ruy Espinheira Filho, do n° 25/26 em diante), Luiz Gonzaga Rodrigues (João Pessoa, até o n° 15, e Anco Márcio após o n° 24). No n° 8 entra Francisco Miguel de Moura (Teresina), no n° 11, Antonio Girão Barroso (Fortaleza) e Edson Gomes (Bela Vista - MT), e no n° 14, Rubens Jambo (Maceió). Clodomiro Monteiro (Rio Branco), Antonio Carlos Viana (Aracaju, até o n° 24, quando cede o lugar para Maria Matildes dos Santos) e Fernando Tatagiba (Vitória), passam a colaborar a partir do n° 17, e Marcos (Manaus), do n° 19.

Uma importante inovação feita pela *Ficção* foi o pagamento pelos textos publicados, coisa rara em veículos literários ainda hoje. "Várias vezes nos perguntaram quem estava por trás da revista, pelo fato de re-

45, foram publicados 36 volumes, já que quatro aparecem com numeração dupla (25/26, 29/30, 38/39, 40/41), um com tripla (43/45) e, curiosamente, um simplesmente não existe, o 42. Além disso, foram editados dois volumes extras, dedicados à ficção infanto-juvenil (dezembro de 1977) e aos quadrinhos (janeiro de 1979).

² Em depoimento ao autor.

⁴ *Ficção - histórias para o prazer da leitura*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas. Nº 1, setembro de 1965, p. 1.

⁵ Mesmo a questão do formato, que Sanches Neto reputa como um dos motivos do sucesso da revista junto ao público, já se encontra relativamente resolvida na primeira fase, que usa o tamanho 14 cm por 19 cm - que passa para 14 cm por 21 cm na segunda fase. Assim como a caricatura, que ocupará lugar de destaque na segunda fase, já tem seu espaço garantido nestes dois únicos números da primeira fase, no traço genial de Jaguar.

⁶ Em depoimento ao autor.

⁷ *Ficção - histórias para o prazer da leitura*. Rio de Janeiro: Editora Ficção, Volume II, nº 1, janeiro de 1976, p. 3.

⁸ "O conselho tinha atribuições definidas e nos ajudava quando tínhamos dúvidas a respeito de alguns contos", explica Salim Miguel.

⁹ Sua morte, muito lamentada pelos editores, mereceu comovente registro de Cícero Sandroni (*Ficção - histórias para o prazer da leitura*. Rio de Janeiro: Editora Ficção, Volume II, nº 9, setembro de 1976, p. 87).

¹⁰ Em depoimento ao autor.

BREVE RESENHA O VALOR DA NOTÍCIA

JOSÉ RENATO SALATIEL • SANTOS - SP



O destino do jornal
Lourival Sant'Anna
Record
270 págs

Nos últimos meses não faltaram obituários para os jornais impressos. Em crise provocada pela mudança de hábito dos consumidores — que encontram farta informação, de graça, na internet —, o que fez despencar circulação e renda publicitária, jornais americanos e europeus temem a frase que antes anunciava o "furo" de reportagem: "Parem as máquinas!"

Entre a agonia em praça pública das publicações norte-americanas, das quais nem mesmo o tradicional *New York Times* escapou do prejuízo, e o comprometedor subsídio estatal aos jornais franceses, a pauta do dia é se adaptar aos novos tempos. No Brasil, onde os impressos comemoram estabilidade na circulação, garantindo uma notável sobrevida em tempos de internet, não é diferente. Ou pelo, menos, não deveria ser.

Em *O destino do jornal*, fruto de uma dissertação de mestrado defendida na USP em 2007, Lourival Sant'Anna busca respostas para como os mais prestigiosos jornais brasileiros de alcance nacional — *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* — enfrentam a crise do setor e experimentam as vestes da convergência digital.

Para isso, investiga o modelo tradicional do jornalismo, com estrutura de financiamento e gestão que garantiram a qualidade e credibilidade da profissão até agora, o mercado, os anunciantes e os leitores, munido de dados estatísticos de circulação, pesquisa *focus group* e entrevistas com especialistas e executivos na área.

Ao final da aula de anatomia, chega-se à conclusão, óbvia mas não tanto para os donos da mídia, de que a solução passa por inovações tecnológicas, com a abertura para a interatividade das redes sociais, e o investimento em um jornalismo analítico, que contraponha sentido à cacofonia do modelo horizontal de comunicação da internet.

Afinal, que tipo de leitor precisa esperar a manhã do dia seguinte para saber da queda do voo 443 da Air France? Certamente, um leitor cada vez mais escasso, que não minimiza o fato de que o prazo de validade das notícias está cada vez mais curto nas bancas de jornais. O panorama traçado por Sant'Anna é preciso: "Em larga medida, os jornais continuam produzidos como se os leitores não tivessem sido bombardeados, na véspera, com notícias sobre os fatos, à medida que eles ocorriam (...). As redações não estão estruturadas para oferecer, com qualidade, o contexto e a análise da notícia, que são os atributos que diferenciam o jornal de outros meios. Nesse sentido, o meio jornal sofre de uma crescente inadequação, um descompasso, entre seu produto e as demandas do mercado".

Fica claro, portanto, que as mudanças passam não so-

mente por uma nova perspectiva de empresários como também pela redação, o cérebro e o coração dos jornais. O jornal, hoje, é um produto híbrido impresso e digital. Desta forma, o profissional precisa desenvolver habilidades coerentes com as demandas do ramo, imprimindo novo dinamismo à apuração dos fatos e coberturas, para a produção on-line, ao mesmo tempo em que investe numa edição mais bem cuidada, mais próxima das revistas.

É nesse equilíbrio de forças que o jornal deverá ser reinventado, mas cujo esforço o autor não identifica na observação que faz da imprensa brasileira: "Aqui, o que o jornal pode fazer melhor são histórias bem contadas, com contextualização, interpretação, análise e opinião. Mas está longe de ter atingido o ponto ótimo nessas tarefas. Na verdade, o jornal ainda está muito mais estruturado para contar 'o quê' do que para explicar 'por quê'. As redações são compostas de centenas de profissionais, cujo alcance técnico e rotina são mais ou menos adequados para a produção de notícias, não para agregar-lhes outros valores".

Ler *O destino do jornal* no contexto da recente suspensão da obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da atividade, decretada pelo Supremo Tribunal Federal, é se perguntar também sobre o destino do jornalista. O diálogo proposto por Sant'Anna poderia muito bem ser continuado sob a ótica da defasagem de escolas de jornalismo do país, que agora precisam também trocar de pele, se quiserem assumir a tarefa de preparar os novos artifices da reportagem. ■

055: Longa jornada pela escuridão

BROCKSTED, Tiaraju. Longa jornada pela escuridão. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 3 jan. 2009. Arte&agenda.

Longa jornada pela escuridão

Finalista do Prêmio Jabuti em 2005, Salim Miguel lança dois novos títulos pela Record

TIARAJU BROCKSTED
tiarajubi@correiodopovo.com.br

A elogiada literatura do libanês radicado no Brasil Salim Miguel volta a brilhar nas livrarias com o lançamento de dois títulos pela Editora Record: "Jornada com Rupert" e "Nur na Escuridão",

nos quais, como é comum em seu trabalho, o escritor resgata impressões e lembranças da infância, transcorrida em duas pequenas comunidades de imigração alemã no Sul do Brasil. Em 2005, Miguel lançou seu último romance, "Mare Nostrum", que foi finalista do Prêmio Jabuti. O longo intervalo entre o ve-

lho e o novo trabalho literário é compensado em dose dupla.

"Jornada..." constrói a trajetória de uma família de colonos, a partir da irrequieta e angustiada figura do protagonista Rupert Von Hartroleg, que, na década de 40, está de partida em um trem que o levará para uma nova etapa de sua vida. Enquanto observa a paisagem passando pela janela do trem, ele vai revendo diversos episódios do passado familiar e alguns dos principais personagens de sua própria história.

Nesta viagem de uma vida, o leitor vai acompanhar a construção do casarão da família, no século XIX, liderada por seus avós; e também a criação do que mais tarde seria a cidade de Blumenau, que nasceu de uma colônia agrícola que em pouco tempo se transformaria num núcleo industrial.

No decorrer do romance, Rupert relembra ainda o seu eterno conflito com o pai, Herr Hans, o patriarca simpatizante das filosofias

de Adolf Hitler e dono de uma fábrica de tecidos. A família traz ainda Fritz, o primogênito que é um seguidor do pai e trabalha com ele, embora secretamente admire os ideais de Rupert. Karla, a única filha, fica dividida entre a submissão ao pai e o seu desejo de liberdade.

Vencedor do prêmio de Melhor Romance da Associação Paulista de Críticos de Arte e também da IX Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, "Nur na Escuridão" é uma mistura de fato e de ficção no mergulho colorido da infância do escritor, a partir da chegada de sua família ao Brasil. Paralelamente, o livro apresenta também, para o leitor, um estudo sobre a imigração libanesa no país. No romance, em 1927, uma família libanesa chega do porto do Rio de Janeiro, a caminho dos Estados Unidos. Uma série de desencontros na cidade de Marselha, na França, faz com que um grupo formado por três adultos e três crianças tenha que mudar sua rota para o Brasil. De noite, na nova terra, em meio a diversos idiomas estranhos (francês, espanhol, italiano, alemão e, de vez em quando, português) o sentimento do estrangeiro em terra estranha torna-se, realmente, insuportável. É desse desespero e a energia de lutar pelo futuro, que trata o livro.



O premiado Salim Miguel tem dois novos títulos nas boas livrarias de Porto Alegre

Salvando crianças na África

Haregewoin Tefera era uma mulher etíope da classe média que, de repente, se viu no meio de uma das maiores crises da saúde pública que já afetaram o mundo. Após perder seu marido e uma de suas filhas, ela se dispõe (de início com certa relutância) a abrigar dois dentre os milhares de órfãos de um terrível surto de Aids que matava grande parte da população em Addis Abeba. Em pouco tempo, montes de crianças, de todas as idades, começaram a aparecer na porta de sua casa. A trajetória desta mulher que marcou sua presença no cenário contemporâneo da história etíope é narrada pela jornalista Melissa Fay Greene no livro "Eu Não Existo sem Você - A Odisseia de uma Mulher para Salvar as Crianças Africanas", título editado pela Martins Fontes.

Em seu novo livro, Greene, que já adotara duas crianças etíopes antes de conhecer Tefera, apresenta uma

história sucinta da Etiópia, traça um relato da história da Aids naquele país (das primeiras manifestações como "doença da magreza", no final da década de 70 até assumir a forma agressiva do sarcoma de Kaposi no começo dos anos 80) e segue os caminhos complexos dos medicamentos (no Ocidente, uma autoestrada; no Oriente, uma picada na selva); e, ao mesmo tempo, resgata Tefera do imerecido esquecimento. Tefera chegou, falsamente, a ser acusada de vender crianças para adoção.

Melissa Fay Greene examina deti-



damente as manifestações periféricas de um acontecimento importante na esfera social e lança mais luz sobre o assunto como um todo. É na Etiópia que está concentrada "a segunda maior população de órfãos da Aids no mundo". O livro vai revelar como muitos desses órfãos encontraram lares felizes nos Estados Unidos. Mas a autora também mantém viva, diante dos olhos dos leitores, a urgência da grande crise e, por isso, mesmo, a obra traz também detalhes da curta existência de várias crianças vitimadas pelo quase irreversível surto da temida doença.

Ciência e teoria política

Gaúcho de Encruzilhada, que faleceu em Porto Alegre em 1970, o consagrado jurista Darcy Pereira Azambuja é o autor de dois títulos clássicos da ciência política brasileira, "Teoria Geral do Estado" e "Introdução à Ciência Política", que ganharam agora novas edições, revistas e atualizadas, pela Globo. O Estado, um dos temas fundamentais da ciência política, é analisado em seus mais variados aspectos em "Teoria Geral do Estado". Com prefácio de Alexandre de Oliveira Torres Carrasco, o livro abrange uma ampla gama temática, incluindo origens, personalidade, finalidade, ideia, poder, história, direitos individuais, constituição, a divisão de poderes, formas de governo, democracia, regimes políticos, regimes representativos, teoria da democracia, sufrágio, representação de interesses, formas de estados, Estado federal, o Estado e o indivíduo e o Estado e o direito.

José Luiz Furtado assina o prefácio de "Introdução à Ciência Política". Temas: métodos e história, homem e sociedade, soberania, origem, personalidade e objetivo do Estado, autoridade e liberdade, constituição, formas de governo, democracia, regime representativo, opinião pública, voto, partidos políticos e grupos de pressão.



A Editora Globo relança obras de Darcy Azambuja

Poesia

LUIZ CORONEL

luizcoronel@agenciamaiz.com.br

Porque é verão

Porque é verão

a carruagem do Sol
sai da garagem das nuvens
e roda pelas estradas
nos rumos do mar.

Nos veleiros do desejo,
partimos em busca de beijos
que as fugidias serenas
prometem nos dar.

Porque é verão,
gnomos, faunos e sátiros
viram cambotas nas dunas
até que a aurora ressurgir.

Porque é verão,
as mulheres exalam
o aroma das amendoazeiras
e têm o profano sabor de hortelã.

Porque é verão,
legiões de surfistas
assomam na crista das ondas
fantasiados de Netuno.

Porque é verão,
a manhã escova os dentes
num dardo ríspido de espumas.

Porque é verão,
as linhas das agendas
são cordões de guitarras.

Porque é verão,
as cigarras ensalam
suas fanfarras
pelas alamedas
residenciais.

Porque é verão,
a vida não cabe em si mesma
e o corpo quer sempre mais.

Cinema brasileiro

Programação especial começará segunda no Santander Cultural

A partir da próxima segunda-feira, o Cine Santander Cultural (7 de Setembro, 1028) dará início ao 6º Encontro do Público com o Cinema Brasileiro, uma seleção dos filmes nacionais de 2008 para quem deseja ver ou rever longas e curtas-metragens brasileiros que se destacaram durante o ano que passou. São 23 longas e cinco curtas, reunidos em grupos temáticos, como Mães, Idades, Cinema e Literatura, Documentários, Pré-Estrelas, Mostra Especial Leonardo Medeiros, Cinema Mineiro e Amores, entre outras.

Neste dia 5 de janeiro, a primeira seleção será "Mães", que irá apresentar histórias sobre a difícil condição social da família brasileira e que tem como figura-chave a mãe. Os filmes que integram esta primeira etapa do ciclo são "A Casa de Alice", "Linha de Passe", ambos com atuações premiadas das protagonistas e sublimar investigação de grandes temas do Brasil contemporâneo; e "A Via Láctea".

"A Casa de Alice", dirigido por Chico Texeira, apresenta a história de Alice (Carla Ribas), uma manicure

que tem em torno de 40 anos e mora na periferia da cidade de São Paulo. Ao lado de sua família, Alice tenta levar a vida do melhor jeito possível ao enfrentar os problemas do dia-a-dia.

"Linha de Passe", de Walter Salles e Daniela Thomas, acompanha a vida de uma mãe (Sandra Corveloni) e seus quatro filhos: Reginaldo (Kaíque de Jesus Santos) é um jovem que procura seu pai obsessivamente; Dário (Vinicius de Oliveira) sonha em se tornar jogador de futebol, mas, aos 18 anos, vê a ideia cada vez mais distante; Dinho (José Geraldo Rodrigues) dedica-se à religião; Denis (João Baldasserini) enfrenta dificuldades em se manter, sendo também pai involuntário de um menino. Os quatro são irmãos, tendo sido criados pela mãe, que trabalha como empregada doméstica e está mais uma vez grávida, de pai desconhecido. Eles precisam lidar com as transformações pelas quais o Brasil passa, assim como a inserção no meio do futebol e a ausência de uma figura paterna. "A Via Láctea", de Lina Charnie, em sua trama, apresenta um homem (Marco Ricca) que circula por uma metrópole após discutir com a namorada (Alice Braga). Esses filmes ficarão em exibição de 5 a 8 de janeiro. Outros filmes incluídos nessa seleção incluem ainda "Chega de Saudade", "Valsa para Bruno Stein", "A Dança da Vida", "Última Parada 174", "Mutum" e "Ainda Orangotangos". Haverá ainda pré-estreia de "A Erva do Rato", o novo filme de Júlio Bressane, no próximo dia 12 de fevereiro.



'A Casa de Alice', filme sobre o dia-a-dia de uma mulher de 40 anos na periferia de São Paulo

Filme premiado trata de sentimentos

Ainda é possível assistir ao filme "Luz Silenciosa", dirigido por Carlos Reygadas, que apresenta a história de um homem, Johan (Cornelio Wall), um menonita casado que vive no Norte do México. Os menonitas defendem o pacifismo radical e rejeitam o progresso, mas a comunidade de Johan é mais moderada. Eles usam carros e os benefícios da medicina moderna, mas ainda se recusam a utilizar comunicações com o exterior, como telefone ou Internet. Nesse ambiente, Johan se apaixona por outra mulher, contrariando as leis de sua religião. Este filme ganhou o Prêmio do Juri no Festival de Cannes. Foi rodado em *plattdeutsch*, um dialeto alemão.

Caindo na real

Uma das novidades nos cinemas nesta semana é "Bolt, Supercão", uma animação sobre um cachorro da raça Pastor Alemão chamado Bolt, que sempre viveu dentro de um programa de TV, onde acreditava ter superpoderes. Quando, por acidente, ele é separado do programa, acaba conhecendo uma gata e um hamster que vão ajudá-lo a conhecer o mundo real. O filme tem a direção de Byron Howard e Chris Williams. Na sala do Unibanco Arteplex, há possibilidade de se assistir ao filme em versão 3D, com o uso de óculos específicos para se ver os efeitos especiais. A própria sala fornece os óculos, mas é solicitada a devolução ao término da sessão.

Bem nas bilheterias

As maiores bilheterias do final de semana passaram ficaram com a animação "Madagascar 2", seguida de "Marley & Eu" e "Sete Vidas". "Madagascar 2" apresenta a turma de animais do zoológico de Nova Iorque que, após ir acidentalmente para uma ilha, tenta sair de lá com um avião consertado pela turma de pinguins, mas acaba caindo em meio à selva africana, onde terá de conviver com animais da sua espécie acostumados à vida selvagem. "Marley & Eu", com Owen Wilson e Jennifer Aniston, acompanha a trajetória de um casal e seu cão Labrador. "Sete Vidas" traz o astro Will Smith como um homem que tenta consertar erros do passado.

Endereços

■ **Aeroguiun 1, 2 e 3** — Aeroporto Salgado Filho — Avenida Severo Dullius, 90010, 3º andar; telefone 3358-2620.
■ **Arcoiris Rua da Praia 1 e 2** — Rua da Praia Shopping — Andradas, 1001; 3286-7701.
■ **Arcoiris Boulevard Strip Center 1 e 2** — No Boulevard Strip Center — Avenida Assis Brasil, 4320; telefone 3344-1483.
■ **Arcoiris Bourbon Assis Brasil** — Shopping Bourbon Assis Brasil — Avenida Assis Brasil, 200; telefone 3299-0505.
■ **Center 1, 2, 3 e 4** — Shopping João Pessoa — Av. João Pessoa, 1831; 3223-4158.
■ **Cinebancários** — Rua General Câmara, 424, bairro Centro. Telefone: 3433-1200.
■ **Cinesystem Total 1 a 5** — Shopping Total — Av. Cristóvão Colombo, 545; fone 3299-0339.
■ **Cinemark Barra 1 a 6** — BarraShopping-Sul — Av. Diário de Notícias, 300, 3251-9020.
■ **Cinemark Ipiranga 1 a 8** — Bourbon

Shopping Ipiranga — Avenida Ipiranga, 5200, 2º andar; telefone 3299-0850.
■ **GNC Iguaçu** — No Shopping Iguaçu — Av. João Wallig, 1800. Fone: 3334-1090.
■ **GNC Lidoia Shopping 1 e 2** — Shopping Lidoia — Avenida Assis Brasil, 3522; bairro Lidoia telefone 3299-0505.
■ **GNC Praia de Belas 1, 2 e 3** — Praia de Belas Shopping — Avenida Praia de Belas, 1181; telefone 3299-0505.
■ **GNC Moínhos 1, 2, 3 e 4** — No Shopping Moínhos — Rua Olavo Barreto Viana, 36; telefone 3299-0505.
■ **Guion Center 1, 2 e 3** — Centro Comercial Nova Olaria — Rua Lima e Silva, 776/11; bairro Cidade Baixa telefone 3221-3122.
■ **Guion Sol 1 e 2** — Jardim do Sol Strip Center — Av. Cavallhada, 5055; telefone 3246-0355.
■ **Casa de Cultura Mario Quintana** — Cinemateca Paulo Amorim — Rua dos Andradas,

736. Salas Paulo Amorim, Eduardo Hirtz e Norberto Lubisco; telefone 3221-7147.
■ **Sala P. F. Gastal** — Usina do Gasômetro — Av. João Goulart, 551; telefone 3289-8137.
■ **Santander Cultural** — Rua 7 de Setembro, 1028; telefone 3287-5500.
■ **Unibanco Arteplex** — Shopping Bourbon Country — Avenida Tilly de Rose, 80; telefones 8401-0530 e 3299-0624.
■ **Victoria 1 e 2** — Avenida Borges de Medeiros, 475; telefone 3212-3474.
■ **GNC NH** — Novo Shopping — Av. Nações Unidas, 2001, em Novo Hamburgo.
■ **Cinemark** — Canoas — Avenida Guilherme Schell, 6750, Canoas Shopping; f. 3299-0099.
■ **Arcoiris Plaza 1 e 2** — Shopping do Vale, Cachoeirinha; telefone (51) 469-1106.
■ **Cinesystem Bourbon São Leopoldo** — No Bourbon Shopping de São Leopoldo; telefone 3299-0339.

Cinema

■ **Bolt — Supercão — Dublado** — Aero-Guiun 1 (14h50 - 16h40 - 18h30 - 20h20), Cinemark-Barra 4 (11h10 - 13h20 - 15h40 - 18h - 20h10 - 22h20), Cinemark-Ipiranga 3 (16h10 - 18h25 - 20h45), Cinesystem Total (13h45 - 15h45 - 17h45 - 19h45 - 21h45), GNC Iguaçu 5 (14h30 - 16h30 - 18h30 - 20h45), GNC Lidoia 1 (14h10 - 16h10 - 18h10 - 20h10), Unibanco Arteplex 1 (13h - 15h10 - 17h20 - 19h30 - 21h40 - 24h - em 3D), Cinesystem São Leopoldo 1 (13h45 - 15h45 - 17h45 - 19h45 - 21h45), GNC NH 3 (14h - 16h10 - 18h20 - 20h45). Cão conhece gata e um hamster. Animação. Livre.
■ **Se Eu Fosse Você 2** — Cinemark-Barra 2 (11h40 - 13h50 - 16h20 - 18h50 - 21h - 23h10), Cinemark-Ipiranga 4 (17h - 19h20 - 21h40 - 0h), Cinemark-Ipiranga 5 (12h20 - 14h40 - 17h - 19h20 - 21h40 - 0h), Cinesystem Total 1 (14h05 - 16h05 - 18h05 - 20h05 - 22h05), GNC Iguaçu 5 (14h30 - 16h - 18h - 20h - 22h), GNC Moínhos 2 (14h - 16h - 18h - 20h - 22h), GNC Praia de Belas 3 (14h - 16h - 18h - 20h - 22h), Unibanco Arteplex 6 (13h10 - 15h20 - 17h30 - 19h40 - 21h50 - 23h30), Cinesystem São Leopoldo 2 (11h40 - 13h50 - 16h10 - 18h05 - 20h05 - 22h05), GNC NH 1 (14h20 - 17h - 19h20 - 21h20), De Daniel Filho. Com Glória Pires e Tony Ramos. Um marido e sua esposa têm seus corpos trocados. Comédia. 10 anos.
■ **Coração de Tinta** — Cinemark-Barra 1 (12h40 - 14h50 - 17h - 19h10 - 21h20 - 23h30), Cinemark-Ipiranga 2 (12h30 - 17h15 - 19h35 - 21h55), Cinesystem Total 3 (19h30), GNC Iguaçu 1 (17h10 - 19h20 - 21h50), Unibanco Arteplex 8 (13h20 - 15h30 - 17h10 - 19h40 - 21h40), **Dublado** — Center 4 (14h30 - 16h30 - 18h30 - 20h30), Cinesystem São Leopoldo 3 (19h30), GNC NH 4 (13h45 - 15h45 - 17h45 - 19h45 - 21h45), GNC Moínhos 3 (14h10 - 16h40 - 19h - 21h30 - 23h30), Cinesystem São Leopoldo 4 (15h - 17h20 - 19h40 - 22h), GNC NH 4 (16h30 - 21h40), De Gabriele Muccino. Com Will Smith. Homem planeja salvar sete pessoas para apagar erros do passado. 14 anos.
■ **Um Homem Bom** — Cinemark-Barra 8 (21h50 - 0h05), GNC Moínhos 1 (16h30 - 19h10 - 21h), Guion Center 1 (15h30 - 17h30 - 19h30 - 21h20), De Vicente Amorim. Com Viggo Mortensen. Professor escreve livro sobre eutanásia, o que gera consequências inesperadas.
■ **Um Conto de Natal** — Guion Center 2 (15h45 - 18h30 - 21h15). Com Catherine Deneuve. Família se reúne no Natal. Drama.
■ **Baby Love** — Guion Center 3 (19h10). De Vincent Garenq. Casal gay deseja ter um filho.
■ **Crepúsculo — Legenda** — Cinemark-Barra 7 (12h - 18h10 - 20h45 - 23h20), Cinemark-Ipiranga 1 (18h - 20h50 - 23h40), Cinesystem Total 3 (21h30), GNC Iguaçu 1 (14h20 - 19h30), GNC Iguaçu 2 (22h), GNC Lidoia 2 (19h10 - 21h30), GNC Praia de Belas 1 (19h15 - 21h45), Unibanco Arteplex 4 (14h - 16h30 - 19h - 21h30 - 24h), Cinesystem São Leopoldo 3 (21h30), GNC NH 2 (19h - 21h30). **Dublado** — Cinemark-Barra 7 (15h), Cinemark-Ipiranga 1 (15h20). Uma jovem se apaixona por vampiro. 12 anos.
■ **Gomorra** — Unibanco Arteplex 2

(13h20 - 16h - 18h40 - 21h20 - 24h). De Matteo Garrone. Moradores de Nápoles são obrigados a seguir as regras da máfia. 18 anos.
■ **Romance** — Guion Sol 1 (20h15). De Guel Arraes (Brasil). Com Wagner Moura, Letícia Sabatella. Diretor se apaixona por atriz.
■ **Madagascar 2 — Legenda** — Cinemark-Ipiranga 6 (22h20), Unibanco Arteplex 3 (20h - 22h - 24h), **Dublado** — Center 1 (14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h), Cinemark-Barra 3 (12h20 - 14h20), Cinemark-Barra 8 (11h - 13h - 15h10 - 17h20 - 19h50), Cinemark-Ipiranga 4 (12h50 - 14h55), Cinemark-Ipiranga 6 (13h40 - 16h - 18h10 - 20h15), Cinesystem Total 3 (14h - 15h50 - 17h40), GNC Iguaçu 2 (13h45 - 15h40 - 17h30 - 19h30), GNC Lidoia 2 (14h20 - 16h30), GNC Moínhos 1 (14h20), GNC Praia de Belas 2 (13h45 - 16h30 - 19h - 21h30), Guion Sol 1 (15h - 16h45 - 18h30), Unibanco Arteplex 3 (14h - 16h - 18h), Cinesystem São Leopoldo 3 (14h - 15h50 - 17h40), GNC NH (13h30 - 14h10 - 15h20 - 17h10). Animação. Livre.
■ **Luz Silenciosa** — Aero-Guiun 2 (15h30). De Carlos Reygadas (México). Homem de sete meninos sente desejo proibido.
■ **Queime Depois de Ler** — Aero-Guiun 1 (15h). Center 2 (14h30 - 16h30), Cinemark-Ipiranga 2 (15h). Dos irmãos Coen. Com Brad Pitt.
■ **Carga Explosiva 3** — Center 2 (20h30). De Olivier Megaton. Com Jason Statham. Motorista conduz sequestrada. Ação. 14 anos.
■ **A Lista — Você Está Livre Hoje** — Center 2 (18h30). Com Hugh Jackman e Ewan McGregor. Contador é convidado a ir a um clube de sexo e se mete em encrenca. 16 anos.
■ **O Menino de Pipa Listrado** — Guion Center 3 (15h30 - 17h20 - 21h), Sala Norberto Lubisco (15h - 19h20). De Mark Herman.
■ **Caos Calmo** — Aero-Guiun 2 (18h). De Antonio Luigi Grimaldi (Itália). Com Nanni Moretti. Viúvo processa o luto pela esposa. Drama.
■ **Vicky Cristina Barcelona** — Aero-Guiun 1 (16h50 - 18h40 - 20h30), Bourbon Assis Brasil 2 (19h), Center 3 (16h30 - 20h30). De Woody Allen. Duas americanas vão a Barcelona. 14 anos.
■ **Hamma Mid** — Center 2 (14h30), Guion Sol 2 (20h30). Com Meryl Streep, Pierce Brosnan. Musical com músicas do ABBA.
■ **Bezerra de Menezes — O Diário de um Espírito** — Center 2 (16h30). Com Carlos Vereza. A vida do "medico dos pobres". Drama.
■ **O Segredo do Grão** — Aero-Guiun 2 (20h15). De Abdel Kechiche. Um operário árabe sonha em abrir restaurante na França.
■ **A Duquesa** — Guion Sol 2 (16h15), Sala Eduardo Hirtz (15h - 19h20). De Saul Dibb. Com Keira Knightley e Ralph Fiennes. 14 anos.
■ **007 — Quantum of Solace** — Guion Sol 2 (18h15). Com Daniel Craig. Ação. 14 anos.
■ **Rede de Mentiras** — Victoria 2 (14h30 - 17h - 19h30). De Ridley Scott. Com Russell Crowe. Agente da CIA no Oriente Médio. 14 anos.
■ **Ensaio sobre a Cegueira** — Sala Paulo Amorim (15h - 19h20). De Fernando Meirelles. Epidemia de cegueira se espalha. 16 anos.
■ **Do Outro Lado** — Sala Paulo Amorim (17h10). De Fatih Akin (Alemanha/Turquia). Jovem de origem turca é criado na Alemanha, mas resolve ir para a Turquia. 14 anos.
■ **Desejo e Reparação** — Sala Eduardo Hirtz (17h10). Com Keira Knightley. Drama.
■ **Onde os Fracos Não Têm Vez** — Sala Norberto Lubisco da Casa de Cultura Mario Quintana (17h). De Ethan e Joel Coen. Mãe com dinheiro gera perseguição. 16 anos.



Especiais

Curta Petrobras às Seis — Gratuito
■ **Noite de Sexta, Manhã de Sábado** — Unibanco Arteplex (18h). De Kleber Mendonça Filho. PPE — 2006 — 15 min — Ficção — P&B. Homem encontra mulher.
■ **Jonas e a Baleia** — Unibanco Arteplex (18h). Direção de Felipe Bragança (RJ) — 2006 — 20 min — Ficção — cor. Jonas tem uma moto, um par de sapatos e um revólver. Um dia ele se apaixona. E mata um ho-

mem.
■ **Trópico das Cabras** — Unibanco Arteplex (18h). De Fernando Coimbra (SP) — 2007 — 23 min — Ficção — cor. Um casal em crise parte do litoral para o interior de São Paulo num Chevrolet para salvar ou perder de vez sua relação. Os poucos, eles se entregam a um estranho jogo sexual.
■ **Clube do Professor**
■ **Marley & Eu e Sete Vidas** — Unibanco Arteplex (11h). Para professores.

056: Amigo de Salim. In: Verões de Sandrini

PASTERNAK, Dariene. Amigo de Salim. In: Verões de Sandrini. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 10/fev., 2009, pag. 1. Caderno Plural.

Férias. O presidente da ABL relaxa, faz contatos e revê amigos na Ilha

Verões de Sandrini

DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasdodia.com.br

O jornalista, escritor e atual presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), reeleito no final do ano passado, Cicero Sandrini, pretende manter contatos mais estreitos com as academias estaduais, entre elas com a catarinense. Na semana passada, ele esteve em Florianópolis para uma semana de férias, rotina de verão mantida desde que seu amigo e também escritor Salim Miguel voltou a morar na Capital nos anos 80.

Aproveitou para descansar, mas também para visitar outros colegas, participando de uma semana repleta de almoços literários. Sandrini atendeu à reportagem do jornal *Notícias do Dia* na sexta-feira passada. Falou sobre os escritores de Santa Catarina, acordo ortográfico e também como funciona o ingresso no mais importante órgão de representação literária. Confira trechos da conversa.

Sem representação

"Santa Catarina tem um imortal, que foi Lauro Müller, engenheiro e também político, que chegou a ser ministro. Mas existe um grupo de escritores, que são referência na literatura brasileira, como Salim Miguel, que tem uma temática extremamente vinculada ao Estado e que poderia ocupar uma cadeira na Academia. Mas Salim não tem interesse, ele não é nem da Academia Catarinense de Letras (ACL). Também Guido Wilmar Sassi, Flávio José Cardoso e Adolfo Boos Jr. são escritores que representam Santa Catarina em nível nacional."

Acordo ortográfico

"O acordo é fundamental para a língua portuguesa no mundo. Todos os documentos internacionais passarão a ser inscritos com a nova ortografia. O idioma de 220 milhões passa a ser inscrito da mesma forma, mas o mais importante que é só ortográfico, não é um acordo prosódico, cada um vai poder continuar pronunciando como quer. Se não tivéssemos um acordo anterior, estaríamos ainda escrevendo farmácia com 'ph'. A língua é algo vivo, não é estratificado. Vamos abandonando palavras pelo desuso e pegando novas. A ABL lança no dia 12 de março a 5ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, já com as novas regras."

Imortal

"Não gosto do termo imortal, prefiro acadêmico. Para mim, imortal é a obra. Guimarães Rosa e Machado de Assis possuem um trabalho imortal. Para ingressar na academia é necessário primeiro ter uma vaga. Brinco que é preciso ter um cadáver e 20 votos. Mantemos o ritual de lembrar do acadêmico por uma semana e durante a sessão da saudade, a vaga é declarada aberta. Surgem os candidatos. Na última eleição para a cadeira de Zélia Gatai tivemos 26 inscritos, mas só cinco receberam votos e entrou Luiz Paulo Horta. O escritor precisa ter uma obra de reconhecido valor e precisa também gostar, porque vamos conviver pelo resto de nossas vidas. Temos grandes escritores que não têm interesse, como por exemplo, Rubem Fonseca."

Amigo Salim

"Conheço Salim desde que ele começou a colaborar no Correio da Manhã, no Rio de Janeiro, mas nosso convívio começou nos anos 70. Salim, acho que em 1965, se mudou para o Rio por perseguição política em razão do regime militar. Na época eu fazia a revista de contos 'Ficção', que tinha parado de circular, então em 1976 relançamos a revista com Salim, Eglê Malheiros, mulher de Salim, Laura, minha mulher, e Fausto Cunha. A publicação ficou na história. Hoje visito Salim em quase todos os verões."

Intercâmbio

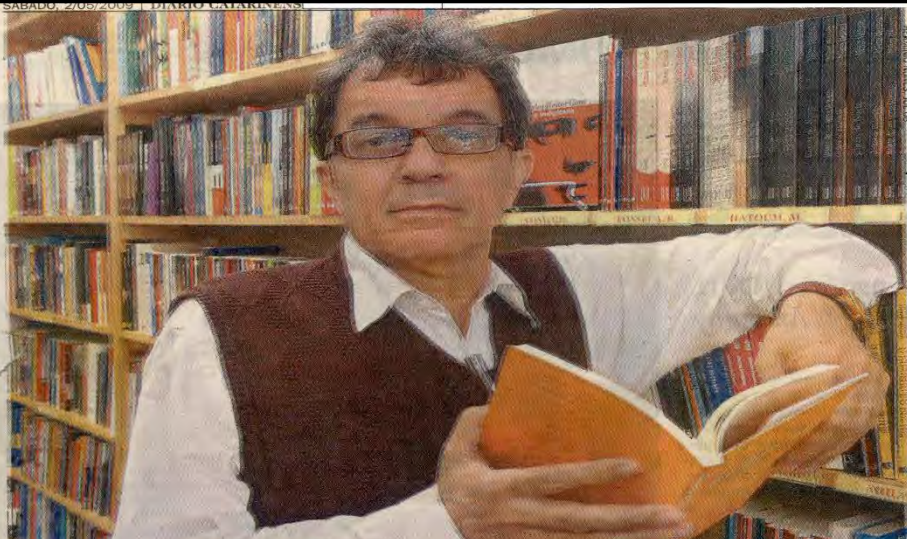
"Em 2009 queremos manter contatos estreitos com as academias estaduais. Este ano completam 200 anos de nascimento de Charles Darwin e 150 anos do lançamento do livro 'A Origem das Espécies'. Aproveitando o fato de ele ter passado pelo Brasil e feito contato com o catarinense Fritz Müller, pretendemos convidar acadêmicos da ABL e ACL para discutir a relação entre o evolucionista e o naturalista Muller."

FOTOS: ROSEANE LIMA/ND

057: Um patrono de respeito: Deonísio da Silva confirma presença na 2ª feira catarinense do livro, que inicia no próximo dia 6

ALÃO, Alicia. Um patrono de respeito: Deonísio da Silva confirma presença na 2ª feira catarinense do livro, que inicia no próximo dia 6. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 2/maio, 2009, pag. 3. Variedades.

SABADO 2/05/2009 | DIÁRIO CATARINENSE



| entrevista |

Um patrono de respeito

Deonísio da Silva confirma a presença na 2ª Feira Catarinense do Livro, que inicia no próximo dia 6

ALÍCIA ALÃO

“Infelizmente, não se dá ainda a devida atenção a autores, leitores e livros, a tríade sem a qual não teriam existido gênios como Machado de Assis e Cruz e Sousa

Deonísio da Silva – Ainda não conheço a estrutura da Feira, não! É a segunda edição e não estive na primeira. Se críticas houver, eu as farei em privado. Os endossos serão públicos. É assim que devemos tratar as questões do livro, em meu modesto entender. O livro já tem inimigos que bastam no Brasil, a começar por conhecidas omissões. Todas as iniciativas em favor do livro merecem meu apoio, homem integralmente dedicado às letras desde meus verdes anos, como escritor e como professor. Infelizmente, não se dá ainda a devida atenção a autores, leitores e livros, a tríade sem a qual não teriam existido gênios como Machado de Assis e Cruz e Sousa. Nem eu nem meus companheiros de ofício, que todos precisamos de leitores como de água. O leitor é sempre o grande personagem de qualquer escritor. Pois sem ele, a obra e o escritor não existem! O governo federal é o maior comprador de livros do mundo. Ainda não sei quanto o governo de Santa Catarina faz nesse particular, mas sei, por exemplo, que patrocina o Prêmio Cruz e Sousa, com grande repercussão em todo o Brasil. E um dos maiores prêmios do Brasil é patrocinado por um supermercado, que é o Zaffari-Bourbon, em parceria com a Universidade de Passo Fundo (RS), que já premiou Salim Miguel por *Nur na Escuridão*, seu belo romance sobre a imigração árabe.

Radicado no Rio de Janeiro, Deonísio da Silva é natural de Siderópolis, no Sul do Estado

DC – Qual é o papel de uma feira do livro?

Silva – Aproximar o público do livro, este é o grande papel de qualquer feira de livro. Pode também aproximar autores e leitores, mas a figura solar deste encontro tem que ser o livro!

DC – A feira catarinense faz jus à produção literária do Estado?

Silva – Ah, se faz, faz, sim! Há escritores catarinenses de destaque em todos os gêneros da produção literária brasileira. E o jornal que ora me entrevista tem a melhor revelação de cronista do Brasil meridional, que é Sérgio da Costa Ramos, que, aliás, por meu passado de seminarista, só me chama de presbítero. Salim Miguel já ganhou o Juca Pato, o Jabuti, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte etc. Flávio José Cardozo é reconhecidamente um grande prosador. Temos a romancista Edla van Steen e Godofredo de Oliveira, que vivem no Rio, como eu. Péricles Prade, que, além de bom escritor, é um homem que articula boas ações culturais. Blumenau, que já nos deu Lindolf Bell e agora nos dá Urda Alice Klueger. Rio do Sul já nos deu Manoel Carlos Karam, falecido ano passado, que já ganhara o Cruz e Sousa. Joinville, onde vive a poeta Mila Ramos, que é um pseudônimo. Tenho certeza de que, liderado por nosso irmão mais experiente, o Salim Miguel, este exército, que já travou tantas batalhas e alcançou tantas vitórias, haverá de conquistar muitas outras.

DC – Conhece a estrutura da feira? Se sim, o que considera positivo e o que poderia melhorar?

Silva – Desde 1979 que não recebia distinção tão comovedora. Naquele ano, fui agraciado com o Prêmio Virgílio Várzea de Literatura, juntamente com Maria Odete Olsen. Depois, nas gestões do escritor Salim Miguel na Fundação Franklin Cascaes, e dele e do poeta Alcides Buss na Editora da UFSC, vim várias vezes ao Estado. Eu gosto de lembrar o nome das pessoas porque são elas que moldam as instituições que dirigem e não o contrário. Como a escritora Eglê Malheiros, que, além do mais, como tradutora, tantas obras trouxe para a língua portuguesa. Outro exemplo é Maria Tereza Piacentini, a revisora de língua portuguesa da Constituição Estadual, que sempre fez pontes importantes entre os escritores catarinenses na Fundação Catarinense de Cultura. Todas essas pessoas podem se sentir homenageadas comigo porque elas, mais do que eu, merecem reconhecimentos.

DC – Promovida pela Câmara Catarinense do Livro, com recursos de seus associados e dos expositores, e começa na quarta-feira, dia 6 de maio, no Largo da Alfândega, região central da Capital. A programação termina em 17 de maio e haverá exibição de filmes, por meio de uma parceria com a Cinemateca Catarinense, conversa com escritores, debate sobre o futuro da literatura, entre outras atrações culturais. Acompanhe abaixo a entrevista com o patrono, realizada por e-mail.

Diário Catarinense – O que achou de ter sido escolhido como patrono da feira? Estará presente?

Deonísio da Silva – Estarei presente, sim. José Vilmar da Silva, da Câmara do Livro, e eu, estamos fixando a melhor data, em atenção à minha atormentada agenda. Achei a homenagem um reconhecimento muito delicado, ainda mais que vem de minha terra, catarinense que sou, ou melhor, catarinauta, porque, nascido em Santa Catarina, adolescente ainda deixei o Estado.

Escolhido como patrono da 2ª Feira Catarinense do Livro, o escritor Deonísio da Silva afirma que desde 1979 não recebia distinção tão comovedora.

Nascido em Siderópolis e radicado no Rio de Janeiro desde 2002, Silva dirige o *Curso de Letras da Universidade Estácio de Sá*, assim como as teleaulas de *Língua Portuguesa*, à distância, transmitidas para milhares de alunos. Autor de 33 publicações, sendo sete romances (dentre os quais *Avante*, soldados: para trás, vencedor do Prêmio Casa das Américas de 1992), assina a coluna *Etimologia* na revista *Caras*, um blog e uma coluna no portal *Observatório da Imprensa*. Quando concedeu esta entrevista, Deonísio ainda não conhecia a estrutura da feira, mas afirmou que, se tiver de fazer críticas, o fará em particular, porque “o livro já tem inimigos que bastam no Brasil”, na sua opinião.

A 2ª Feira Catarinense do Livro é

• alicia.alao@diario.com.br

058: Origem do grupo sul

PASTERNAK, Dariene. Origem do grupo sul. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 18/mar., 2009, pag. 1. Caderno Plural



QI

Gestores de cultura ficaram impressionados com o deputado estadual Dirceu Dresch, que presidiu a audiência pública com representantes do Ministério da Cultura. Erros de português foram tantos que chegou a avermelhar o representante do MinC. Mas o auge foi quando o parlamentar comparou o escritor Salim Miguel com o poeta Mário "Quintina". Lógico que todos sabem, menos ele, que é Mário Quintana. Quintina só se for a mulher do Quintino Bocáiuva ôoo!

ÍNDICE POR AUTOR

	Entre o árabe e o alemão	Jornal de Santa Catarina	2008	008
	FOLHEANDO: Livro de Salim Miguel	Folha de Blumenau	2008	009
	RUPERT reencontra seu cenário	A Notícia	2008	010
	ANOS de chumbo: Antes subversivos, hoje eles são heróis	Noticias do Dia	2008	014
	OBRAS de escritores na ótica de Salim Miguel	Noticias do Dia	2008	020
	ESCREVO para ser ...	Rascunho	2008	021
	PAIOL literário	Rascunho	2008	022
	UM século do Vale do Itajaí. In prontos para sair do prelo	A Notícia	2008	026
	UM apanhado do melhor	Noticias do Dia	2009	033
	COLONIZAÇÃO de Blumenau	Diario Catarinense	2009	035
	SALIM Miguel e a narrativa da história	Diario Catarinense	2009	036
	MACHADO de Assis para Salim	Rascunho	2009	039
	SOU um jornalista que escreve ficção	Jornal Papel	2009	041
	JORNAL importante na imprensa	Jornal Papel	2009	042
	HOMENAGEM a SaLim Miguel	Diário Catarinense	2009	044
	PRISÃO logo após o golpe	Noticias do Dia	2009	048
	ENCONTRO com Salim	Noticias do Dia	2009	050
	FICÇÃO munida de precisão do reporter	Jornal do Comercio	2009	053
ALÃO, Alícia	Um patrono de respeito: Deonísio da Silva confirma presença na 2ª feira catarinense do livro, que inicia no próximo dia 6.	Diário Catarinense	2009	057

ALVES, Márcio Miranda	Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição	A Notícia	2008	015
	Com a palavra	Diário Catarinense	2009	038
BRASIL, Rodrigo	Salim Miguel inaugura o cidade contada	Notícias do Dia	2008	017
BROCKSTED, Tiaraju	Longa jornada pela escuridão	Correio do Povo	2009	055
CONDE, Miguel	Somos o que a infância nos fez: escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita	O Globo	2008	023
ESPINDOLA, Marcos	SALIM Miguel	Diário Catarinense	2008	012
ESPINDOLA, Marcos	MEU filho, se tu não...	Diário Catarinense	2009	043
IENSEN, Jacqueline	Alma de quem escreve: os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano	Diário Catarinense	2008	005
IENSEN, Jacqueline	Obras para serem vistas	Diário Catarinense	2009	045
KAPPER, Letícia	LETRAS em apuros	Notícias do Dia	2008	002
	Memórias de Salim	Notícias do Dia	2008	019
	Mudança desagrada setor	Notícias do Dia	2009	029
	Uma vida dedicada às palavras	Notícias do Dia	2009	051
KRAPP, Juliana	Acerto de contas, 60 anos depois: novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude	Jornal do Brasil	2008	007
LENHART, Felipe	E agora Salim?	Diário Catarinense	2009	031
MACHADO, Ricardinho	QI	Notícias do Dia	2009	059
MACHADO, Ubiratan	UM Dia, um século: A saga da colonização do vale do Itajaí no último romance de Salim Miguel	Diário Catarinense	2009	032
MACIEL, Nahima	Entre o árabe e o alemão: Salim Miguel lança hoje em florianopolis jornada com Rupter...	Diário Catarinense	2008	006
	Entre o árabe e o alemão	Correio Braziliense	2008	024

PASSOS, Caroline	Contador de histórias	Jornal de SC	2008	016
	Memórias da Infância	Notícias do Dia	2008	001
	Célebre videoteca	Noticias do Dia	2009	049
	Amigo de Salim. In: Verões de Sandrini	Notícias do Dia	2009	056
PASTERNAK, Dariene	Origem do grupo sul	Noticias do Dia	2009	058
PÓLVORA, Hélio	Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista	A Tarde	2009	052
PULS, Arthur	Destaque de 2008 é de Santa Catarina	A Notícia	2009	030
	O conjunto de uma obra: Salim Miguel recebe hoje no Rio de Janeiro o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras	Diário Catarinense	2009	027
	O gago que dá palestra	Diário Catarinense	2009	028
	Verdades de um vigia das palavras	Diario Catarinense	2009	034
REZENDE, Dorva	Autor Premiado	Diario Catarinense	2009	040
RUFFATO, Luiz	Revistas literárias da década de 1970 (5)	Rascunho	2009	054
	Reencontro literário: novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina	Diário Catarinense	2008	011
	O machado dos escritores	Diario Catarinense	2008	013
RUY, Karine	Bastidores da literatura: Salim Miguel reverencia autores e obras em Minhas Memórias de Escritores.	Diário Catarinense	2008	018
SANTOS, Marcio Renato dos	Porque tudo cabe numa única vida	Gazeta do povo	2008	025
SARDÀ, Laudelino José	Talento premiado	Diario Catarinense	2009	047
	Personalidades	A Notícia	2008	003
SARTORI, Raul	Personagem	A Notícia	2008	004
SILVA, Dionisio da	Diálogo com um outro tempo	Diario Catarinense	2009	037
VIEGAS, Fernandes da Costa	O Salim de Biguaçu	Expressão Universitária	2009	046

ÍNDICE POR ANO

2008		Entre o árabe e o alemão	Jornal de Santa Catarina	008
		FOLHEANDO: Livro de Salim Miguel	Folha de Blumenau	009
		RUPERT reencontra seu cenário	A Notícia	010
		ANOS de chumbo: Antes subversivos, hoje eles são heróis	Notícias do Dia	014
		OBRAS de escritores na ótica de Salim Miguel	Notícias do Dia	020
		ESCREVO para ser ...	Rascunho	021
		PAIOL literário	Rascunho	022
		UM século do Vale do Itajaí. In prontos para sair do prelo	A Notícia	026
	ALVES, Márcio Miranda	Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição	A Notícia	015
	BRASIL, Rodrigo	Salim Miguel inaugura o cidade contada	Notícias do Dia	017
	CONDE, Miguel	Somos o que a infância nos fez: escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita	O Globo	023
	ESPINDOLA, Marcos	SALIM Miguel	Diário Catarinense	012
	IENSEN, Jacqueline	Alma de quem escreve: os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano	Diário Catarinense	005
	KAPPER, Letícia	LETRAS em apuros	Notícias do Dia	002
	KAPPER, Letícia	Memórias de Salim	Notícias do Dia	019
	KRAPP, Juliana	Acerto de contas, 60 anos depois: novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude	Jornal do Brasil	007
	MACIEL, Nahima	Entre o árabe e o alemão: Salim Miguel lança hoje em Florianópolis jornada com Rupert...	Diário Catarinense	006

	MACIEL, Nahima	Entre o árabe e o alemão	Correio Braziliense	024
	PASSOS, Caroline	Contador de histórias	Jornal de SC	016
	PASTERNAK, Dariene	Memórias da Infância	Notícias do Dia	001
	RUY, Karine	Reencontro literário: novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina	Diário Catarinense	011
	RUY, Karine	O machado dos escritores	Diário Catarinense	013
	RUY, Karine	Bastidores da literatura: Salim Miguel reverencia autores e obras em Minhas Memórias de Escritores.	Diário Catarinense	018
	SANTOS, Marcio Renato dos	Porque tudo cabe numa única vida	Gazeta do povo	025
	SARTORI, Raul	Personalidades	A Notícia	003
	SARTORI, Raul	Personagem	A Notícia	004
2009		UM apanhado do melhor	Noticias do Dia	033
		COLONIZAÇÃO de Blumenau	Diário Catarinense	035
		SALIM Miguel e a narrativa da história	Diário Catarinense	036
		MACHADO de Assis para Salim	Rascunho	039
		SOU um jornalista que escreve ficção	Jornal Papel	041
		JORNAL importante na imprensa	Jornal Papel	042
		HOMENAGEM a Salim Miguel	Diário Catarinense	044
		PRISÃO logo após o golpe	Noticias do Dia	048
		ENCONTRO com Salim	Noticias do Dia	050
		FICÇÃO munida de precisão do reporter	Jornal do Comercio	053
	ALÃO, Alícia	Um patrono de respeito: Deonísio da Silva confirma presença na 2ª feira catarinense do livro, que inicia no próximo dia 6.	Diário Catarinense	057

ALVES, Márcio Miranda	Com a palavra	Diário Catarinense	038
BROCKSTED, Tiaraju	Longa jornada pela escuridão	Correio do Povo	055
ESPINDOLA, Marcos	MEU filho, se tu não...	Diário Catarinense	043
IENSEN, Jacqueline	Obras para serem vistas	Diário Catarinense	045
KAPPER, Letícia	Mudança desagrada setor	Notícias do Dia	029
KAPPER, Letícia	Uma vida dedicada às palavras	Notícias do Dia	051
LENHART, Felipe	E agora Salim?	Diário Catarinense	031
MACHADO, Ricardinho	QI	Notícias do Dia	059
MACHADO, Ubiratan	UM Dia, um século: A saga da colonização do vale do Itajaí no último romance de Salim Miguel	Diário Catarinense	032
PASTERNAK, Dariene	Célebre videoteca	Notícias do Dia	049
PASTERNAK, Dariene	Amigo de Salim. In: Verões de Sandrini	Notícias do Dia	056
PASTERNAK, Dariene	Origem do grupo sul	Notícias do Dia	058
PÓLVORA, Hélio	Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista	A Tarde	052
PULS, Arthur	Destaque de 2008 é de Santa Catarina	A Notícia	030
REZENDE, Dorva	O conjunto de uma obra: Salim Miguel recebe hoje no Rio de Janeiro o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras	Diário Catarinense	027
REZENDE, Dorva	O gago que dá palestra	Diário Catarinense	028
REZENDE, Dorva	Verdades de um vigia das palavras	Diário Catarinense	034
REZENDE, Dorva	Autor Premiado	Diário Catarinense	040
RUFFATO, Luiz	Revistas literárias da década de 1970 (5)	Rascunho	054
SARDÀ, Laudelino José	Talento premiado	Diário Catarinense	047
SILVA, Dionísio da	Diálogo com um outro tempo	Diário Catarinense	037
VIEGAS, Fernandes da Costa	O Salim de Biguaçu	Expressão	046

			Universitária	
--	--	--	----------------------	--

ÍNDICE POR JORNAL

A Notícia	2008		RUPERT reencontra seu cenário	010
	2008		UM século do Vale do Itajaí. In prontos para sair do prelo	026
	2008	ALVES, Márcio Miranda	Poeta catarinense Antônio Paladino recebe nova edição	015
	2008	SARTORI, Raul	Personalidades	003
	2008	SARTORI, Raul	Personagem	004
A Notícia	2009	PULS, Arthur	Destaque de 2008 é de Santa Catarina	030
A Tarde	2009	PÓLVORA, Hélio	Livro faz passeio pela personalidade e vida do contista	052
Correio Braziliense	2008	MACIEL, Nahima	Entre o árabe e o alemão	024
Correio do Povo	2009	BROCKSTED, Tiaraju	Longa jornada pela escuridão	055
	2008	RUY, Karine	O machado dos escritores	013
	2009		COLONIZAÇÃO de Blumenau	035
	2009		SALIM Miguel e a narrativa da história	036
	2009	ALVES, Márcio Miranda	Com a palavra	038
	2009	IENSEN, Jacqueline	Obras para serem vistas	045
	2009	REZENDE, Dorva	Verdades de um vigia das palavras	034
	2009	REZENDE, Dorva	Autor Premiado	040
	2009	SARDÀ, Laudelino José	Talento premiado	047
Diário Catarinense	2009	SILVA, Dionisio da	Diálogo com um outro tempo	037

	2008	ESPINDOLA, Marcos	SALIM Miguel	012
	2008	IENSEN, Jacqueline	Alma de quem escreve: os catarinenses Deonísio da Silva e Salim Miguel debatem com italiano	005
	2008	MACIEL, Nahima	Entre o árabe e o alemão: Salim Miguel lança hoje em Florianópolis jornada com Rupter...	006
	2008	RUY, Karine	Reencontro literário: novo livro de Salim Miguel retorna o olhar para a imigração alemã em Santa Catarina	011
	2008	RUY, Karine	Bastidores da literatura: Salim Miguel reverencia autores e obras em Minhas Memórias de Escritores.	018
	2009		HOMENAGEM a Salim Miguel	044
	2009	ALÃO, Alícia	Um patrono de respeito: Deonísio da Silva confirma presença na 2ª feira catarinense do livro, que inicia no próximo dia 6.	057
	2009	ESPINDOLA, Marcos	MEU filho, se tu não...	043
	2009	LENHART, Felipe	E agora Salim?	031
	2009	MACHADO, Ubiratan	UM Dia, um século: A saga da colonização do vale do Itajaí no último romance de Salim Miguel	032
	2009	REZENDE, Dorva	O conjunto de uma obra: Salim Miguel recebe hoje no Rio de Janeiro o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras	027
	2009	REZENDE, Dorva	O gago que dá palestra	028
Expressão Universitária	2009	VIEGAS, Fernandes da Costa	O Salim de Biguaçu	046
Folha de Blumenau	2008		FOLHEANDO: Livro de Salim Miguel	009
Gazeta do povo	2008	SANTOS, Marcio Renato dos	Porque tudo cabe numa única vida	025
Jornal de Santa Catarina	2008		Entre o árabe e o alemão	008
Jornal de SC	2008	PASSOS, Caroline	Contador de histórias	016

Jornal do Brasil	2008	KRAPP, Juliana	Acerto de contas, 60 anos depois:novo romance de Salim Miguel recupera anotações que o escritor fez na juventude	007
Jornal do Comercio	2009		FICÇÃO munida de precisão do reporter	053
Jornal Papel	2009		SOU um jornalista que escreve ficção	041
	2009		JORNAL importante na imprensa	042
Noticias do Dia	2008		ANOS de chumbo: Antes subversivos, hoje eles são heróis	014
	2008		OBRAS de escritores na ótica de Salim Miguel	020
	2008	BRASIL, Rodrigo	Salim Miguel inaugura o cidade contada	017
	2008	KAPPER, Letícia	Memórias de Salim	019
	2009		UM apanhado do melhor	033
	2009		PRISÃO logo após o golpe	048
	2009		ENCONTRO com Salim	050
	2009	KAPPER, Letícia	Mudança desagradada setor	029
	2009	KAPPER, Letícia	Uma vida dedicada às palavras	051
	2009	MACHADO, Ricardinho	QI	059
	2009	PASTERNAK, Dariene	Célebre videoteca	049
	2009	PASTERNAK, Dariene	Origem do grupo sul	058
	2008	KAPPER, Letícia	LETRAS em apuros	002
Noticias do Dia	2008	PASTERNAK, Dariene	Memórias da Infância	001
Notícias do Dia	2009	PASTERNAK, Dariene	Amigo de Salim. In: Verões de Sandrini	056
O Globo	2008	CONDE,Miguel	Somos o que a infância nos fez:escritor fala de novo livro e da importância da memória em sua escrita	023
Rascunho	2008		ESCREVO para ser ...	021
	2008		PAIOL literário	022

	2009		MACHADO de Assis para Salim	039
	2009	RUFFATO, Luiz	Revistas literárias da década de 1970 (5)	054